

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O AREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 4.ª a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Ameaça de grave crise no Governo do general de Gaulle por vários ministros se recusarem a acatar o plano de restrições económicas

PARIS, 8 — O Governo está ameaçado de grave crise, pela primeira vez, desde que o general de Gaulle tomou conta do Poder, há cinco meses.

Os primeiros sinais de «tempestade» apareceram ontem, quando o ministro das Finanças, Antoine Pinay, se queixou ao presidente do Conselho, de que sete ministros do seu Gabinete se recusavam a acatar as determinações impostas pela política de «austeridade económica». Pinay tem-se esforçado por convencer os outros membros do Gabinete da necessidade de reduzir ao essencial as dotações orçamentais, para que não se transforme em realidade a ameaça de nova crise inflacionária.

Todavia, segundo frisam círculos parisienses, os «avisos» do ministro das Finanças — apesar de reforçados por um relatório oficial da Organização Europeia de Cooperação

Económica, publicado esta semana, em que os seus peritos financeiros avisam a França de que «não deve abrandar a sua política anti-inflacionária» — correm o risco de ser abafados pelo alarido da campanha eleitoral, em que estão activamente empenhados 18 partidos políticos.

Os mesmos círculos dizem que, na próxima semana, o Gabinete, ao discutir o projecto de orçamento para 1959, terá que aceitar ou rejeitar as novas dotações orçamentais propostas por sete ministros, e cujo

(Continua na última página)

Há seres vivos mais perfeitos e inteligentes em milhões de outros planetas?

SEATTLE (Washington), 8. — Devem existir seres vivos, muitos deles muito mais perfeitos do que os habitantes humanos da Terra, em milhões de outros planetas do Universo — na opinião de um cientista famoso, o dr. Melvin Calvin, catedrático de Química da Universidade da Califórnia. Discursando na sessão inaugural da Universidade de Washington, Calvin citou os cálculos do dr. Harlow Shapely, antigo astrónomo de Harvard, segundo os quais cerca de cem milhões de planetas do Universo conhecido teriam começado em condições comparáveis às da Terra. Quer dizer: possuíam atmosfera semelhante e idêntico conteúdo de carbono, achando-se também a distância similar de uma estrela ou qualquer outra fonte de energia.

Como esses cem milhões de planetas de «carbono» têm aproximadamente a mesma idade da Terra — cinco biliões de anos — é de crer que neles haja, igualmente, vida celular — disse aquele cientista e acrescentou: «Uma vez que, no curso da evolução química e biológica, o aparecimento do homem à superfície da Terra ocupou apenas um fragmento pequeníssimo de tempo, nomeadamente um milhão de anos em cinco biliões, é compreensível que esperemos encontrar vida celular e talvez pré-celular e pós-humana, em muitos desses planetas».

O dr. Calvin admite que os habitantes dos planetas mencionados por Shapely sejam dotados de vista, ouvido e inteligência. — (A. N. I.).

Malogrou-se a nova tentativa com o saté'ite lunar americano que se desintegrou e incendiou sobre África 45 minutos depois do lançamento

CAPE CANAVERAL, 8 — Um foguetão «Thor-Able», portador de um satélite lunar, denominado «Pioneiro II», foi lançado no espaço esta manhã, às 7 e 31 (T. M. G.) pela Aviação.

O segundo piso do engenho foi aceso 270 segundos depois; e pareceu que o terceiro se teria acendido, como estava previsto, às 7 e 39, prosseguindo o foguetão normalmente na trajectória em direcção à Lua. O quarto piso, constituído pelo satélite e um retró-foguetão, é pra se acender a 90.000 kms. da Lua, ou seja cerca de dois dias e meio depois do lançamento inicial.

O general Donald Yates, comandante do centro de lançamento de Cape Canaveral, anunciou, depois, que os segundo e terceiro pisos foram acendidos com êxito. — (F. P.).

Primeiras notícias do malogro da tentativa

WASHINGTON, 8. — Os primeiros sinais emitidos pelo foguetão lunar foram captados, às 7 e 38, pela Companhia Internacional dos Telefones, de Southampton (Nova York). Depois, porém, começou a constatar que o lançamento do «Pioneiro II» falhara e por duas razões: o terceiro piso do foguetão não se teria, afinal, acendido; e esse mesmo piso não se separou, como devia, do segundo.

Às 7 e 59, a N. A. S. A. (Agência Espacial) confirmava que aquele piso do foguetão não funcionou como se previa, notícia que pressagiava o malogro da terceira tentativa com o satélite lunar americana.

Às 8 e 15, uma informação oficial de Cape Canaveral confirmava

que o terceiro piso não funcionou. Dez minutos decorridos, a N. A. S. A. continuava a cingir-se, oficialmente, às suas informações, provenientes da base de lançamento; e, um informador da Agência Especial afirmou que por volta das 9 e 30 deviam ser, provavelmente, conhecidos os pontos de queda dos quatro segmentos do foguetão portador do «Pioneiro II». — (F. P.).

Malogro completo

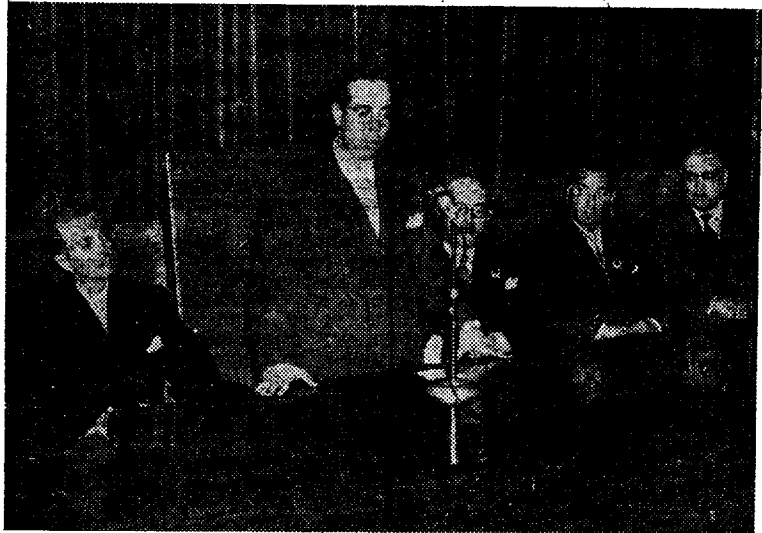
WASHINGTON, 8. — O completo malogro da terceira tentativa

(Continua na 14.ª página)

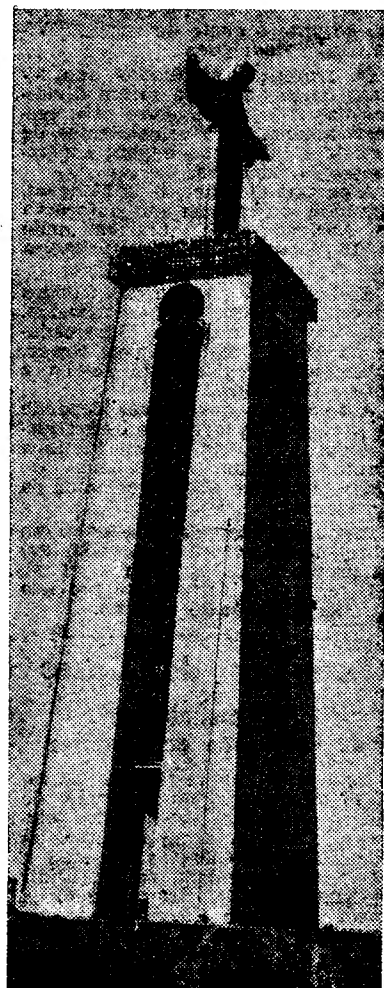
Encerrou-se esta manhã o Congresso Nacional de Estomatologia sob a presidência do ministro da Saúde

Com uma sessão solene a que presidiu o sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saúde e Assistência, encerrou-se hoje, de manhã, o I Congresso Nacional de Estomatologia. Na mesa de honra da sessão, que se efectuou na aula magna do Hospital Escolar de Santa Maria,

(Continua na página central)



O ministro da Saúde ao pronunciar o seu discurso



O monumento a Cristo-Rei, na Outra Banda, já desembaraçado de andaimes. recorta-se agora no céu, onde se projecta a estátua que encima o grande pedestal de cimento armado

O ministro da Justiça em Coimbra

COIMBRA, 8 — (Pelo telefone) — No «rápido» de Lisboa, chegou esta manhã a Coimbra, o sr. ministro da Justiça, que era aguardado na estação do caminho de ferro pelos srs. conselheiros Perestrelo de Alarcão, presidente do Tribunal da Relação, e Amaral Cabral; desembargadores daquele tribunal; outros magistrados e vários funcionários do Ministério da Justiça.

O sr. prof. Antunes Varela reuniu-se, no Palácio da Justiça, com aqueles magistrados e os organizadores da Exposição Bibliográfica sobre a Codificação do Direito Português, a efectuar ali nos próximos dias do próximo ano.

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (4)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A CARNE tem uma grande importância, como factor de nutrição, na dieta humana. Dividem-se os nutricionistas em dois grupos: os que se opõem ao uso da carne e os que a impõem em quase todas as refeições.

A agressividade dos animais que se alimentam exclusivamente de carne não é mais um argumento com cotação alta nos meios científicos, pois é conhecido que existem animais herbívoros tão ferozes como os carnívoros.

Os esquimós, por exemplo, que se alimentam de carne, não possuem maior predisposição para as doenças vasculares do que os outros ha-

bitantes da terra (W. Thomas, «Health of a Carnivorous Race»).

Os «Masai», tribo africana que vive no Equador, alimenta-se quase exclusivamente de carne e goza da fama de ser um dos mais fortes agrupamentos de todo o continente africano.

A carne estimula o apetite e é facilmente digerível, dando ao organismo uma sensação de bem-estar.

A proteína possui — repetidas vezes o tenho afirmado — um alto valor biológico. A carne, refere Hardenberg, contém consideráveis quantidades de ácidos gordos, não satu-

(Continua na 13.ª página)

Diário de Lisboa
PÚBLICA HOJE

32 páginas

nas quais se inclui
MAGAZINE

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

As comemorações do 40.º aniversário do armistício

Comemora-se no próximo dia 11 o 40.º aniversário do armistício que pôs termo à conflagração de 1914-18. Além das solenidades promovidas pela Liga dos Combatentes, cujo programa já anunciámos, haverá também comemorações promovidas pelos antigos combatentes franceses residentes em Lisboa. Nesse dia, às 10 horas, haverá missa solene na igreja de São Luís dos Franceses, celebrada pelo rev. Padre Jamet, na presença do embaixador de França, do cônsul e antigos combatentes franceses. As 11 e 30, realizar-se-á a cerimónia tradicional no consulado de França, junto da placa em que estão gravados os nomes dos Franceses residentes em Lisboa, que pereceram no campo de honra. O sr. embaixador de França assistir-á ao acto, na presença dos delegados dos antigos combatentes franceses, portugueses e belgas. No mesmo dia, às 20 e 30, os antigos combatentes franceses reunir-se-ão num banquete de confraternização.

Uma delegação dos antigos combatentes franceses participará também nas cerimónias portuguesas que se realizarão no cemitério do Alto de São João e junto ao monumento aos Mortos da Grande Guerra. A esta última manifestação, associar-se-á a embaixada de França que fará depor uma coroa de flores pelo adido militar.

Comemorações em Sintra

A delegação de Sintra da Liga dos Combatentes da Grande Guerra vai comemorar no próximo dia 11, o 40.º aniversário da assinatura do armistício que pôs fim à conflagração mundial de 1914-1918. Nesse dia, às 9 e 50, haverá uma romagem ao cemitério de Belas, onde serão depositas flores sobre as campas dos antigos combatentes ali sepultados; às 15 e 30, efectuar-se-á idêntica cerimónia, no cemitério de São Marçal, na vila de Sintra, onde se fará uma concentração, junto do monumento aos Mortos da Grande Guerra; à noite, em Queluz, realiza-se uma sessão solene, em que usará da palavra o nosso prezado colaborador sr. capitão Augusto Casimiro, que falará sobre «O esforço dos Portugueses na 1.ª Grande Guerra».

A Polícia procura dois criminosos

O inspector da 2.ª secção dr. Mário Marques Mendes e o agente Dias procuram prender Manuel Amaro Cordeiro, que há muito é procurado e que é acusado de um homicídio frustrado. Efectuaram-se várias diligências, quer na capital, quer nos arredores, sem quaisquer resultados, mas a P. J. sabe que o Cordeiro, que é filho de José Cordeiro e de Numidia da Piedade, anda presentemente por vários pontos do País, sem modo de vida definido. Anteriormente, dedicava-se à venda ambulante de fruta, na capital, mas, ao sentir-se perseguido, ausentou-se para parte incerta.

Por sua vez a 8.ª secção, realiza diligências para localizar e prender António Marques, de 41 anos, divorciado, construtor civil, natural de Figueirós dos Vinhos — Lomba de Almofala, onde residem seus pais e alguns irmãos. Em vários processos pendentes na referida corporação, o Marques é acusado de numerosos crimes de burla e falsificação. Ultimamente, por informações que a P. J. tem, a sua presença foi registada frequentemente na zona do Seixal, onde vai visitar uma filha que reside na estrada de Cheira — Ventos — Cruz de Pau.



Pequenas notícias

PELA POLÍCIA

QUEM É O MOTORISTA? — A Polícia Judiciária (3.ª secção) resolveu solicitar a comparência, na sua sede, de um motorista de táxi que no dia 1 do corrente conduziu, cerca das 2 horas da madrugada, da Travessa do Convento de Jesus ao Hospital da Marinha, um indivíduo de sexo masculino, que se fez acompanhar de duas senhoras.

PELOS HOSPITAIS

QUEDA MORTAL — Morreu hoje, na sala de observações do Hospital de S. José, onde há dias entrara, por, em Alenquer, onde residia, ter caído da sua bicicleta, o jornalista Alfredo Jorge da Costa, de 50 anos.

ATROPELAMENTO — Recolheu à sala de observações do Hospital de S. José, muito ferida na cabeça, por ter sido atropelada por um automóvel, na Calçada da Boa Hora, a empregada no comércio Gravelina Teixeira, residente na Rua do Salitre, 5, cave.

ROTARY CLUBE DE LISBOA

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, às 13 horas, na Casa do Alentejo, será comemorada a «Semana da Rotary Foundation», esplêndida e fecunda obra de solidariedade mundial, criada por Paul Harris, para a concessão de bolsas de estudo a estudantes que queiram especializar-se, acerca da qual falará o professor Candido Pedro da Silva Duarte, presidente da Comissão Distrital da Fundação Rotária.

PROGRAMAS BIBLICOS

Todos os domingos de manhã, às 10 horas, em onda curta (41 metros), a Voz Evangélica de Tanger, e às 10 e 30, em onda média (244 metros), a Rádio Tanger, transmitem emissões cristãs evangélicas em língua portuguesa.

ESCUTISMO

Em continuação das comemorações do Dia do Santo Comestável, patrono do escutismo católico, haverá, amanhã de manhã, um grande «jogo da cidade», para elementos da 2.ª secção do Corpo Nacional de Escutas, que, em seguida, visitarão a «Obra Social da Fragata D. Fernando».

«OS JOSÉS»

Amanhã, às 13 horas, haverá, na sede de «Os José de Portugal», na Rua Castilho, 17, 1.ª, um almoço comemorativo do 14.º aniversário daquele grupo onomástico.

FESTAS ASSOCIATIVAS

É hoje, pelas 21 e 30, que, na Casa do Minho, se efectua o primeiro dos bailes que constam do programa de festas daquela colectividade para o corrente mês. Será abrilhantado pela orquestra «Blue Gardenia», sendo, nos intervalos, dedicada às senhoras uma demonstração de ornamentação de mesas, pratos e travessas, levada a efeito por um consócio e consagrado artista no género.

Também hoje, à noite, haverá um baile, na Academia 1.ª de Setembro de 1867, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 142, abrilhantado pelos «Loucos da melodia», e na Sociedade Cruz Quebradense.

Para amanhã, à tarde, estão marcados bailes: na Casa do Algarve, na Rua Capelo; na Casa da Comarca da Sertã, na Rua da Madalena, 171, 3.ª, com a orquestra «Estrelas de ouro»; na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, na Avenida D. Carlos I, 61, 1.ª; na Academia Musical 1.ª de Junho de 1893, no Largo Júlio Castilho, 3, no Lumiar, com o conjunto «Donand's» e na Academia 1.ª de Setembro de 1867, com os «Indiferentes». A noite...

Camara de Comércio Internacional

Partiu para Paris, onde, vai assistir à 91.ª sessão do Conselho de Camara do Comércio Internacional, o sr. Carlos Mantero, presidente da delegação portuguesa e vice-presidente daquele conselho.

O conselho será informado dos resultados da conferência diplomática para a revisão da Convenção de Paris sobre a protecção da propriedade industrial, que recentemente se reuniu em Lisboa, e para a qual muito contribuíram os trabalhos da Camara do Comércio Internacional.

Município de Torres Novas

Foram nomeados presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Torres Novas, respectivamente, os srs. dr. Evaristo Baptista de Matos Branco e Fernando Nuno Martins da Cunha.

te, haverá também um baile, na Casa do Concelho de Tondela, na Rua dos Anjos, 86, 2.ª, e na Casa da Comarca da Sertã, e na de Figueirós dos Vinhos.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um compasso de desenho; um escudete de automóvel; três agulhas de fazer malha; um relógio de pulso, de senhora; caixas com sapatos; uma pulseira em ouro com uma medalha; três caixas de penhores; um «abat-jour»; um cartão de estivador de Francisco Maria de Oliveira M.; uma pasta com lápis e vários objectos; outra com canetas esféricas e livros de apontamentos; e outra, ainda, com livros da 2.ª classe; uma guia de passagem em 3.ª classe da C. P., fornecida pela Misericórdia de Lisboa, em nome de Manuel Mendes Coelho; um porta-moedas com di-nheiro; um alicate e ferro de desmontar pneus; a cédula pessoal de José Dinis Pereira de Abreu; um livro de relatórios de contas da A. F. de Lisboa; dois bonés de homem e um apito em metal; duas luvas de simonadas; um tampão de roda de automóvel; argolas com chaves e várias chaves; uma pulseira de fantasia, encontrada num «táxi»; uma quantia em dinheiro, referente ao troco de um serviço prestado por um «táxi».

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas, o seguinte: um embrulho com uma camisola de homem; um embrulho com bacalhau; uma mala de senhora com tesoura, batons, etc.; uma máquina de furar; um estojo com «Phillshave»; uma camisola de criança; um saco de cabedal com objectos de criança; uma caneta de tinta permanente; uma lapiseira; uma lancheira contendo roupa usada; uma taça de prata; e carteira de homem com dinheiro e carta de condução de Casimiro Félix Alcaide.

Os «ratos» de automóveis em Lisboa

Os «ratos» de automóveis, apesar da intensa vigilância da Polícia Judiciária, continuam as suas proezas, algumas delas por processos rocambolescos.

Assim, na 6.ª Secção da referida Polícia está em instrução um processo motivado pelo desaparecimento de uma moto, marca «Triumph», modelo «Tiger», azul, e com a matrícula L L 14-61. Apesar das diligências até agora levadas a cabo, ainda não foi possível a sua apreensão. A P. J. presume que o referido veículo tenha sido transaccionado e conduzido para a Província.

Mas a acção dos ladrões faz-se ainda sentir de maneiras diferentes, não só pelo modo como são praticadas as suas proezas, como também pela variedade de objectos que vão sendo apreendidos e que se encontram depositados na arrecadação da P. J. Entre eles contam-se agora vários artigos, nomeadamente malas de viagem, gabardinas, roupas de senhora, guardas-chuva, pastas de cabedal e uma cigarreira. Podem ser identificados na 5.ª Secção (agente Fausto).

Por outro lado, as brigadas externas da P. J. prenderam esta madrugada o cadastrado Ernesto Rosa Moreira, que foi surpreendido na Rua Sidónio Pais, junto de diversos automóveis que ali se encontravam estacionados e eram alvo das suas atenções. No momento da captura foi-lhe apreendido um ferro apropriado para forçar as portas dos automóveis.

Conduzido à sede da P. J., e interrogado, o Ernesto confessou ter praticado durante a última semana vários roubos em carros que se encontravam estacionados na Rua Pinheiro Chagas e na Avenida Miguel Bombarda. Como não tem modo de vida definido e ainda por que existem mandados de captura da Comarca de Ponte de Sor, a Secção Central, além dos processos-crimes, está ainda a instaurar-lhe os competentes processos de segurança, por vadiagem.

Mocidade Portuguesa

Começou hoje a XII prova de aptidão do graduado

Começou hoje e termina amanhã, com o regresso a Lisboa, dos filiados, a 12.ª prova de aptidão do graduado, promovida pela Delegação Provincial da Estremadura da Mocidade Portuguesa, e que este ano se efectua na Serra de Montejunto, sob a direcção do sub-inspector José Maria Breixial Janeiro, tendo como adjunto o chefe de serviços Victor Hugo Rodrigues.

Os trezentos graduados que tomam parte na prova foram divididos nas categorias «A» e «B», respectivamente para comandantes de Castelo e de Grupo e para comandantes de bandeira.

A partida efectuou-se às 14 horas, seguindo os rapazes em autocarro até Abrigada e Vilar-Cadaval, onde às 16 horas começou a primeira fase da prova.

Assistiram à partida dos filiados os srs. dr. Leopoldino de Almeida, delegado provincial da Estremadura da M. P., major Sales Grade, subdelegado regional de Lisboa e outros dirigentes.

A sequência das provas depende da natureza do terreno e os graduados pernoitam em acampamento a montar próximo de Cabanas do Chão, onde será acesa a «Chama da Mocidade».

Amanhã, depois de uma missa em Abrigada, começará a segunda fase da prova.

O regresso a Lisboa está previsto para as 20 horas de amanhã.

Reuniões de Curso

Antigos alunos da Faculdade de Ciências

Esta noite, no restaurant Alvalade, reúnem-se num jantar de confraternização, setenta dos alunos que frequentaram os cursos da Faculdade de Ciências de 1923 a 1928. Será convidado para presidir ao jantar o dr. José Mendonça Costa, reitor do Liceu Bocage, de Setúbal, que, ao tempo, foi o presidente da Associação Académica. Entre os que estão inscritos, contam-se o nosso prezado camarada na Imprensa, dr. Fernando Teixeira chefe de redacção do «Diário Popular».

«As bodas de prata» de um curso médico

Comemorando as suas «bodas de prata», o curso médico que concluiu a sua formatura há 25 anos fez de hoje um dia de confraternização. De manhã, o curso visitou a Faculdade de Medicina e apresentou cumprimentos ao seu director tendo, depois, o prof. dr. Cid dos Santos proferido uma alocução subordinada ao título «25 anos de vida médica».

A noite, no Estoril, realizar-se-á um jantar de confraternização.

Curso jurídico de 1933

A reunião do curso jurídico que concluiu a sua formatura na Faculdade de Direito de Lisboa, em 1933, foi adiada para o dia 22.

Parque de estacionamento

nos Restauradores

No prosseguimento da remodelação da Praça dos Restauradores, passou a funcionar o parque de estacionamento que ali existia, na medida em que o seu estado actual o permite. Quando da sua interdição, por motivo das obras, foi substituído, com carácter provisório pelo que está funcionando na Praça D. Pedro IV. Este manter-se-á, porém, até que seja possível o aproveitamento integral do da Praça dos Restauradores.

CASINO

APRESENTA UM GRANDE ESPECTÁCULO DE «MUSIC-HALL»

BAILADOS PORTUGUESES de FERNANDO LIMA em «ALENTEJO»

O fantasista SHERRIER

Os artistas portugueses

Trio Odemira

A desopilante atracção

Jo, Jack e Joni

com o seu inconfundível humor inglês

Marcel Amont

O êxito monstro do Olympia de Paris

3 — ORQUESTRAS — 3 (Adultos — Maiores de 17 anos)

AMANHÃ

«MATINÉE» com todas as atracções. — Chá completo Esc. 25\$00

ESTORIL

STUDIO 4

COGNAC

MARTELL

Festivos e Cinemas

«O Diário de Anne Frank», no Trindade

Não há tarefa tão grata aos homens de boa vontade ou, mais restrita e concretamente, no caso presente, a todos os que amam o teatro e a sua (tão protelada e dificultosa) reabilitação entre nós, como a de reconhecer e incentivar as iniciativas bem sucedidas. E temos de convir desde já em que, com tudo aquilo que nos traz de muito bom e de menos bom, a versão portuguesa do «Diário de Anne Frank», que o Teatro Nacional Popular ontem levou à cena do Trindade, representa efectivamente um esforço logrado, um espectáculo de modelar dignidade. Empresa difícil, melindrosa, que teria de esclarecer um crepusculo de desconfiança, de augúrios pessimistas. E isso aconteceu afinal, com seu quê de milagre, como todas as coisas verdadeiramente belas, logo que, amplificada pelo alto-falante, a voz, gravada, da narradora, de Maria Armada, de hoje em diante a «nossa» Anne Frank, encheu o teatro com a sua dramática pureza. Se é certo que Frances Goodrich e Halbert Hackett conseguiram teatralizar, sem o trair, esse singular testemunho — único na história da literatura — de uma consciência

em gestação, na fase delicadíssima do transito da infância para a adolescência, sob a pressão das mais anómalas, asfixiantes, circunstâncias, um cometimento de menor grau, mas igualmente importante (teatro é a conjugação perfeita de quantos se propõem levar ao palco a vida ficta e iluminada pelo símbolo) restava ao encenador português, mesmo aceitando a lição de Garson Kanin: o de salvar, a todo o transe, a trágica naturalidade de um documentário mais interior que exterior, defendendo-o da ênfase, que tudo houvera comprometido. De um modo geral — e mereço também da descoberta, essencial, de uma pequena actriz de impressionante talento — esse propósito vingou. Assim comunica connosco este «Diário de Anne Frank», plasticizado em dois actos, que correspondem aos dois tempos da estranha e comovedora menina-mulher, através dos dez quadros em que lentamente se desdobra, entrecortada de choques, a existência promíscua daqueles oito israelitas perseguidos e, em último recurso, enclausurados num sótão de Amesterdão; assim nos penetra dolorosamente a mensagem, o



As figuras da peça «O Diário de Anne Frank», vistas por Fernando Bento

humaníssimo registo daquela «gracia» especial da infância, daquela tumultuante e luminosa alegria que nem as mais amargas contingências podem mirrar. Pois todo o fundo da acção, todos os laços que entre as personagens secundárias se enartecem, suas questões terríveis avolumadas pelo pânico, pelo excesso deteriorante de convívio, pela egoísta necessidade de sobrevivência, seus rasgos de elegância moral, de piedade ou de aflição baixa, tudo isso mais não é ainda do que o parado cenário onde uma adolescente, progressivamente e profundamente, descobre, entre a candura e o cinismo (entendido este, na acepção helenica, como expressão total da verdade) mais autênticos, os grandes segredos da existência. E' agudíssimo nesta peça, como no Diário que ela, ansível e rigorosamente, ilustra, animando-o no palco, o desvendar psicológico das figuras: os pequenos vícios que se soltam, as pobres «maneiras» que se corrompem, as virtudes que, em contrapartida, se acendem naquele

(Continua na página seguinte)

O incidente

com a cantora

Maria Callas

LOS ANGELES, 8 — A cantora Lionie Rysanek, actualmente nesta cidade integrada na companhia de ópera de San Francisco, foi contratada para substituir Maria Callas, na Ópera de Nova York.

«Quando o empresário Rudolph Bing me telefonou ontem — declarou a cantora — mostrava-se muito aborrecido pelo incidente com Maria Callas. Bing já me contratara para cantar óperas italianas, como «Aida» e o «Don Carlos». Pediu-me agora que o ajudasse indo a Nova York cantar a «Macbeth».

Lionie recusou-se a comentar o incidente Callas-Bing, mas declarou que não compreendia a afirmação da Callas de que era uma «artista» e não trabalhava para viver. «Todos nós ganhamos dinheiro, mas somos todos artistas». — (A. N. I.).

Morreu um Português

na Venezuela

mordido por um cão raivoso

CARACAS, 8. — Ontem, 34 pessoas foram mordidas por cães danados, o que eleva a 78 o numero conhecido das vítimas, desde o começo da semana. Se, de modo geral, os indivíduos mordidos puderam ser tratados a tempo, há, porém, dois casos tristes: o de um Português de 27 anos, que não tendo o cuidado de se vacinar depois de ser mordido, veio a falecer no hospital, depois de longas horas de sofrimento atroz, e o de uma criança de 6 anos, que morreu ontem em circunstâncias idênticas.

As autoridades tiveram de se decidir a mandar abater todos os cães vadios da cidade e dos arredores, calculando-se que somam muitas dezenas de milhares. — (France Presse).

Prisão de um empregado que lurtava dinheiro da obra onde trabalhava

Constantes desaparecimentos de dinheiro comprometiam há tempos o encarregado de uma obra na Amadora, sr. Francisco Dias, e alguns operários que ali trabalhavam. Muito aborrecido com o caso e desejoso de salvaguardar a honrabilidade do seu passado, o sr. Dias resolveu investigar por sua conta, servindo-se de um estratagemas que estudou e que lhe proporcionou um verdadeiro êxito. Depois de algumas tentativas malogradas, para apurar quem ia ao local onde se guardava o dinheiro, o sr. Dias resolveu marcar todas as notas com uma cruz a tinta azul. O ladrão não se apercebeu da armadilha e acabou por cair nela.

Foi o empregado Francisco Rocha, que em determinado dia solicitou autorização para abandonar o trabalho mais cedo, para tratar de assuntos da sua vida particular, o que lhe foi concedido. Simplesmente, a saída sucedeu-lhe o imprevisto. Foi-lhe passada revista e nos bolsos encontraram-lhe diversas notas marcadas.

Já não seguiu como era de prever o seu destino, pois foi solicitada a intervenção da Polícia Judiciária, que se encarregou logo do caso.

A participação de queixa foi então distribuída à 5.ª Secção (agente Airosa, a quem o Rocha primeiramente negou as suas proezas. Mas os factos eram tão concretos, que, após ter caído em diversas contradições, confessou a sua actividade desonesta.

O processo seguiu hoje para o Tribunal da Boa-Hora.

O conflito

com os aviadores

brasileiros

RIO DE JANEIRO, 8 — Falando na Camara Federal, o deputado João Pálenes, do Partido Social-Progressista, atacou violentamente os oficiais das Forças Aéreas, tornando-os responsáveis pela crise que acaba de se declarar.

Sublinhou a falta de disciplina desses oficiais e concluiu pedindo que as Forças Aéreas sejam colocadas sob o comando da Marinha e do Exército de Terra.

Carlos Lacerda, «leader» da opposição, respondeu com o mesmo vigor e acusou o general Teixeira Lott de ter sido nomeado para gerir interinamente o Ministério da Aeronáutica com o unico objectivo de enxovalhar os oficiais aviadores, esclarecendo que o plano fora premeditado. — (F. P.).

A SORTE GRANDE

é sempre caprichosa

PARIS, 8. — Uns vinte colaboradores do «Paris-Presses» ganharam 75 milhões de francos (uns 200 contos) na Lotaria Nacional.

Os caminhos da sorte são curiosos: o professor de cultura física de Cannes, Joignant, veio a Paris, a fim de protestar na redacção da «quele jornal», que lhe prometera, há seis meses, um artigo sobre o seu invento, «um submarino sem hélice».

Depois de ter posto os pontos nos iii, Joignant foi almoçar com um jornalista, o qual, ao aproximar-se um cauteleiro, lhe pediu: «Escolha uma cauteleira para mim e para os colegas. Você é do Sul e, no Sul, as pessoas, têm geralmente, a mão certa para estas coisas». — (F. P.).

Autoridades administrativas

VIANA DO CASTELO, 8 (Pelo telefone). — O governador civil do distrito, engenheiro Reis Faria, deu posse, do cargo de presidente da Camara Municipal de Paredes de Coura, ao sr. António José da Cunha Barbosa, proprietário e comerciante. Estiveram presentes ao acto os srs. dr. Araujo Novo, da Comissão Distrital da União Nacional, pároco Bruno Joaquim da Cunha da Comissão Concelhia e outras entidades. Usaram da palavra os srs. engenheiro Reis Faria, João Sequeiros, dr. Araujo Novo e o empossado.

Cafés
d'A Mariazinha

Sal de Fruta

ENO

da

boa saúde



todos os dias!

ECONOMIZE!
Lembre-se na próxima vez
que comprar Sal de Fruta
ENO que o frasco largo
é mais económico.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para
manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas,
estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE
FRUTA

ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas



HOTEL EMBAIXADOR

no «TERRAÇO DAS ESTRELAS»

HOJE, às 23 e 30, ESTREIA DO

TRIO BOREAL

E ULTIMA EXIBIÇÃO DE

RINO SALVIATI

(Adultos — Maiores 17 anos)

Na «COZINHA ALENTEJANA»

HA: EMENTA
BOLARIA
PESSOAL
E AMBIENTE

DO ALENTEJO

UNICO RESTAURANTE PROVINCIAL EM LISBOA

Recomenda-se a marcação de mesas, que serão respeitadas até
às 20.30 horas, para jantar

Av. do Aeroporto, Lote 66 — Telef. 727071 — LISBOA

«ENCERRA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS»

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

ca, tão clara e preciosa em nossos dias, flutua, inclusive nos momentos mais amargos, sobre a acção, envolve as palavras e os gestos, brilha, por exemplo, mais do que a luz real, as cenas de vaga e como que não específica religiosidade, que transcende a sua leve tinteira, acidental, de judaísmo. Religião de paz e de amor, de esperança e de verdade, corporal e espiritual, é bem a de Anne Franck.

Se a jovem Maria Armada, que apenas conta treze anos, foi a pedra de toque da representação, trazendo, com uma disciplina e uma intuição admiráveis, toda a exuberância, a pureza natural, a seiva, a força de carácter, o desabrochar de feminilidade da figura de Anne Franck, através de cuja análise as outras figuras, obrigatoriamente em segundo plano, se erguem e se compõem, vultos que são ainda o universo dela — não devemos tão-pouco calar o quanto esta peça deve ao trabalho exemplar de artistas

como Francisco Ribeiro, quase inextinguível no modo como recorta a silhueta atrabiliária, pitoresca, do dentista Dussel, com uma simplicidade de processos que acentua, dentro de um realismo incisivo e adequadamente cómico e enérgico, o abismo entre a criança, ou a sua visão, e os quistos do adulto, sua corte de pífios fantasmas, de rotinas.

O mesmo se pode dizer, por exemplo, de Isabel de Castro (nem sempre os papéis pequenos resultam os menores), que inteligentemente sacrificou todo o brilhantismo de que é capaz, com facilidade, a um exacto tom baço de movimento e de expressão, no papel da irmã bondosa e neutra, insulada na sua docilidade, sem poder comungar com ninguém naquele sótão onde o pavor chega a insinuar um desejo de explosão, de solução brutal, seja ela qual for. Não menos rigoroso e meritório é o trabalho, tão espinhoso, de Canto e Castro, obrigado a meter-se na pele (e até fisicamente o consegue) de um rapaz de dezasseis anos, tímido e doce, com repen-

tes de violência, cioso dos seus afectos e segredos, o companheiro eleito de Anne, seu par na nobreza ingênita, paralelo anseio que com ela, em dois beijos castos, apetece o amor.

Ingrato, pelos escolhos que oferecia, era o desempenho de Otto Franck, o homem sempre serenamente corajoso e alinhado perante a adversidade, sempre compreensivo, tão puro e realizado, sobretudo tão natural, como ser humano, que a todos infunde um afectuoso respeito, e que os guia até ao momento da irremediável denúncia, através dos sobressaltos e os terrores daqueles dois anos, o pai a cuja branda luminosidade Anne apaixonadamente se acolhe, na fase de hesitação inconsciente em que o complexo de Edipo a domina, no seu tatear de menina inquieta e vibrante. Essa figura, deu-a amiúde Fernando Gusmão — quer-nos parecer —, com excessivo sublinhado de gesticulação dramática, fugindo à sobriedade do plano em que devia fosforescer tão-sómente a firme bondade da

personagem, mais esbatidamente, ou a dor funda do homem tranquilo, e sempre em relação mais íntima com Anne, mesmo no prólogo funcional da peça, que talvez requeresse um alicamento fantasmático.

Tal não significa, entretanto, negação do talento com que Fernando Gusmão criou essa figura, senão apenas um reparo àquele desajuste de tom, a uma dissonância que prejudica, aqui e além, o ritmo e o alcance comunicativo da peça.

Maria Lalande, pelo contrário, sendo habitualmente propensa aos grandes lances histriónicos, num estilo que se nos afigura hoje ultrapassado, soube quase sempre conter-se dentro dos limites austeros da personagem da mãe, sugerindo a tensão que a domina e a silencia, excepto nos trechos em que a «fúria» era de rigor. Costa Ferreira — não há intenção hierárquica nesta ordem de improviso — muito certo e mesmo por vezes cintilante, na justa medida, em sua composição do sr. van Daan, o mais fraco, o mais trivialmente pecaminoso e brutal, o mais grosseiro, mas tão humano, dos oito sequestrados voluntários de Amesterdão. E ainda — longa vai já a resenha — uma menção de louvor para Luís de Campos, um correcto Kraler; para Fernanda de Sousa, a sr.ª van Daan; para Ligia Teles, de tão fresca e elegante presença.

Sendo a encenação, no geral, excelente, com uma qualidade profissional e um esculpido, uma compreensão dos cambiantes que fazem honra a Francisco Ribeiro e trazem o seu selo, haveria, no entanto, restrições a fazer-lhe, das quais, posto que outras vão já implícitas no que ficou dito, apenas aqui se aponta a chocante falta de transição na passagem de Anne Franck (quando dialoga com o pai) da vigília para o sono, em que bruscamente mergulha, quase sem atenuação da voz, com espanto do espectador. Quanto ao cenário múltiplo, humilde, mas atiladamente, herdado de Boris Aronson, há que registar ainda, com incondicional aplauso, o nome de Reinaldo Martins, que o realizou. Os efeitos luminosos, ao serviço das mais ténues intenções emocionais, são sempre felizes. Limpa e expressiva sempre oral, a parte uma ou outra minúcia discutível, a tradução de Luís Galhardo e Francisco Mata.

Termina a peça com uma frase magoada e lindamente bela (pouco importa que não seja o remate do «Diário» de Anne Franck, uma vez que lhe resume, de certo modo, o espírito contínuo):

«Apesar de tudo, eu continuo a acreditar na bondade humana». Frase que acende no nosso espírito a comovida lembrança dessa jovem debilitada, que acaso teria sido uma genial romancista, se no campo de concentração de Bergen-Belsen não houvesse expiado com a morte, sem outro motivo que o de ter nascido judeu, a irracional ansia de afirmação e de poder do mais arrogante nacionalismo autoritário do nosso turbado século.

U. T. R.

O chefe do Estado assistiu a esta estreia do «Diário de Anne Franck», que colheu uma das mais fartas e auspiciosas searas de aplausos com que entre nós se tem iniciado uma temporada teatral.

Atrás do reposteiro

Está assente que o actor João Villaret reaparecerá no Teatro Monumental, na interpretação da principal figura duma peça inglesa, ainda sem título português.

—Para a companhia do Teatro Avenida, está a traduzir uma peça americana o jornalista Redondo Junior.

—Deixou de fazer parte do elenco do Teatro de Gerifalto, a actriz Fernanda Montemor.

—O actor Mário Pereira, substituirá o seu colega Luís Filipe, no desempenho da comédia «O mentiroso», em cena no Teatro Avenida.

Este actor volta para a companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

—Vasco Morgado, projecta estreitar no mesmo dia a peça «Gigi», no Teatro Monumental, e a comédia «A rainha do ferro-velho», no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.

—Depois de amanhã, segue para Paris o tenor Tomé de Barros Queirós, que ali fará uma gravação de discos.

—Para a companhia portuense de revistas, foi contratada a actriz Nantília de Oliveira, que amanhã parte para o Porto, a fim de come-

çar a participar dos ensaios da revista «Canção dos Portos».

—«Aqui é Portugal» e «Isto é Brasil», são os títulos dos finais de acto da revista em ensaios no Teatro Variedades.

—Parte na próxima semana para Marrocos a actriz brasileira Wilma Palmer.

—Está ainda em Lisboa e devem partir amanhã, para o Porto, o actor Rui Metelo, que faz parte da companhia portuense de revistas.

—Alina Vaz está indicada para fazer parte do elenco duma companhia de declamação.

Primeiras exhibições

«A sede do mal» no Eden e no Roma

Deixaram que Welles terminasse o filme e deram-lhe alguma liberdade de acção.

Depois, acrescentaram-lhe algumas imagens (Vargas e a mulher no «hall» do hotel) e fizeram-lhe largos cortes (diálogos Quinlan-Vargas, Menzies-mulher de Vargas, Quinlan-Menzies).

Welles viu pela primeira vez o seu filme no Festival de Bruxelas, apesar da firma produtora ter afirmado que a obra «não tinha categoria de festival».

«A sede do mal» não é a obra mais funda, sólida e poderosa de Welles nem este o quis. A acção foi-lhe imposta e Welles trabalhou-a, desfigurou-a para a tornar aceitável.

É uma história policial, ou melhor, antipolicial, na medida em que denuncia os abusos da Polícia, que podemos mesmo identificar com todos os poderes ditatoriais. Welles (em entrevista nos «Cahiers du Cinéma») afirma que «no mundo moderno devemos escolher entre a moral da lei e a moral da simples justiça, isto é, linchar alguém ou deixá-lo livre. E esclarece: «Quinlan preocupa-se mais em assassinar em nome da lei que em levar os culpados à justiça e este é um argumento fascista».

Em «A sede do mal» encontram-se, enfrentam-se e lutam dois tipos humanos, Quinlan (Welles, o polícia corrupto, com alguma grandeza) e Vargas (Heston, o polícia correcto, menos humano na medida em que é um herói puro).

Quinlan, o anti-herói, é o mais formidável e, de certo modo, o mais simpático. Welles dá razão a Heston mas a sua simpatia vai para Quinlan. O filme é profundamente moral e pode até dizer-se uma fábula.

Welles mostra-se um actor enorme e um realizador total no uso da linguagem cinematográfica, na aplicação de um «suspense» menos lírico, o de Hitch e muito mais musculado, no ritmo, na própria trucagem (diálogo no automóvel), na condução dos actores (todos admiráveis, desde um Heston sóbrio, de uma Vivian Leigh frágil e docemente erótica a uma Marlene silenciosa e a um Akim Tamirof prodigioso). O filme é barroco, accidentado e veloz.

Peça interessante mas não essencial no universo de Welles «A sede do mal» violenta-nos e empolga-nos. — Visor 100.

No Monumental

estreia-se hoje o Teatro do Gerifalto

A empresa Laura Alves e o Teatro do Gerifalto, com subsídio do Fundo de Teatro e sob a direcção artística de António Manuel Couto Viana, inauguram hoje a terceira temporada de espectáculos infantis e juvenis no Monumental, que tanto interesse despertam sempre na gente de palmo e meio.

Estes espectáculos realizam-se, a partir de hoje, todas as tardes às 13 e 15, nos sábados, domingos e feriados, para maiores de 4 anos e a preços populares desde 500.



LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32389
Maiores 7 anos
Hoje (até de madrugada) cantam BAPTISTA MARTINS o cantor mais pequeno — Alice Magina —

Joaquim Geraldes — Aurora Sobral — Odete Rosa e João Viana Vianinha. Acompanhamentos por: António Couto e José Inácio. Amanhã — Grandiosa «matinée»

SEMPRE O
MELHOR EM
MUSIC-HALL

A SENSACIONAL NOVIDADE DE QUE TODOS FALAM!

A FAMOSA PARELHA ITALIANA

SANDRO y MARISA

A MAIS EXTRAORDINÁRIA ATRACÇÃO EM FANTASIA
ACROBÁTICA APRESENTADA EM PORTUGAL

EM VIBRANTE EXITO:

O maravilhoso
e escultural

BALLET MILOS RISTIC

A formosa
vedeta

MARIA DEL SOL

Em admiráveis
baillados

A notável
parelha

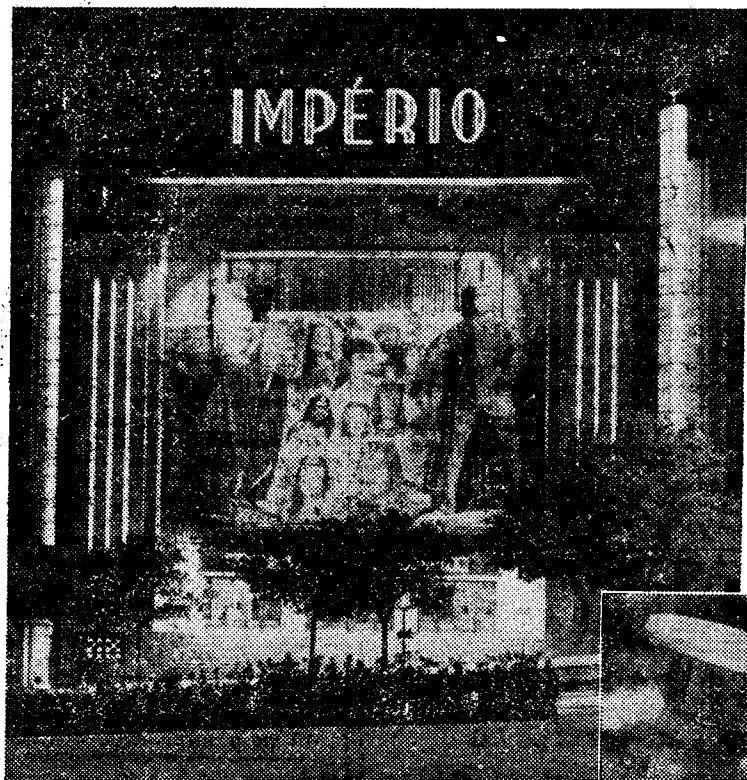
HERMANOS ANTUNEZ

Em baile
espanhol

Permanente música
de baile por

SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Pela primeira vez em Portugal...



Para a iluminação dos grandes painéis de publicidade ao filme «OS DEZ MANDAMENTOS», foram preferidos, pela Direcção Técnica do «CINEMA IMPÉRIO», as novas lâmpadas reflectoras PHILIPS, de vidro prensado resistente às intempéries.

... foram utilizadas
lâmpadas-reflectoras
«ATTRALUX»-SPOT



LÂMPADAS
«ATTRALUX»-SPOT
E
«COMPTALUX»-FLOOD
P H I L I P S

Para que tanto segredo?

Há em Paris e em Londres caves existenciais que despertam a curiosidade de muitos milhares de pessoas. Mas, Lisboa tem uma das mais lindas caves existenciais do Mundo e poucos são os Portugueses que a conhecem ou sabem que, efectivamente, existe. Foi graças à sua grande imaginação que o grande artista Vasco Costa, que vive em França há muitos anos e veio passar as suas férias ao Estoril, criou em Lisboa um recanto encantador. Um grupo de amigos dos proprietários do Bar D. Quixote, pediu-lhes autorização para divulgar este segredo e dizerem a todos os Portugueses que no subsolo de Lisboa e dentro do Bar D. Quixote — Rua da Trindade, 9, existe de facto uma cave digna de uma grande capital e que tem já uma frequência das mais selectas de Lisboa.

Merecem, pois, os melhores elogios os proprietários do bar, que são dignos de um grande êxito, por tão interessante iniciativa.

NO
AVENIDA

T. 27273
A's 21.45 h.
A EMPRESA
LAURA ALVES em colaboração
com GIUSEPPE BASTOS
apresenta
UM ESPECTACULO
HILARIANTE
da maior dignidade artística

O MENTIROSO

de CARLO GOLDONI
e ainda o prólogo de
MATOS SEQUEIRA
TRES PERSONAGENS
A PROCURA DE UM PAPEL
pela companhia do
"TEATRO DE SEMPRE"
Subsidiada pelo Fundo de Teatro

AMANHÃ
às 16 horas

Espectáculo
à tarde!

P. maiores
de 17 anos



Mário Pereira

Leiam o jornal humorístico

fixe

RITZ
CLUB

ADULTOS (maiores de 17 anos)

MUSICA DE BAILE POR
VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALAO TIPICO:
NOTAVEL SERVICO DE CRIAS
COM FADOS E GUITARRADAS

O «DANCING» DAS MULTIDÕES APRESENTA
UM ELENCO DE GRANDES ATRACÇÕES COM

A MAIS QUERIDA DAS VEJETAS EM VIBRANTES SAPATEADOS

CHIQUI RODRI

A MAIS SURPREENDENTE REVELAÇÃO DO ANO:

LOS GRANADOS

UMA PARELHA DE BAILE QUE MERECEU A HONRA DE SER
DISTINGUIDA COM UM LOUVOR OFICIAL, NA BELGICA

E, AINDA, OUTROS EXTRAORDINARIOS EXITOS!

HOJE

EM ESTREIA:

A notável e esbelta bailarina

MARY MERCEDES

2.ª FEIRA — ESTREIA

A esculptural vedeta negra

RITA

A rainha do «Rock and Roll»
em novos ritmos alucinantes

Coliseu

TODAS AS CRIANÇAS

podem ir esta noite ao
Coliseu ver a sensacional
companhia internacional
de circo. Amanhã, dois
espectáculos à tarde

Esta noite, todas as crianças podem aplaudir a sensacional companhia internacional de circo do Coliseu. Avalanche de superatracções. Espectáculo no ar e em terra. Palhaços, acrobatas, chineses, jongleiros, equilibristas, aramistas, perchistas, cães, futebolistas, homens-rãs, escadas rolantes, e muitos outros fenómenos. Amanhã domingo dois espectáculos às 14 e 30 e 17 e 15, com entrada gratuita às crianças, até aos 10 anos, devidamente acompanhadas. A noite às 21 e 30

CAFÉ
CHAVE D'OURO
Salão de Chá

das 17.30 às 20
e das 22.30 às 3.30

Musica de dança
pelo dinamico conjunto
«VERA CRUZ»

Com o vocalista
JULIO AMARAL

Maiores de 15 anos

Cartaz dos Cinemas



TEL. 27171

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA

A maravilhosa, deslumbrante e encantadora comédia de amor em technicolor

INDISCRETO

com Ingrid Bergman e Cary Grant



TEL. 20768

A's 15.30 - 18.30
e 21.30

Um filme empolgante

A SEDE DO MAL

com Charlton Heston e Janet Leigh
O realismo esmagador de ORSON WELLES, num filme inesquecível.
Adultos — (Maiores de 17 anos)



TEL. 72523

15.15 (p. r.)
e 21.15 (M/17 anos)
2.ª SEMANA

A obra imortal de Victor Hugo em Technicolor-Technicolor

OS MISERAVEIS

com Jean Gabin, Danielle Delorme e outros



telefone 76.000

15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA

Com a e ceram-se... sabiam que não deviam... mas não puderam resistir

INDISCRETO

com Ingrid Bergman e Cary Grant
Technicolor



telefone 47102

15.30 (p. r.)
e 21.45 (M/12 anos)
9.ª SEMANA

O mais belo romance musical

A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com Sara Montiel e Rat Vallone



TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)

Vittorio de Sica e François Arnoul

no famoso filme francês
SEGREDO DE ALCOVA

Amanhã às 11 h. — S. Clás. «Escrito no vento» — (M/17 anos)



TEL. 26301

15.15 e 18.15
e 21.30 (M/17 anos)

Outro êxito de sensação

com Gregory Peck e Joan Collins em
VINGADOR SEM PIEDADE

A brutal aventura de um homem ultrajado — (Cinemascopo)



TEL. 55131

A's 15 e 21 h. (M/17 anos)

2.ª SEMANA
O maior acontecimento da cinematografia europeia

OS MISERAVEIS

com Jean Gabin, Danielle Delorme e outros

Technicolor — Technirama



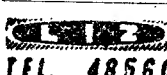
Telefone 26203

15.15 - 18.15
e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA

Um espectáculo gracioso, alegre e sentimental

O PINÇA AMOR

com Pedro Infante e Rosita Quintana
Boas canções, boa disposição e situações complicadas.
Bilhetes à venda para toda a semana



TEL. 48560

A's 21 (M/17 anos)

SAYONARA
Complementos seleccionados



21.30 (M/17 anos)

Cinemascopo
O AMOR

SUBIU DE PREÇO
com José Ferrer



TEL. 55144

A's 15 e 21 h. (M/12 anos)
6.ª SEMANA

O maior acontecimento da história do cinema

OS DEZ MANDAMENTOS

de CECIL B. DE MILLE
com um elenco fabuloso
— Rigoroso Exclusivo

Amanhã às 11 h. — Ses. Cine-Clube
«As noites brancas» — (M/17 anos)



BALÇO 54154
PIATELA 54152

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA
O maior acontecimento cinematográfico

KENNETH MORE em
A TRAGÉDIA DO TITANIC
Um exclusivo deste Cinema



Telefone 12778

15.30 e 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/17 anos)

Um filme escrito, dirigido e interpretado por Orson Welles

A SEDE DO MAL
com Charlton Heston, Janet Leigh



Telefone 11472

21.15 (M/17 anos)

AS NOITES DE CABIRIA
c/ Giulietta Masina



TEL. 445037

A's 21 (M/17 anos)

Vistavision
O HOMEM QUE FAZIA CHOVER
com Burt Lancaster
Capitão Smith



Telefone 14194

A's 21 (M/12 anos)

O GRANDE CARUSO
O caminho do diabo



TEL. 20017

A's 21 (M/17 anos)

ESCOLA PARA CASADAS
Paulo e Carolina

* HOJE, ÀS 21.45 HORAS *

Adultos maiores 17 anos

Esta peça, apesar de continuar a esgotar as lotações, entrou em

5.ª e

último mês, devido a compromissos tomados com o empresário Rocha Brito, do Teatro Sá da Bandeira, no Porto

Amanhã, espectáculo à tarde às 16 h.

A SEGUIR: a peça francesa de COLETTE
«GIGI»



LAURA ALVES

A RAINHA DO FERRO-VELHO

CENTRO
MONUMENTAL
EMPRESA LAURA ALVES

TEATRO INFANTIL

HOJE às 18.30 h. ESTREIA

Maiores de 4 anos

AUTO DAS TRÊS COSTUREIRAS

de António Manuel Couto Viana

DO CIMO DESSE TELHADO

de A. M. Couto Viana

O NOSSO AMIGO SOL

de Lília da Fonseca

Três maravilhosas peças interpretadas por: Maria Albergaria, Rosina Rego, Fernanda Alves, Teresa Continelli Telmo, Elvira Pais, António Anjos, Eduardo Silveira, Ruy Mendes e Moraes e Castro
Sob a direcção de António Manuel Couto Viana
Cenários de: José Amaro, Nuno San Payo e Augusto Sobral

Figurinos de: António Vaz Pereira, A. M. Couto Viana e Ruy Mendes

TEATRO DO GERIFALTO
SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO

MARIA
VITÓRIA

Emp. «E. Salvador e Rui Martins, Ld.»

RIR ATÉ AS LÁGRIMAS
COM A MELHOR REVISTA DE
SALVADOR

POR CAUSA DELAS...

com

BIBI FERREIRA—ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES — HUMB. MADEIRA
MIMI GASPAR



PERLA CRISTAL
com EL BEBO

2 Sessões às 20.30 e 22.45
Adultos — M/ de 17 anos
AMANHÃ
Esp. à tarde às 16 horas

Esplanada do Rato
Cozinha à Portuguesa

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Tel. 20000 TRINDADE (17 anos)
HOJE, ÀS 21.45 HORAS.

O TEATRO NACIONAL POPULAR APRESENTA O MAIOR
ÊXITO MUNDIAL DOS ÚLTIMOS ANOS

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

DOMINGO MATINÉE ÀS 16 HORAS

Devido às características especiais deste espectáculo, o pano sobe pontualmente às 21.45. Depois dessa hora e até final do primeiro acto a direcção do teatro lamenta mas não pode permitir a entrada ao público na sala.

DESSPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

F. C. Porto e Benfica vão travar no Estádio das Antas um autêntico «duelo de gigantes»

O acontecimento máximo da 9.ª jornada, que marca uma fase crucial deste campeonato, desenrola-se no Estádio das Antas com um embate que prevê, não se hesitando em garanti-lo, extraordinariamente emotivo. Todos os outros encontros limitam-se a ter um interesse relativo, embora, como é evidente, os respectivos protagonistas tudo tentem para melhorar as suas posições.

Os jogos para amanhã são os seguintes:

F. C. Porto-Benfica
Sporting-Caldas
Cuf-Guimarães
Lusitano-Académica
Setúbal-Sp. Covilhã
Sp. Braga-Belenenses
Torriense-Barreirense.

Dos seis primeiros classificados, três (Benfica, Belenenses e Vitória de Guimarães) jogam «fora de casa». Isto é um indicio seguro de lutas entusiasmadas, cujos resulta-

dos, no caso dos visitados saírem vencedores, provocarão sensíveis alterações na tabela da classificação, conferindo até ao torneio um interesse especial. Pelo menos, evitará uma prematura monotonia...

A personalidade do Benfica e três pontos de avanço contra uma inquietante tradição

Em face das estatísticas, verifica-se a superioridade actual do Benfica: 1.º lugar, isolado, com três pontos de avanço; avançados mais realizadores (30 contra 19 golos) e defesa menos batida (7 contra 9 golos). Além disso, os «encarnados», não perderam ainda, ao passo que os nortenhos só triunfaram quatro. Isto parece a primeira vista suficiente para se acreditar nas possibilidades dos visitantes.

Mas os visitados constituem um grupo poderoso, recheado de unidades das mais valiosas do nosso futebol, e há ainda uma questão sentimental — a tradição. Em circunstâncias idênticas, o Benfica baqueou nas Antas e amanhã pode repetir-se a história. Todavia, a personalidade dos «encarnados», o seu estilo actual (futebol atlético) e o engodo que os seus «avançados» estão a demonstrar pela baliza são factores a considerar... e muito. Mas o F. C. Porto é capazíssimo de responder com as mesmas armas, pelo que a hipótese de um empate não é de desprezar.

Prevê-se um jogo em grande, duro, encarnado, vibrante e repleto de lances pouco indicados... para os cardíacos.

BENFICA 14 pontos
6 vitórias e 2 empates

PORTO 11 pontos
4 vitórias, 3 empates
e 1 derrota

Os «encarnados» perderam os últimos 8 jogos disputados na Antas.

O árbitro terá de estar muito atento e os jogadores só beneficiarão as suas equipas e o espectáculo, se pensarem em prestigiar-se a si próprios.

Sporting e Belenenses com tarefas diferenciadas

A despeito de não ter assentado num «conceito» definitivo, o Sporting parece encarar para derrotar o Caldas, previsão que se aceita sem reboço, mesmo que os visitantes se empenhem num «ferrolho» persistente.

Já o Belenenses, que vai a Braga, tem tarefa diferente, mais espinhosa, apesar dos bracaraenses não poderem apresentar o seu melhor «conceito».

Os avançados «leões» e «azuis» têm, portanto, uma missão fundamental. Os primeiros naturalmente não deverão esquecer-se que a afinação do pé é indispensável, e os segundos terão que acautelar a eficácia do conjunto, dado que é de prever uma toada de ataque por parte dos bracaraenses. Muitos e bons remates é o lema que se apresenta aos dois representantes de Lisboa.

Miscelanea de vaticínios

Cuf e Vitória de Setúbal actuam no seu ambiente, sinal de que os espíritos não estarão perturbados, pelo que os vimaranenses e cavihanenses, respectivamente, não podem confiar. Todavia, os miñhosos reúnem maiores possibilidades desde que o seu famoso trio central brasileiro aja de acordo com as exhibições anteriores.

Vaticínio. Favoritismo para os visitados.

Académica e Barreirense, na «zona perigosa», vão a Évora e Torres Vedras. Os «estudantes», em fase de visível perturbação psicológica, defrontam o moralizado Lusitano.

Em contrapartida, o Barreirense, que não deve pensar em defender-se, terá pela frente um Torriense que há três domingos não ganha. Prevêem-se, portanto, grande somatório de dificuldades para os visitantes, salvo se surgirem surpresas.

TORNEIOS DE FUTEBOL

Leixões e Atlético — os guias da classificação vão jogar a Chaves e a Moscavide

Com os encontros correspondentes à 10.ª jornada, prossegue amanhã o torneio da Zona Norte do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão. A posição das equipas na tabela da classificação assegura o interesse pela «ronda de amanhã» que comporta os seguintes encontros:

Chaves (10)-Leixões (15)
Tirsense (6)-Oliveirense (13)
Peniche (8)-Boavista (14)
Marinhense (8)-Gil Vicente (6)
Portalegrense (2)-Vianense (9)
Salgueiros (8)-Espinho (9)
Sanjoanense (9)-Vila Real (9)

Indicam-se entre parentesis os pontos de cada equipa para a classificação. Ressalta imediatamente à vista que os três primeiros da tabela, podendo modificar entre si as posições que ocupam, mas sempre sem correrem o risco de cair em 4.º lugar (entre o 3.º e o 4.º), há uma diferença de 3 pontos), vão jogar aos campos dos adversários. E porque o Chaves, o Tirsense e o Peniche, quando actuam em sua casa são sempre mais difíceis de dominar, não podem o Leixões, Oliveirense e Boavista encerrar de animo leve os seus desafios de amanhã. Não vamos, porém, ao ponto de lhes retirar o favoritismo, pois julgamos que a sua aplicação ao jogo será constante, como se lhes exige.

Nos restantes encontros a previsão é de lutas equilibradas, com mais probabilidades dos visitados levarem a melhor. A excepção do jogo de Peniche, em todos os campos se defrontam grupos com a pontuação muito igual, a meio da tabela e tentando aproximarem-se do trio da frente.

Na Zona Sul o programa apresenta-se assim:

Arroios (6)-Atlético (15)
Sacavenense (7)-Farense (7)
Almada (10)-Oriental (11)
Desp. Beja (C)-Coruchense (5)
Montijo (10)-Serpa (8)
Estoril (11)-Juventude (8)
Olanense (11)-Portimonense (11)

Entre parentesis indicam-se os pontos de cada equipa para a classificação.

Com um guia destacado — o Atlético — a jornada tem maior interesse na parte que respeita à luta para as posições secundárias. E dentro desta faceta, os jogos de Olhão, do Estoril e de Almada apresentam-se como os de maior expectativa. São lutas difíceis para os seis clubes que nelas intervêm e, por isso mesmo é custoso arriscar um vaticínio. O Olanense e o Oriental são grupos de maior cartel que os seus adversários, mas isso não deve bastar. O Estoril será porventura, equipa com tarefa menos difícil do que aquelas duas, mas precisa de aplicar-se a fundo. Vaticinamos, pois, resultados nivelados — e nada mais.

Outro jogo de interesse é o Sacavenense-Farense, entre duas equipas com igual pontuação... e muito capazes de manter essa igualdade.

Nos dois restantes encontros são favoritos o Atlético e o Montijo.

As competições da A. F. L.

O programa, dos jogos da A. F. L. apresenta-se amanhã mais vasto do que nos últimos domingos, pois inicia-se o campeonato distrital da 2.ª Divisão, de



ATLETISMO

Georgette Duarte

recebeu da Federação
a medalha de mérito desportivo

No Estádio do Restelo realizou-se ontem, à noite, em ambiente de simpatia, a festa de homenagem a Georgette Duarte, popular atleta do Belenenses, que há mais de 15 anos se dedicou ao atletismo, sempre com invulgar entusiasmo, pelo que constituiu um exemplo a apontar às raparigas portuguesas.

Muito justa e compreensivamente o Belenenses, as suas camaradas e adversários não quiseram que abandonasse a actividade sem lhe tribuarem a homenagem que lhe era devida. Assim, a «festa de despedida» foi mais uma consagração para Georgette Duarte. Alguns oradores desceram às pistas para manifestar a sua simpatia, sendo o elogio feito com elevação e dignidade. O dr. Santos Pinto, presidente da direcção do Belenenses, informou ter sido concedida a homenagem ao diploma de sócia benemerita; Afonso Salsedo, vice-presidente da Federação de Atletismo, entregou a Georgette Duarte a medalha de mérito desportivo daquela entidade; depois foi o louvor da Direcção-Geral de Desportos. A todos estes actos a desportista belenense agradeceu visivelmente emocionada.

Nas provas atléticas que se disputaram voltaram a registar-se alguns «tempos» excelentes, como por exemplo, o dos 110 metros barreiras de Pedro de Almeida, do Sporting (15.3); o de 500 metros planos de Valentim Baptista, do Sporting (1 m. 7.5); os 80 metros barreiras (senhoras), de Georgette Duarte, do Belenenses (17.3) e os 2.000 metros, de Dias Santos, do Sporting (5 m. 28.6 s.). Também é de realçar as marcas das estafetas 400 x 300 x 200 x 100 metros, ganhas, pelo Sporting, em 2 m. 5.4 s. e ainda os 4 x 100 metros, femininos, com 58.2 s.

Completaram o programa atlético, dois desafios de futebol, o primeiro entre as equipas do Belenenses e do Atlético, o que terminou com a vitória dos alcantarenses, por 3-2 e o último, entre a «velha guarda do Belenenses» e o S. Lisboa e Saudade, o qual findou com o triunfo dos «encarnados», por 4-0.

CICLISMO

Cinco corredores portugueses
vão estagiar em França

Durante três meses, a começar em Março de 1959, cinco ciclistas portugueses (dois do F. C. Porto, um do Sangalhos, um do Benfica e outro do Sporting) irão estagiar em França. A iniciativa pertence ao sr. Alfredo Baptista, presidente da Associação de Ciclismo do Norte. A direcção da Federação resolveu ainda punir onze corredores, com ligeira multa, por não terem apresentado as respectivas licenças; com uma repreensão registada o dirigente do Sporting sr. Jorge Pas-seira e agravar com mais 90 dias de suspensão a pena aplicada ao dirigente do Benfica, sr. Luís Augusto Lopes.

HOJE, À NOITE

GINASTICA — Às 21 horas, na sede do Lisboa Ginásio, sessão solene comemorativa do 40.º aniversário para a qual foram convidados vários membros do Governo, entidades superiores da educação física e desportos, etc. A sessão inclui um pequeno sarau ginástico e uma distribuição de prémios.

TENIS DE MESA — Às 21 horas, no amplo ginásio da Escola Nuno Gonçalves, na Avenida do General Rôças, disputa-se o Portugal-Suíça, entre equipas masculinas e femininas.

VOLEIBOL — No ginásio do Técnico, a partir das 21 horas, prossegue o «Nacional» de voleibol com os encontros Benfica-F. C. Porto e Sporting de Espinho-Técnico.

Ajudauto, L. da
PRONTO SOCORRO

de automóveis de qualquer parte
— do País —

TODOS OS DIAS

E A TODA A HORA

INCLUINDO DOMINGOS

R. Damião de Góis, 18-B e 18-D
a Algés — T. 610051

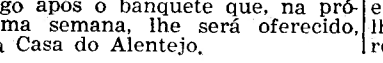
NUNO MOTA

Várias provas de amanhã

A vitória do Belenenses

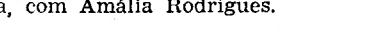
não oferece discussão

«Cidade de Lisboa» e «Patria». 'na



A. Pimenta-L. Machado, por 15-4
5-5; dr. M. Guimarães, pai e fi-
(T. V.) v. M. Mateus-M. Cor-
a, por 15-2 e 15-5.

as; F. C. Porto c. I. S. Técnico, às 17.30 horas.



O concurso encerra-se amanhã, ás 9. horas, com a disputa das taças «Cidade de Lisboa» e «Pátria».

do Alentejo.

Por motivos alheios á Radiotelevisão Portuguesa, não pôde ser observada, na região servida pelo emissor do Porto, a transmissão da peça «Ceu da minha rua», na passada terça-feira. No intuito de não privar os telespectadores do Norte do País, de um programa que foi aguardado com grande expectativa, e atendendo a inúmeros pedidos de outros pontos do País, a R. T. P. decidiu retransmitir hoje o original em três actos, de Romeu Correia, com Amália Rodrigues.

De ontem para hoje

O TELEFONEMA ANÔNIMO

UM drama ocorreu em Maio ultimo nas pacatas terras de Brancanes (Olhão). Era de madrugada, o marido não regressava a casa e ela sofria. Depois, o telefone, melifluamente tocou. Se ela quisesse, que fosse bater à porta de Rolandina dos Santos, casada, comerciante. Lá encontraria o marido, D. Maria Palma Leal saiu. Que se passou, ao chegar àquela porta? Houve luta, desastre, agressão, não se provou. A senhora caiu prostrada mortalmente. A Rolandina foi presa. Julgaram-na o tribunal e a consciência do povo que, por acaso, não foram coincidentes, pois, enquanto, o primeiro a absolvía, a população, amotinada manteve a sua acusação. Vaiou-a, tentou linchá-la. E uma criada dedicada da vítima, tentando fazer justiça por suas mãos, jogou-lhe em rosto ofensas e os punhos. A verdadeira justiça, todavia, está ainda por fazer. E' contra aquela denuncia que cortou a noite e levou a pobre vítima à beira da sepultura. O viúvo, dominado pela cólera, vai chamar ao tribunal o autor da denuncia telefonica. O que era anónimo passou a ter um nome e uma identidade.

FEIXE DE IMAGENS

O Conselho de Ministros nomeou para o cargo de governador-geral do Estado da Índia, o brigadeiro Vassalo e Silva, sucedendo, assim, naquele alto e delicado cargo ao general Benard Guedes, actualmente na Metrópole. Foi recentemente promovido, concluiu há pouco o curso de Altos Estudos Militares, foi encarregado do Governo e comandante militar de Timor e comandou Engenharia do Quartel-General das Forças Expedicionárias do Ultramar.

* A partir da próxima semana, os ciclistas não poderão conduzir volumes que os impeçam de guiar com as duas mãos. O impedimento põe em risco o condutor, prejudica o trânsito e, quem sabe, provocaria acidentes a terceiros. A medida de segurança parte da Direcção-Geral de Transportes Terrestres. Está prevista aliás, no Código da Estrada.

* Na estação sismográfica do Instituto Geofísico do Infante D. Luis registou-se às 23 e 11 um sismo cujo epicentro se situava a cerca de 8.400 quilómetros da capital (Asia Oriental). Lisboa mal o sentiu mas as suas características eram de abalo catastrófico. Califórnia, o Japão e a Libéria acusaram-no dolorosamente.

* A bondade e o trabalho nem sempre são esquecidos. Lembraram-nos em Gaia os fiéis à memória do benemérito Diogo Cassels fundador das Escolas do Forno e do Prado (foi há 35 anos). Houve romagem de saudade, flores, serviço religioso. E assim também com flores e palavras de estima e admiração foi assinalada a partida de D. Clotilde da Cunha. Foi atingida pelo limite de idade e era professora de piano do Conservatório do Porto. Alunos e colegas não ensaiaram homenagem.

* Uma boa notícia para o lavrador é esta da descoberta de método eficaz, contra a mosca da azeitona. Revelaram-no os serviços agrícolas oficiais destacados para uma propriedade de João Veiga (Golegã). Vão a mais de 30 mil contos anuais os prejuízos que em alguns casos de zonas não tratadas chegam a 100 por cento da produção. A partir de hoje, uma arma de ataque se apronta contra o invasor.

* A série dos que morreram por acidente: afogado num poço, o jornalista José Cristo Bernardo (estrada de Telheiras); atingido por tiro de arma caçadeira o capataz João Rodrigues Afonso (58 anos, Vila Real); por se ter virado o carro que conduzia, Manuel Francisco do Cabo (45 anos, agricultor, Pinho, S. Pedro do Sul); num choque de automóveis, na Encarnação, António Alberto Paradelo (25 anos, motorista, L. Marquês do Lavradio, 2-A); entalado entre uma camioneta e uma furgoneta, o vendedor ambulante de peixe, Abraão Marques Figueira, (41 anos, Rua 3, 35, ao Bairro de Santa Engrácia). Negociava em Caneças.

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu o ministro da Marinha; no seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o coronel Alfredo Ferreira Gonçalves, Carlos Pereira da Rosa, dr. Guilherme Pereira da Rosa, dr. Luis Quintela e Armando Vilar e D. Catarina d'Ávilas. * Com o Presidente do Conselho trabalhou o ministro da Presidência. * O Ministério da Saúde concedeu a casas de assistência, bombeiros, colónias de férias e cortejos de oferendas algumas centenas de contos. * Tomou posse do seu cargo o novo presidente da Câmara Municipal de Fátima de Caura, o proprietário e comerciante António José da Cunha Barbosa. * Regressaram a Espanha os delegados à 7.ª Conferência Comercial Ferroviária Luso-Espanhola que decorreu na Praia da Rocha. * Começaram, em Alcochete, os trabalhos de instalação da nova fábrica de pneus Firestone. * Partiu para o Japão o prof. Salazar Leite que ali vai participar no Congresso Internacional de Leprologia.

IMPRESSA

Raymond Audibert

Segue amanhã para Brazzaville, onde vai assumir a direcção dos serviços locais da Agência France-Press. O sr. Raymond Audibert, que durante algum tempo exerceu idênticas funções em Lisboa. Agradecemos a atenção dos seus cumprimentos de despedida e desejamos-lhe as melhores felicidades na sua nova missão profissional.

RELÓGIOS OMEGA

Agência Oficial

Ourivesaria Pimenta

RUA AUGUSTA, 253—TEL 24564

Trágico desastre

numa auto-estrada americana

NORWAIK, 8 — Num choque de dois veículos, na auto-estrada do Ohio, durante a noite, morreram sete pessoas, incluindo três crianças. Parece haver apenas um sobrevivente dos passageiros dos dois carros. — (F. P.).

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje, em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 22°; mínima, 12°3. No mesmo dia do ano passado: máxima, 17°3; mínima, 10°6. — Temperaturas verificadas na Costa do Sol, às 9 horas: na atmosfera, 18°5; na água do mar, 15°8.

O ministro das Corporações presidiu em Castelo Branco a uma reunião para tratar de assuntos de interesse para os trabalhadores

CASTELO BRANCO, 8 (Pelo telefone) — Acompanhado do seu secretário, sr. dr. António da Silva Torres; vice-presidente da Federação das Caixas de Previdência — Habitações Económicas, eng. Rafael Santos Costa; chefe da Reparação das Habitações Económicas, dr. António Gonçalves Lourenço; e chefe do Serviço de Inquéritos Habitacionais, dr. Fernando Baeta, chegou a esta cidade, para um pequeno período de estudos de assuntos corporativos, o ministro das Corporações, sr. dr. Veiga de Macedo. A receção, compareceram o chefe do distrito, dr. José de Carvalho; o delegado do Instituto Nacional do Trabalho na Covilhã, dr. Corte-Real; presidente da Junta de Província da Beira Baixa, dr. Alberto Trindade; presidente da Câmara Municipal, dr. Augusto Beirão e muitas outras entidades representativas das forças vivas distritais.

I Coloquio Nacional de Direito Corporativo

BRAGA, 8 (Pelo telefone) — Prosseguiram hoje nesta cidade os trabalhos do I Coloquio Nacional de Direito Corporativo e do Trabalho. A segunda sessão de trabalhos efectuou-se, de manhã, no salão nobre da Associação Jurídica, sob a presidência sucessivamente dos srs. dr. António Lopes Ribeiro, presidente do Tribunal da Relação do Porto e prof. Soares Martins, da Universidade de Lisboa. O dr. Ricardo Lopes apresentou uma comunicação intitulada «A magistratura é uma corporação», em cujo debate intervieram os srs. dr. João Manuel Nogueira Cortês Pinto e Conde de Aurora.

O dr. José Alves de Oliveira fez também uma comunicação subordinada ao título «Os usos e costumes como fonte de Direito Corporativo». Este estudo suscitou vivo interesse, proporcionando intervenções dos srs. Valentim Almeida e Sousa, Francisco Veloso, Conde de Aurora e Xavier Monteiro. Outras comunicações relacionadas e discutidas foram as dos srs. drs. João Francisco Policarpo («A actual legislação portuguesa de prevenção de acidentes no trabalho») e A. Sousa Machado («O carácter autónomo da prescrição dos artigos 23 e 24 da lei de 1952»).

Ao fim da tarde, os congressistas visitaram a região industrial de Ribadave de Ave. À noite, assistiram a um festival folclórico no teatro-circo de Braga.

A sessão de encerramento efectua-se amanhã às 18 horas.

Os naufrágios de lugres portugueses na Terra Nova

A propósito das notícias relativas aos afundamentos ocorridos na campanha bacalhoeira deste ano, escanecemos de boa fonte de que todos os lugres que participaram nessa campanha foram julgados em condições satisfatórias de navegabilidade para seguirem para os bancos da Terra Nova. Na verdade nada de anormal se encontrou que justificasse o não reconhecimento das necessárias condições daquela navegabilidade.

No entanto as autoridades marítimas estão a proceder a estudos e a apurar das condições em que se deram esses afundamentos e bem assim das causas que os motivaram.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços, compramos. Pagamos muito bem. GRANDE OURIVESARIA DA MODA Rua da Prata, 257

Processo original de ganhar apostas

SAO PAULO, 8. — Quando apenas uns cem espectadores tinham ontem assistido a um desafio de futebol entre duas equipas locais de quinta categoria, os organizadores verificaram, com surpresa, que a receita ia além de 14.000 cruzeiros quando a verdade é que dado o numero de entradas, a receita não devia ultrapassar os 4.000. Intrigados, os dirigentes do estádio efectuaram um inquérito e verificaram que um dos espectadores, só por si, comprara 10.000 cruzeiros de entradas, tendo descoberto que este bemfeitor «tinha apostado 15.000 cruzeiros em como a receita iria além de 10.000».

A Federação de São Paulo decidiu que, de futuro, cada pessoa não possa comprar mais do que 10 bilhetes. — (F. P.).

O ministro do Ultramar em Angola

LUANDA, 8. — O ministro do Ultramar permanece hoje nesta cidade, onde estudará com o governador-geral alguns problemas da província.

Amanhã de manhã, o contra-almirante Lopes Alves estará no Lobito, onde receberá as boas-vindas da população daquela cidade, numa sessão solene na Câmara Municipal. À tarde seguirá para Benguela, em visita a alguns pontos de interesse e obras em curso.

No dia 10 o ministro regressará ao Lobito e visitará a barragem «Presidente Craveiro Lopes», no Biópio.

E' natural que o programa da visita ministerial seja alterado e que o contra-almirante Lopes Alves visite ainda a Gabela e Cabinda. No dia 14, em Luanda, aquele membro do Governo dará uma conferência de imprensa, estando o regresso a Lisboa previsto para o próximo dia 15. — (L.).



Em sua casa, CONSIGA um

BRILHO NOVO

lavando com

SONASOL

CONCENTRADO

Lava vidros, louças, lãs, nylons, estofos, tapetes, etc. com menos trabalho e por menos dinheiro

Dinheiro

LISBOA
Rossio, 3
Tel. 21391
30257

EMPRESTAMOS
s/ automóveis e prédios
2 E 24 HORAS - JURO DE LEI
MAXIMO SEGREDO
AVALIAÇÕES
GRÁTIS

PORTO
R.P. Manuel
14 Tel.
27011 28721

A CONFIDENTE
a maior organização do país

cumprimento rigoroso da lei contra o exercício ilegal da profissão foi o voto final emitido peio Congresso dos Estomatologistas

(Continuação da 1.ª página)

a comissão organizadora do congresso.

Aberta a sessão, o sr. dr. Assis Amilho, secretário-geral do congresso, leu as conclusões a que chegaram os estomatologistas e que são as seguintes:

I — A denominação «tratamento odontológico da cárie» necessita de ser revista e posta de acordo com a terminologia médica;

II — Deve ser revisto o conceito de infecção focal, de modo a excluir dos seus resultados terapêuticos os elementos que lhe sejam estranhos;

III — Do ponto de vista anatómico, o adamantinoma dos maxilares, adamantinomas de outras localizações e carcinomas baso-celulares constituem um grupo de neoplasias derivadas do epitélio de células basais da ectoderme;

IV — É de recomendar o emprego dos agentes físicos no tratamento dos dentes infectados;

V — O bordo alveolar constitui uma concepção clínica;

VI — De acordo com a opinião unânime das Faculdades de Medicina e do conselho geral da Ordem dos Médicos, continua a insistir-se na necessidade urgente do ensino da Estomatologia em moldes universitários;

VII — É vantajoso que se estreite cada vez mais o intercâmbio da Estomatologia com os outros ramos da actividade médica;

VIII — É urgente e indispensável a organização da assistência estomatológica infantil, a fim de se melhorar o estado geral de saúde da população;

IX — Perante o incremento do exercício ilegal da especialidade, e dados os seus graves danos para a saúde pública, solicita-se dos poderes públicos o rigoroso cumprimento da lei.

A seguir, usou da palavra o sr. dr. Palma Leal, que principiou por recordar a memória do dr. José Fernandes Cruz, recentemente falecido. Depois, agradeceu a todos os que colaboraram nas actividades do congresso, incluindo os estomatologistas estrangeiros que deram o seu concurso à reunião e as casas comerciais que tornaram possível a exposição de material da especialidade.

Prosseguindo, o orador, reportando-se aos resultados do congresso, afirmou que ficou provado, através das sessões realizadas, que a profissão estomatológica não se deixou bastar, pois «ao amadorismo usado que por aí campeia, os estomatologistas opõem o profissionalismo prudente, mas seguro, com fundamentos nas raízes da ética de uma formação universitária tradicional».

Recordou a necessidade apontada pelo congresso, de se instituir no País

Houve motins em Nova York durante manifestações organizadas por húngaros

NOVA YORK, 8. — Várias centenas de pessoas, na maioria, húngaras, manifestaram, ontem, em frente da sede da delegação soviética, O. N. U., onde fora organizada uma recepção para comemorar o 11.º aniversário da revolução de Outubro.

Contidos por um forte cordão de polícia, a pé e a cavalo, os manifestantes circularam à volta da sede da delegação russa, gritando contra Kruchchev e agitando cartazes, nos quais se lia: «Não esqueçam Pasternak!», «Libertem a Hungria!», «A Ucrânia também está sob o domínio soviético!».

Três pessoas, pelo menos, ficaram feridas e foram presos nove homens e uma mulher, durante deordens que ocorreram no local. Quando a Polícia Montada tentou dispersar os manifestantes.

Foram hospitalizadas três pessoas entre as quais dois policiais. — (F. P. e A. N. I.).

EM 3 LINHAS

Um decreto hoje publicado, pela Presidência do Conselho, regula as transferências e eliminações do pessoal militar da Força Aérea que perca a aptidão necessária ao desempenho das funções das suas especialidades.

///

Foi aberto, na provincia de S. Tomé, um crédito especial de 10.000 contos, para as obras do cais do porto de Ana Chaves e outros trabalhos portuários.

///

Está aberto concurso para a admissão de aspirantes estagiários da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

///

O sr. Manuel Pimentel Quartim Bastos foi nomeado secretário do secretário de Estado da Agricultura.

///

O Supremo Tribunal Administrativo anulou a deliberação da Câmara de Montijo, de aumentar de 5 escudos para 7\$50 a taxa de inspecção sanitária de cada res suína abatida fora do matadouro municipal.

///

A firma E. F. Sucena & Filhos, Lda., de Borralha, concelho de Agueda, por decisão do Supremo Tribunal Administrativo, poderá continuar a proceder à montagem de bicicletas motorizadas.

///

Foi nomeado delegado marítimo de Esposende o 2.º tenente auxiliar João Pires de Sousa.

///

O capitão-de-mar-e-guerra José Fernando Teles de Castro Mexia Salema foi nomeado para o cargo de director de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha, que já vinha exercendo interinamente.

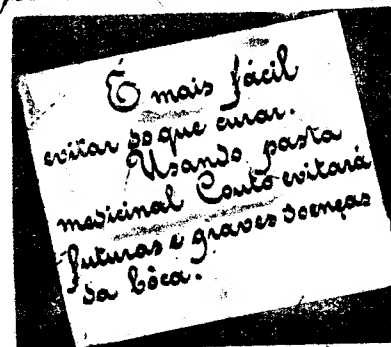
A reorganização dos serviços de defesa dos portos e fronteiras

Sob a presidência do sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saúde e Assistência, reuniu-se, em sessão plenária, o Conselho Superior de Higiene e Assistência Social, que se ocupou de um relatório preparado pelo sr. dr. Arnaldo Sampaio, inspector superior da Direcção-Geral de Saúde, sobre «Laboratórios distritais de saúde pública», e dos projectos de decretos a elaborar com o objectivo de reorganizar os serviços de defesa dos portos, fronteiras e transportes colectivos.

Participaram nos trabalhos da reunião, além dos vogais do conselho, os srs. profs. Jorge da Silva Horta, presidente do Conselho Geral da Ordem dos Médicos, e João Candido de Oliveira, director do Instituto Bacteriológico Camara Pestana; dr. Fernando da Conceição Correia, director do Laboratório do Instituto Superior de Higiene; dr. António de Carvalho Dias, inspector superior de Saúde; dr. António Castelo Branco e Sousa, guarda-mor de Saúde; dr. Alvaro de Mendonça e Moura, director da Circunscrição de Defesa Sanitária dos Portos Marítimos e Aéreos, na Zona Norte, e o autor do relatório a que acima se faz referência.

A Pérsia responde a Moscovo

TEHERÃO, 8. — Em nota entregue, simultaneamente, ao embaixador soviético nesta cidade e ao ministro dos Negócios Estrangeiros em Moscovo, o Governo rejeita categoricamente as alegações contidas no protesto soviético de 31 de Outubro sobre o projecto que lhe é atribuído de concluir um pacto militar entre a Pérsia e os Estados Unidos. — (F. P.).



Um automóvel caiu por uma ribanceira e incendiou-se Houve 3 feridos graves

Hoje, de madrugada, perto de Coima, na Outra Banda, derrapou, despitando-se, e caiu por uma ribanceira de 7 metros de altura, após o que se incendiou, um automóvel, guiado pelo seu proprietário, o empreiteiro da construção civil Ilídio Ribeiro, de 48 anos, residente em Alhos Vedros, concelho da Moita do Ribatejo, donde é natural, e onde segulam também os seus amigos e conterrâneos António Brito Rosa da Silva, de 32 anos, niquelador, Joaquim Gomes Tavares, de 27 anos,

Uma droga que transformou um camponês em crocodilo...

COTONU, 8. — Há 120 anos, um camponês do Dahomey, chamado Bonu, tomou uma droga, receitada por um feiticeiro e passou a transformar-se, todas as noites, em crocodilo, para «arrelhar a mulher». Certa noite, esta, farta daquela vida, partiu o frasco da droga e o marido ficou crocodilo para sempre.

Temido por três gerações sucessivas que lhe deixaram na bocarra um sem-número de braços e pernas, e respeitado como um deus pelos habitantes da lagoa de Porto Novo, o famigerado Bonu acaba de ser abatido com cinco balas de uma «Mauers».

Mil pessoas, entre as quais as vítimas manetas ou coxas de Bonu, deram ontem, para aliviar o rancor, no crocodilo gigante, de 6 metros de comprimento, séries de pontapés valentes. — (F. P.).

Queda de dois aviões

ESTOCOLMO, 8. — Dois aviões militares, a jacto, colidiram no ar sobre a base aérea de Upala, despenhando-se em chamas. Os corpos dos dois pilotos foram encontrados despedaçados. Um dos aparelhos caiu sobre um bairro residencial, perto daquela base aérea, incendiando dois edifícios. Ficaram feridas várias pessoas. — (A. N. I.).

corticeiro, e Manuel Simões Gonçalves Mito, de 29 anos, pedreiro.

Regressavam de Lisboa, de onde tinham vindo de propósito para assistir ontem à noite, no Estádio do Restelo, à festa de despedida da atleta do Belenenses, Georgete Duarte, também natural daquele concelho.

A meio da ribanceira, abriu-se, providencialmente, uma das portas do veículo, sendo projectado a distância o corticeiro Tavares que, apesar de gravemente ferido, conseguiu retirar da fornalha em que o carro se transformara, os seus três companheiros, que, se não fora isso, morreriam carbonizados.

Pedidos socorros, compareceram, no local, pessoal e material do Corpo de Salvação Pública do Barreiro, sendo os quatro ocupantes do automóvel incendiado transportados para Lisboa.

No Hospital de São José verificou-se que o empreiteiro tinha graves lesões internas; que o niquelador apresentava queimaduras no rosto e na cabeça e contusões pelo corpo; que o corticeiro fracturara os ossos da bacia; e que o pedreiro sofrera algumas contusões.

Os três primeiros ficaram internados em estado grave, na sala de observações; e o ultimo depois de receber curativo, seguiu para a sua residência.

O automóvel sinistrado ficou completamente destruído.

CRIANÇA MORTA por um gato

RICHMOND (Virgínia), 8. — A senhora Ruth Hall, mãe de nove filhos, encontrou morto, no berço, de madrugada, o seu filho mais novo, um menino de cinco semanas, vítima da fúria do gato da casa. — (A. N. I.).

28 feridos num desastre de viação

VIGO, 8. — Ficaram feridos 28 passageiros, dos quais 8 gravemente, no choque de um «eléctrico» com um camião, na estrada de Cabral a Vigo. — (F. P.).

É
a melhor!



porque
é fabricada:

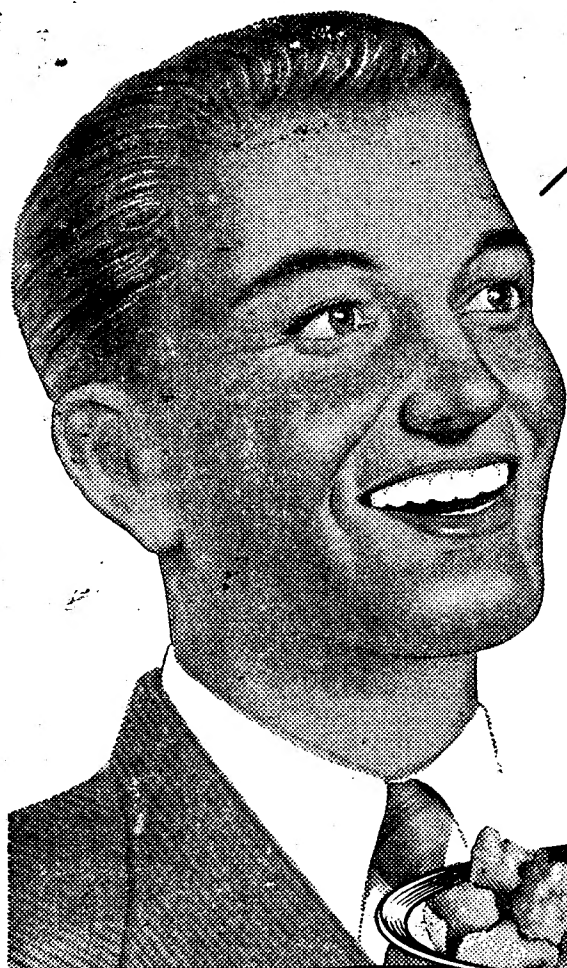
- Só à base
de puro óleo
de amendoim
e óleo de côco.
- Não tem sebos
- É vegetal

MARGARINA
CHEFE

GAZCIDL CAMPAÑA DO NATAL COMUNICADO

Para simplificação do serviço, vantagem do público e também dos nossos serviços de distribuição, seria da maior conveniência que os clientes fixassem as suas compras ou pelo menos registassem as suas encomendas a tempo de evitar que, como se verificou nos anos anteriores, se dê uma aglomeração de pedidos (e consequentemente de entregas) na segunda quinzena de Dezembro.

Nas vendas a prestações, liquidadas por meio de letras, a CIDLA comunica que o vencimento da primeira letra será sempre estabelecido para depois de 31 de Dezembro.



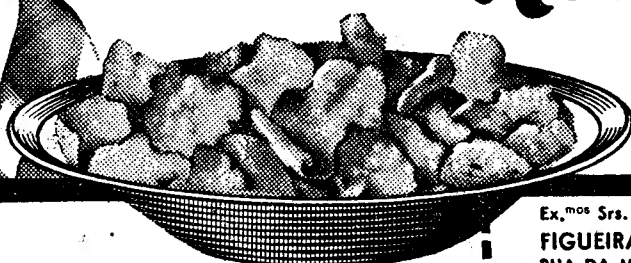
QUE BOM QUE ISTO É!

... este é o pequeno almoço que nos dá a boa disposição para começar o dia!

E tem razão — Logo pela manhã um prato de KELLOGG'S com leite e açúcar constitui uma refeição deliciosa, rica em hidratos de carbono, geradores incomparáveis de energia. Além disso, não precisa de ir ao lume e prepara-se num abrir e fechar de olhos. KELLOGG'S é, na verdade, o pequeno almoço ideal para toda a família.

Poupe tempo, trabalho e dinheiro!
Comece o seu dia com

Kellogg's
CORN FLAKES



ECONÓMICO
1 Pacote 7\$50
para 8 refeições

Não peça indiferentemente
CORN FLAKES — peça Kellogg's

Ex. mos Srs.
FIGUEIRA & ALMEIDA
RUA DA MADALENA, 88-1.º — LISBOA
Queiram enviar-me uma amostra gratuita
KELLOGG'S Corn Flakes

NOME
MORADA

(É favor escrever bem legível) L-9

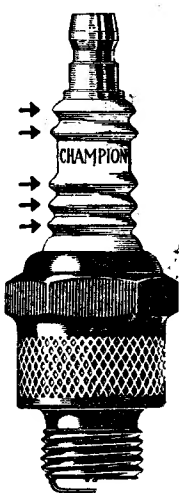
OFERTA!

CORTE E ENVIE ESTE CUPÃO
COLANDO-O NUM SIMPLES POSTAL

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS

ESTES 5 RESSALTOS
PODEM OFERECER-LHE
MAIOR POTÊNCIA

O isolador de 5 ressaltos, exclusivo da Champion, oferece-lhe uma protecção 20% maior contra curto-circuitos do que um isolador liso... ajuda a assegurar uma físcia perfeita, a qual permite obter do motor toda a potência e rendimento para que foi criado.



CHAMPION

Para um rendimento perfeito de qualquer carro, substitua as velas sujas, gastas e queimadas por velas novas, Champion de 5 ressaltos.

Representantes
C. SANTOS LDA.

Lisboa — Av. da Liberdade, 29-41
Porto — R. de Sta. Catarina, 160-168
Coimbra — Av. Fernão de Magalhães, 70-78

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

ACESSÓRIOS E PEÇAS PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS AUTOMÓVEIS

VIS-PEN

A CANETA
MAIS IMI-
TADA E
NUNCA
IGUALADA

Garantida
pela fábrica
contra
todos os
defeitos
de
fabrico

UMA
CANETA
INVULGAR
A PREÇO
POPULAR
ESC. 39\$00

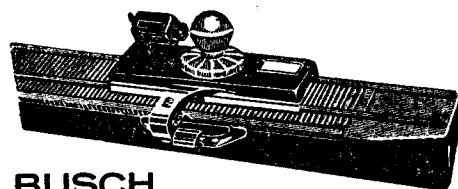
SOC. POLLUX, LDA.
R. dos Fanqueiros, 276
Descontos para revenda

PELES HELEN

ÚLTIMOS MODELOS
VISIONS E ASTRAXANS
AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.º, Dt.
Telex. 53735

Máquinas de tricotar **BUSCH**

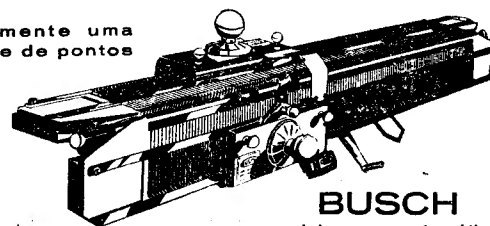
Um produto Suíço da mais alta qualidade



BUSCH
modelo simples

Faz automaticamente uma enorme variedade de pontos

A máquina que responde às mais altas exigências



BUSCH
modelo super-automática

A máquina de sonho que executa todos os pontos numa forma impressionantemente simples

PREÇOS

MODELO SIMPLES
a pronto pagamento Esc. 2.500\$00
a prestações até 24 mensalidades de Esc. 115\$00

MODELO SUPER-AUTOMÁTICA
a pronto pagamento Esc. 4.800\$00
a prestações até 30 mensalidades de Esc. 180\$00

Agora todas as senhoras, podem comprar sem sentir estas maravilhosas máquinas de tricotar gratuitamente damos uma instrução completa no modelo da máquina a todas as compradoras

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Agencia Comercial Sueca, L.ª

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.
98, Rua Nova do Almada, 98
LISBOA

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS
AO JURO DE 5%
Emprestamos nas melhores condições

A LUZAFRICA
CALÇ. DO CARMO, 6, 2.º

ESQUENTADORES

TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

em
APARELHOS A GÁS
Reparações — Transformações
com garantia
Av. 5 de Outubro, 84
Telefone 764081

EVORA Pensão-Giraldo

o estabelecimento que serve bem por bem servir
Voltou à modalidade de
PENSÃO-RESTAURANTE

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

VALÉRIA MASON, «estrela» de comédia, bafejada com os melhores êxitos, andava sempre com grandes dificuldades, por falta de dinheiro, o que os seus amigos não podiam compreender. Eles, contudo, não tinham em conta a sua larga generosidade nem a indiferença da artista pelo dinheiro, pois lhe servia apenas para satisfação das suas necessidades e para os amigos nas atropalhadas.

Vestia bem e não havia na cidade mulher que não lhe invejasse o luxo e a elegância. Ela não se importava, e nem por isso deixava de abrir liberalmente a bolsa sempre que alguém a procurasse a solicitar-lhe qualquer empréstimo. Até mesmo os estranhos eram atendidos.

Falava-se dela com muita simpatia e dizia-se que a sua bondade acumulava tesouros no Céu. Era uma expectativa realmente prometedora, mas, na verdade, não se pode viver, cá na Terra, sem essa coisa vil, mas indispensável que é o dinheiro! E assim, a artista ficou agradavelmente surpreendida quando, certo dia, uma voz desconhecida lhe perguntou, pelo telefone, se gostaria de receber uma soma considerável, oferecida quase como presente.

—O senhor é agente de publicidade? — perguntou Valéria.
—Não! Não sou bem isso! — respondeu a voz melíflua. — Seja, no entanto, o que for, creia que vale a pena receber-me! Posso procurá-la esta noite no teatro?
—Pode, pois claro! — aquiesceu ela, com agrado. — Pode ser no intervalo dos dois actos, aí pelas nove horas. Convem-lhe?
—Ótimo! — foi a resposta.
—Ah! é verdade, não me disse o seu nome! — retorquiu a «estrela».

Não obteve resposta, pois desligaram o telefone, deixando-a intrigada. Mas concluiu que seria algum segredo admirador, o qual talvez tivesse ouvido falar das suas complicações financeiras e vinha espontaneamente auxiliá-la. A artista foi para o teatro e estava preparada para tudo, menos para o encontro com aquela figura repulsiva e monstruosa que lhe surgiu no camarim, naquela noite, às nove em ponto.

—O senhor não é com certeza... — titubeou ela.
—Sou eu mesmo!... — garantiu o tipo extravagante, com um sorriso que mostrou uma dentadura horrível.
—Queira sentar-se, senhor... senhor?...

—O meu nome não interessa para o caso, mas, para facilitar a conversa, pode chamar-me Brown, se quiser — disse ele, repolitreando-se numa cadeira estofada.
—Obrigada, sr. Brown. E agora, pode dizer-me o motivo do telefonema e da sua visita? Em que posso ser-lhe útil?...

—A coisa não é essa, pois não se trata precisamente de me ser útil. Eu é que poderei, talvez, prestar-lhe um serviço valioso...
—Não entendo, ou antes, não vejo...

—Eu explico-me: Estou informado de que a senhora deve nada menos de trezentas libras à firma Holsworth, de Oxford Street, e sei, também, que esses senhores a incomodam exigindo-lhe o pagamento imediato da referida importância...

Valéria sentiu-se vexada e não menos surpreendida por ver que um estranho estava ao facto dos seus apuros financeiros. O tom peganhento, ao mesmo tempo irónicamente delicado, que ele procurava dar às palavras contribuía extraordinariamente para a irritar mais ainda.

—Devo dizer-lhe que o senhor não tem nada, absolutamente nada, a ver com aquilo que eu devo, a menos que seja um representante daquela firma, ou um cobrador de dividas...

O «senhor Brown» não se incomodou absolutamente nada com o tom hostil da actriz e respondeu amavelmente:

—Não sou uma coisa nem outra! Interesso-me apenas por umas cartas que a senhora tem em seu poder e lhe foram escritas, em tempos, por uma pessoa de alta representação social...

—É possível... mas precisamente por serem cartas particulares, que tratam exclusivamente de as-

suntos pessoais, não lhe dizem respeito, nem tão-pouco lhe devem interessar.

—Concordo, é claro, que não me digam respeito, mas isso não impede que haja, da minha parte, o maior empenho em obter essas cartas, escritas por Lord Ravensdorne...

—Se eu compreendi bem, o senhor pretende que eu lhe dê as cartas de Lord Ravensdorne? — explodiu Valéria, exaltada.

—Oh! Não! de modo algum!... Não falei em «dar», creio eu... Pretendo somente que as venda... Assombrada, fremente de indignação, a «estrela» apontou-lhe a porta do camarim:

—Senhor Brown: a saída é por ali!

—Com toda a naturalidade, ele insistiu com suavidade:

—Teria o maior prazer em oferecer-lhe duzentas libras por elas...

—Como poderei fazer-lhe compreender que a sua proposta não me interessa absolutamente nada? — acrescentou ela com sarcasmo.

—Vamos lá: trezentas libras! E' quanto a senhora precisa para acertar as suas contas com a firma credora. E acontece que, por acaso, tenho conhecimento de que eles estão dispostos a proceder a uma liquidação forçada, se não pagarem...

—Boas noites, senhor Brown!

—Pense no caso!... Dentro de dois ou três dias volto a telefonar-lhe — insistiu ele, a despedir-se.

—Não se incomode! — replicou ela, atirando-lhe com a porta.

Sentiu o ambiente mais desanimado assim que ele saiu: respirou fundo e decidiu não pensar mais naquilo.

O senhor Brown continuava, no entanto, a pensar e telefonou-lhe, outra vez, apenas alguns minutos depois de a artista ter recebido uma carta na qual os Holsworth a ameaçavam, em termos ríspidos, de procedimento judicial, se, no prazo de três dias, ela não liquidasse a sua dívida.

Estou disposto a pagar trezentas e cinquenta libras! — propôs-lhe Brown.

A «estrela», muito perturbada com a ameaça dos credores, achou, então, a oferta muito menos repugnante do que dois dias antes. Contudo, após breves momentos de

decisão dos seus credores, essa recusa é uma perfeita loucura!

—Os senhores Holsworth recebem o seu dinheiro! — respondeu ela, friamente, desligando rapidamente o telefone para fugir à tentação que começava a acicatá-la.

A verdade, a triste verdade, é que ela não tinha a mais leve ideia da forma como conseguiria arranjar a soma precisa para resolver esse compromisso inadiável. Linha, realmente, muitos amigos, simpáticos, dedicados, prontos a servi-la — mas desde que não fosse para arranjar trezentas libras, de um momento para o outro. E não

—Dá-me a sua palavra de cavalheiro em como estas cartas nunca saíam das suas mãos?

—Mas, absolutamente! Esteja tranquila!

Sem perder tempo, daí a dez minutos o senhor Brown conseguia que Lord Ravensdorne o recebesse para tratar de um assunto do seu interesse. Sem mais rodeios, pô-lo ao corrente do assunto:

—Sei que o senhor se vai casar com Lady Dian Tronimore e que a cerimónia está marcada para a próxima semana!

Lord Ravensdorne, jovem simpático, alto e musculoso, acenou afirmativamente com a cabeça, aguardando, um tanto intrigado, a revelação do homem, o qual logo se abriu:

—Sendo assim, estas cartas que o senhor escreveu a Valéria Mason devem interessar-lhe!... Não se espante pelo facto de eu as ter na minha mão. O caso nada tem de extraordinário e é bem simples. Por muito que me pese por ter de desludilo, fique sabendo que ambos nos entendemos e chegámos a um acordo...

—Mas... que quer dizer com isso? Aonde pretende, o senhor chegar?

—Repito que as cartas que o senhor escreveu a Valéria são muito íntimas e indiscretas! E se a sua noiva chegar a conhecê-las, talvez afie o casamento, para pensar um pouco mais...

—Não acredito! Valéria não seria capaz de uma acção tão vil!

—Vil ou não, cinco mil libras é quanto ela pede pelas cartas! — acrescentou o senhor Brown, com a sua imperturbável serenidade.

—Acho muito por meia dúzia de cartas! — observou Lord Ravensdorne.

—Será!... Mas a noiva pode pensar que valem muito mais...

—O senhor não se atreveria...

—E por que não? Pode ser que ela tenha interesse em adquiri-las e as compre, sem regatear o preço...

—Está bem: pagarei! — decidiu o aristocrata. — Posso ver as cartas?

Brown entregou-lhe uns papéis, explicando:

—As cartas, propriamente ditas, não! Isto são as cópias. Portanto, não se dê ao trabalho de rasgá-las.

Furioso, Lord Ravensdorne folheou a papelada, atentamente. Mas, à medida que prosseguia no exame, o rosto ia-lhe desanimando, e, por fim, com grande assombro do senhor Brown, deu uma gargalhada sarcástica e disse-lhe:

—Eu bem sabia!... Eu tinha a certeza! Conheço Valéria suficientemente para aceitar a hipótese de que ela se envolvesse numa «chantagem» tão miserável como esta. Não sei, meu caro senhor, como conseguiu estas cartas, mas tenho o prazer de lhe comunicar que são absolutamente falsas. Nunca as escrevi! Ou eu estou muito enganado, ou foi Valéria quem as escreveu a si própria. O que depreendo de tudo isto é que o senhor precisa urgentemente de cinco mil libras...

Então, erguendo o braço, como que para tirar a carteira do bolso, Lord Ravensdorne atirou dois terríveis murros à cara estanhada do senhor Brown, o qual, desiludido e apavorado e perdido, desta vez, a sua «flegma», se sumiu pelas escadas abaixo, com os queixos abalados, vergado à inesperada derrota — pois lá se iam aqueles milhares de libras com os quais já contava em resultado da sua miserável traficância.

CINCO MIL LIBRAS POR UM MAÇO DE CARTAS

Texto integral

do conto de

MICHAEL HERVEY

tempestuosa luta íntima, respondeu-lhe:

—Sinto muito, mas o negócio não me interessa!

Ele persistiu:

—Aumento a oferta para quatrocentas libras, mas aviso-a de que é a última oferta. E deixe-me dizer-lhe que, em vista da grave

via nenhum nas condições de lhe valer no afilativo transe! As coisas complicavam-se pelo facto de o seu empresário ter partido para a América com alguma demora. Mas embora não estivesse ausente, que adiantaria, se já lhe pedira vários adiantamentos sobre os seus ordenados?

*

Era numa sexta-feira, á tarde. Ao contrário do que afirmara, o senhor Brown insistiu em telefonar a Valéria, aumentando a oferta para quatrocentas e cinquenta libras. Entre a espada e a parede, tendo de pagar ou sujeitar-se às consequências de não o fazer, ela respondeu que lhe entregaria as cartas, por aquela quantia, na manhã seguinte.

—Estarei aí, com o dinheiro, por volta das dez horas! — garantiu o senhor Brown.

Realmente, foi pontualíssimo. Examinou em pormenor as cartas, com aquele seu ar untuoso e antipático, que tinha qualquer coisa de ascoroso. Depois, num gesto lento, pausado, tirou as notas da carteira, contou-as e deu-as à artista, a qual, depois de breve hesitação, perguntou-lhe, ao mesmo tempo que o encaminhava para a porta:

Almoço de despedida

do sr. W. I. Grobler

E' na próxima terça-feira que se efectua, no Restaurante Mónaco, em Caxias, o almoço de despedida ao sr. W. I. Grobler, adido de Imprensa à embaixada da União da África do Sul, promovido por um grupo de jornalistas e escritores. W. I. Grobler que é uma figura prestigiosa do corpo diplomático acreditado em Portugal e que parta para o seu país no dia 17 deste mês, a fim de ocupar um alto posto no Ministério dos Negócios Estrangeiros, receberá naquele almoço as mais expressivas homenagens de jornalistas, escritores, diplomatas e outras entidades.

DE LUTO

Caetano Ferreira de Carvalho

VILA NOVA DE POIARES, 8 — (Pelo telefone) — Faleceu na sua casa do Crato, o sr. Caetano Ferreira de Carvalho, viúvo, proprietário e antigo secretário da Câmara Municipal deste concelho. O funeral efectuou-se para o cemitério de Santa Maria.

LIVROS

PARA O

INSTITUTO BRITANICO

A venda na

LIVRARIA ANGLO-AMERICANA

RUA BERNARDINO COSTA, 32 —

(ao Cais do Sodré) — Telefone 27703

Sente-se assim?

É porque precisa de vitaminas e de ferro

BOVRIL contém vitamina B 12, essencial para fortalecer a saúde e a energia.

Misture uma colher de chá de BOVRIL com a sopa e os guisados. Estimula o apetite e a digestão.

Também pode tomar BOVRIL como bebida misturando-o com água quente.

Bovril em «sandwiches» é uma delícia.

PARA FORÇA E VIGOR**BOVRIL**

Unico Agente Distribuidor em Portugal

J. CANDIDO DA SILVA . LISBOA-PORTO**Restaurante Cortador****OH ! LACERDA**

Avenida de Berna, 36-A

PRATOS DO DIA

Domingo — Cabrito Assado

Segunda-feira — Dobrada á Portuguesa

Terça-feira — Cosido á Portuguesa

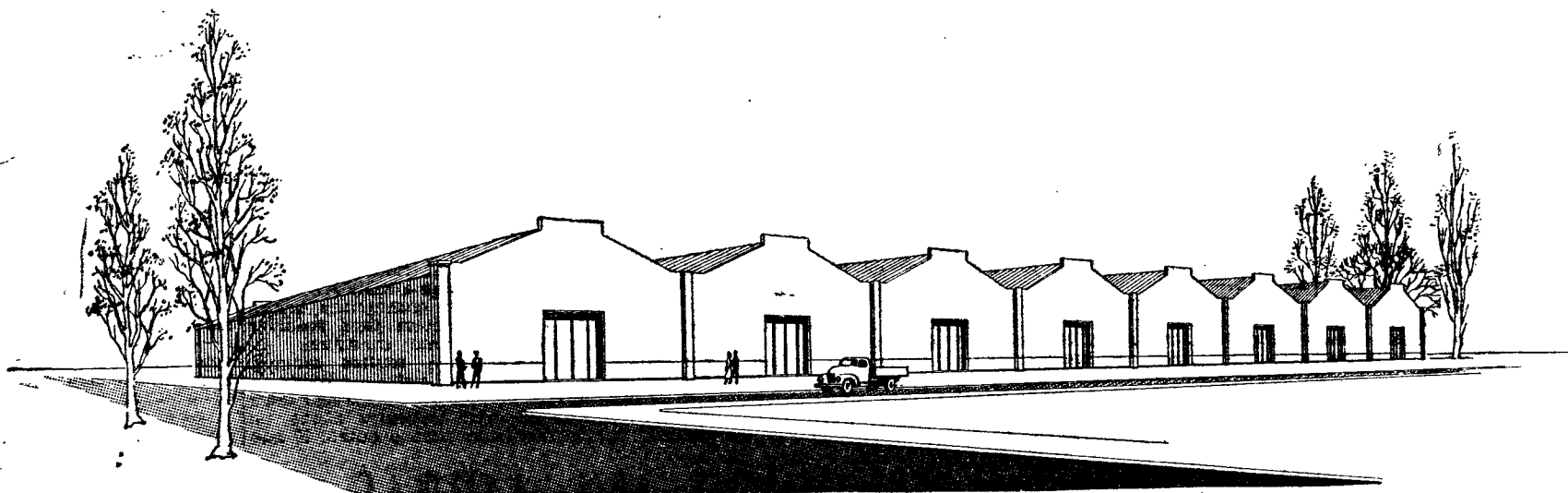
Quarta-feira — Bacalhau

Quinta-feira — Chambão á moda da casa

Sexta-feira — Caldeirada

Sábado — Chispe com todos

Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57.



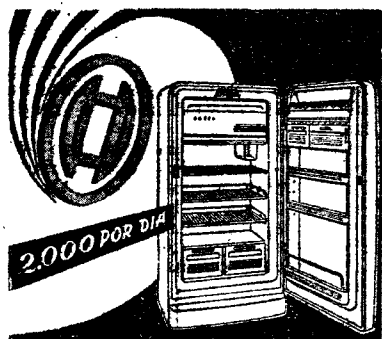
Perspectiva do maior armazém acabado de construir pela nossa firma, na zona industrial de Lisboa-Sacavém, composto de oito vãos, com área total de 10.000m² e destinado à nossa estimada cliente

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LDA.

Projectos - Orçamentos - Construções Cíveis e Industriais - Betão Armado

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES ERG

RUA DA BOAVISTA, 44-1.º - LISBOA

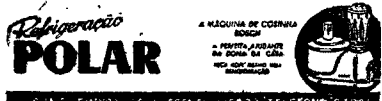


BOSCH

9 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO em qualidade, economia, técnica e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de 2.000 por dia

9 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.



TRANSPORTE DE MERCADORIAS PARA AMADORA, VENDA NOVA E QUELUZ

Acaba de ser inaugurado o serviço combinado para transporte de mercadorias entre estações do caminho de ferro e despachos centrais da camionagem e o Despacho Central de Amadora e os domicílios de Amadora, Venda Nova e Queluz.

Este melhoramento permite o despacho de mercadorias de qualquer estação ou despacho central de camionagem de serviço combinado com o caminho de ferro para o Despacho Central de Amadora e os domicílios de Amadora, Venda Nova e Queluz, e vice-versa.

LEILÃO DE PENHORES A COMERCIAL

18, T. da Trindade, 20 — Tel. 25082
Hoje último dia para pagamento de juros.

V. Ex.ª deseja comprar um relógio?
Peça um ENICAR ULTRASONIC
O ENICAR ULTRASONIC
oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR
ULTRASONIC

O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suíça. Mas a Fábrica

O relógio Enicar está à venda nos cinco continentes

Enicar fabrica 8 % da produção total da Suíça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:

Automáticos com os últimos aperfeiçoamentos.
Calendários, com a lente de aumento.
Impermeáveis: 10 % — caixa SEA-PEARL.
Extra-planos: sensacionalmente planos.



O RELÓGIO DAS HORAS EXACTAS

SINTRA ESPERA O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS RAPIDEZ E SIGILO A FINANCIADORA EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3 NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12



Ordem dos Advogados

CONSELHO DISTRITAL DE LISBOA

ASSEMBLEIA DISTRITAL ORDINÁRIA

Nos termos do artigo 568.º e para os efeitos do n.º 1.º do artigo 570.º do Estatuto Judiciário, convoco a Assembleia Distrital Ordinária para reunir na sede da Ordem dos Advogados, no Largo de São Domingos, n.º 14, 1.º andar, no dia 28 do corrente, às 15 horas, a fim de apreciar e votar o relatório do ano corrente e, bem assim, o orçamento para 1959.

Lisboa, 4 de Novembro de 1958.

O Presidente,

CONSTANTINO FERNANDES

CHEGARAM A PORTUGAL!!! AS MAIS CELEBRES MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA e LOIÇA, EM TODO O MUNDO...

Westinghouse

COMPLETAMENTE AUTOMÁTICAS!... Sem qualquer compromisso assista a uma demonstração, nos

Concessionários Gerais no País:

NORA, S. A. R. L.

Rua da Vitória, 59 — Telf. 28749
R. Infanteria 16, n.º 60-D — Telf. 688286



DIZ O MEDICO...

(Continuação da 1.ª página)

rados, imprescindíveis ao bom equilíbrio da nutrição, constituindo uma excelente fonte de fósforo, cobre e ferro, apesar de ser muito pobre em cálcio. Em contrapartida, é muito rica em vitamina B1.

Já no célebre livro «The Vitamins in Medicine», publicado em 1946, F. Bicknell e F. Prescott demonstraram que aquele alimento pode servir como fonte rica de vitamina B1. Nos Esquimós, nas populações árticas, não se registaram até hoje casos de avitaminoses por carência daquela vitamina tão necessária ao equilíbrio fisiológico.

Contém, além da apontada, riboflavina, niacina, piridoxina e ácido pantoténico, sendo muito pobre ou quase isenta de vitaminas A e C.

A cozedura a fogo lento não a destrói. Trata-se, pois, de um alimento fornecedor de vitaminas ao organismo humano em quantidades muito apreciáveis.

O uso e abuso de dietas exclusivamente constituídas por carne, pobre em cálcio e em vitaminas A e C, ocasionam o aparecimento de alterações nutricionais, entre elas o raquitismo. Tem-se estabelecido uma grande e perigosa confusão entre as chamadas carnes brancas e verme-

lhas (James McLester). A constituição das carnes dos mamíferos é idêntica, exceptuada a carne de porco, colocada, de há muito, à margem das dietas cientificamente organizadas.

Um conhecido dietista alemão, citado com frequência por Lusk, espanta-se com a afirmação de que, em certos países das Américas, a carne de vaca seja considerada de fácil digestão e a de vitela muito indigesta, chegando depois à conclusão de que na Alemanha não se sabe cozer convenientemente a primeira.

Parece também confirmado que a ingestão de proteína de carne, durante um período longo, não lesa os rins. Outros autores, de igual crédito e categoria (Newburg e Johnston), são, contudo, de opinião que o abuso da carne vermelha, em especial a de porco, pode originar o aparecimento de graves lesões renais («The Nephropathic Effect in Man of a Diet High in Muscle and Liver»).

Julga-se que a nefrite crónica é mais frequente nos países em que os seus habitantes ingerem dietas ricas em proteínas animais.

O aparecimento de albumina e de cilindros na urina nem sempre está ligado ao uso daquele alimento. Nos

ratos e noutros animais de laboratório, submetidos durante longos períodos a rações ricas em proteínas, não se verificaram lesões renais. Estará o aparecimento de albumina e de cilindros ligado aos ácidos amínicos que constituem as proteínas?

Os investigadores franceses, mais advertidos e realistas do que os norte-americanos em matéria de boa alimentação, afirmam que os povos que são fracos consumidores de carne, não se encontram em boas condições físicas, apresentando, devido a essa carência, menor resistência aos trabalhos pesados, inclusive os do campo.

A força dos Índios americanos (os Peles-Vermelhas), acentua Catlin, encontra-se no regime alimentar rico em carne de búfalo.

Os Argentinos consomem grandes quantidades de carne e, não obstante, os investigadores daquele país ligam um valor muito relativo à arteriosclerose. Os Chilenos permitem o uso da carne e do queijo, mas proibem a manteiga.

Os vaqueiros do Texas, durante décadas, vendiam a carne e alimentavam-se de vegetais. E, contudo, os vaqueiros são fisicamente fortes.

Os países ricos consomem mais carne. São muito elucidativos os relatórios técnicos sobre este magno

problema, publicados periodicamente pela Organização Mundial de Saúde, cuja última monografia (a trinta e três) apareceu há poucas semanas em Genebra e já se encontra à venda em todos os países.

O aumento de consumo dos alimentos, em especial a carne, acompanha sempre o grau de prosperidade comercial e industrial de uma nação.

Assim, a Inglaterra, o Canadá, os Estados Unidos, a Alemanha, a Austrália e a Nova Zelândia contam-se entre as que consomem mais carne por habitante. Seguem-se a Bélgica, a Holanda, a Suíça, a Checoslováquia e a França. A Itália e a Finlândia registam-se entre as que gastam menos por cabeça.

W. Thomas, que estudou, do ponto de vista médico, os costumes dos Esquimós verificou que as doenças cardiovasculares não são frequentes entre os habitantes das regiões polares, apesar da ração alimentar ser restrita. Os Esquimós consomem pouca gordura. As suas refeições são, em geral, constituídas por carne de baleia, de foca, lebre, raposa, urso, patos, gaivotas e peixe.

Os povos que se alimentam de desidratados e de conservas sofrem de escorbuto e de raquitismo. Os cabelos e as unhas dos primeiros são melhores e mais resistentes do que as dos segundos. Os Esquimós não sofrem de raquitismo.

Curioso é de anotar que, mesmo os adversários das proteínas, sustentam que as carnes, vermelhas ou brancas, devem ser acompanhadas de vegetais verdes, sendo inimigos do leite, dos amiláceos, dos doces, dos prótidos em geral, das frutas ácidas e das gorduras.

As dietas com ovos, por exemplo, são indigestas, quando misturadas com gorduras e alimentos ácidos. Os cremes e gorduras só devem ser acompanhados de vegetais verdes.

O leite, só por si, constitui uma refeição e é incompatível com outros alimentos, sucedendo o mesmo com o melão.

Voltemos, porém, à carne, considerada um alimento protector, devido à sua riqueza em proteínas, ácidos aminados e vitaminas.

As deficiências de proteínas, nos países pouco consumidores de carne, devido a precárias situações económicas, só podem ser compensadas com o aumento de consumo de leite, queijos e ovos, inacessíveis, porém, à maioria da população.

Qual o papel das proteínas? Aumentam a imunidade do organismo, as defesas contra a infecção. A perda de imunidade está sempre ligada a uma acentuada deficiência proteica (Cannon).

As melhores dietas deverão fornecer ao indivíduo quantidades suficientes de ácidos minados.

A refeição, no futuro, será essencialmente rica em proteína. Num livro clássico de Hardenbergh, «War and our Meat Supply», aquele autor afirma e prova que «a quantidade de carne fornecida aos soldados na última guerra influenciou o moral das divisões norte-americanas».

As falsas noções dietéticas são como a falsa moeda, cunhada pelos grandes culpados e posta a girar pelas pessoas de bem que, sem o saberem, perpetuam o crime — afirmou algures Joseph de Maistre.

É muito difícil delinear o plano de uma boa ração alimentar. Para cada um sua ração, e não esquecer, sobretudo, que não existem alimentos específicos, uns que fazem bem aos olhos, outros aos nervos uns que nutrem o cérebro e outros que fazem crescer os cabelos... Os antigos aconselhavam a beterraba no tratamento das doenças dos rins e da bexiga, o ananás para as dores de garganta, aspináfes e rama de beterraba para a cura da anemia, o limão e as uvas para o cancro, o mel para a tosse, o alho para a asma, etc., etc...

Tudo modas, mezinhas, superstições que ficaram, no correr lento dos anos, estampadas na alma do povo!

Por causa da minha vesícula, eu próprio estou sempre à espera das primeiras alcachofras... Foi uma boa receita que herdei de uma das minhas avós...

A. d'E.

O PORTO pelo telefone

Nova carreira de autocarros

PORTO, 8. — A partir de amanhã, a populosa vila da Maia e as localidades vizinhas, situadas ao longo da estrada Porto-Braga, vão usufruir um dos maiores benefícios que há muito legítimamente ambicionam — o estabelecimento de uma carreira regular de autocarros do Serviço de Transportes Colectivos do Porto.

O acto inaugural terá grande importância, com a chegada do primeiro carro, que conduzirá engenheiros e pessoal superior do Serviço. No limite do concelho, onde chegará cerca do meio dia, organizar-se-á um luzido cortejo até aos Paços do Concelho.

Bimotor em primeira viagem

Procedente de uma fábrica de aviões de Oklahoma, aterrou ontem à noite no aeroporto de Pedras Rubras, trazendo apenas dois tripulantes, um novo avião bimotor destinado à Companhia de Aviação inglesa «Air-Work». Trata-se de um aparelho de dez lugares, que fez escala na Terra Nova e em Santa Maria. O novo bimotor partiu esta manhã, com destino a Zurich.

Criança queimada

Recolheu ao Hospital de Santo António a menina Maria Clara Teixeira da Silva, de 5 anos, residente, com seus pais, em Aguias Santas (Maia), que sofreu graves queimaduras pelo corpo, por se lhe ter pegado fogo aos vestidos, ao aproximar-se demasiado de um fogareiro de petróleo.

Exposição de pintura

Inaugurou-se hoje, no salão de festas do Coliseu do Porto, uma exposição de pintura de Henrique Leorne.

CARTAZ DO PORTO

para amanhã, dia 9

COLISEU — As 21 e 30 — «O cavaleiro da Torre».
S. J. A. BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Vingança do Circo».
RIVOLI — As 21 e 45 — «Os dez mandamentos».
HATAIHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O prisioneiro do rock and roll».
TRIUNFADE — As 15 e 30 e 45 e 21 e 30 — «Os irmãos Karamazov».
OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A Rapariga das Violetas».
NUN VARES — As 21 e 30 — «O médico de Estalinegrado».
AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A volta ao Mundo em 80 dias».
S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «A tragédia do Titanic».
JULIO DINIS — As 15 e 15 e 21 e 45 — «Escandalos em Tóquio».
e 30 — «O segredo da confissão».

Terminou a reunião da Federação de Oleicultura

Terminaram os trabalhos da reunião da Federação Internacional de Oleicultura que se efectuaram no Palácio Foz com a presença de delegações da Argélia, Espanha, França, Itália, Marrocos, Tunísia e Portugal. A Grécia delegou a sua representação em Portugal.

Os delegados dos referidos países percorreram hoje o triângulo turístico Lisboa, Sintra, Cascais.

VIDA MUNDANA

D. ANA MARIA BUAL

Partiu hoje, por via aérea, com destino a Colmar (Alto Reno) a enfermeira da respectiva Escola da Cruz Vermelha Portuguesa, D. Ana Maria Bual, que vai estagiar, durante seis meses, nas escolas de enfermagem daquela cidade e de Estrasburgo, e ainda numa clínica de serviço de psiquiatria, em Paris.

VIDA ARTISTICA

A missão Internacional de Arte vai expor no S. N. I.

Num dos salões do S. N. I. vai inaugurar-se na segunda-feira, às 16 horas, a exposição dos trabalhos da Missão Internacional de Arte que, por iniciativa do Grupo Popular, funcionou em Évora durante o mês de Setembro.

ELNA

Maquinas de costura, pequeninas, simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional

VENDAS E REPARAÇÕES

Em Lisboa — Largo da Trindade, 17 no Porto — R. Sá da Bandeira, 69-2.



Oferece-lhe agora a possibilidade de preparar instantaneamente, sem estufas nem fermentos, um delicioso e nutritivo

IOGURTE EXPRESS MAGRO PASTEURIZADO

com água,
ou sumos de frutos...
o Rapid-Mix...



e os dois amigos inseparáveis

BÉVITA e DIESINE

obterá instantaneamente, em creme, mousse ou batido, um iogurte hiperprotéico de paladar delicioso

O IOGURTE EXPRESS BÉVITA está agora também disponível em pequenas carteiras, contendo 2 iogurtes, nos seguintes aromas naturais: Baunilha, framboesa, limão e café, ou neutro

- sem corantes
- sem conservantes

UMA NOVA VITÓRIA DA CIÊNCIA SUÍÇA AO SERVIÇO DA ALIMENTAÇÃO NACIONAL

OFERTA!

DIESE

Av. Duque de Loulé, 1 • Lisboa

Querem enviar-me gratuitamente um folheto e receitas do IOGURTE EXPRESS BÉVITA

NOME

MORADA

Recorte e envie este cupão, colando-o num simples postal.



A velocidade desenvolvida

pelos dois primeiros pisos do engenho não permitiu que o satélite se libertasse do campo magnético da Terra

(Continuação da 1.ª página)

americana para colocar um satélite artificial numa órbita da Lua já não suscita dúvidas.

Os técnicos de Cape Canaveral empenham-se, agora, em apurar qual terá sido a trajectória do foguetão durante a sua curta actividade e os pontos de impacto dos seus elementos ao caírem na direcção da Terra.

Desconhecem-se, por enquanto, as causas técnicas do mau funcionamento do dispositivo propulsor do foguetão «Thor-Able», que devia, se tudo corresse bem, imprimir ao satélite lunar uma velocidade máxima de 38.240 quilómetros á hora e levá-lo em dois dias e meio, depois de um trajecto de 320.000 kms. á vizinhança imediata da Lua.

O lançamento previsto para a noite de anteontem para ontem fora adiado por vinte e quatro horas, menos de uma hora antes do momento previsto para a tentativa, pois «dificuldades técnicas» surgiram no derradeiro instante. Não se revelou a natureza exacta destas dificuldades. Mas, soube-se, pouco depois, em Cape Canaveral, que a equipa encarregada de acender o aparelho desconfiava de ruídos insólitos provenientes do corpo do foguetão, quando procedia aos últimos preparativos.

A contradição aparente, nas informações publicadas sobre o êxito do lançamento, em especial quanto aos três pisos se terem acendido normalmente, resultou de um erro da Agência Espacial (N.A.S.A.). Sabia-se que este organismo anunciou oficialmente, às 7 e 45, que «os segundo e terceiro pisos do veículo espacial experimental foram acendidos com êxito, indicando, minutos depois, que a operação de acender aqueles andares do foguetão decorreria normalmente e numa ordem de sucessão perfeita».

No entanto, a tentativa falhou. A velocidade desenvolvida com os dois primeiros elementos do foguetão foi insuficiente para arrancar o engenho do campo magnético da Terra. E foi anunciado, oficialmente, que os segundo, terceiro e quarto andares do foguetão se tinham separado uns dos outros e caído «algures» no Sul do Atlântico. No entanto, o «Pioneiro II» teve tempo, na sua curta vida espacial, para descrever um arco de vários milhares de quilómetros, uma vez que se consumiu ao tomar contacto com a camada atmosférica, perto da África Central.

Ignorase ainda se os seus dois postos emissores lhe permitiram transmitir indicações científicas utilizáveis. Sabe-se, entretanto, que durante 15 minutos pelo menos (das 7 e 45 às 8 e 1) os seus sinais foram captados pelo radiotelescópio gigante de Jodrell Bank (Inglaterra) que devia acompanhá-lo em toda a trajectória na direcção da Lua.

Só dentro de dias poderemos saber — se for possível fazer-se a determinação exacta — as causas do mau funcionamento técnico que impediram que o terceiro piso se acendesse normalmente e provocaram assim o insucesso da tentativa. Este tempo será preciso para comparar as indicações captadas pelos cinco postos de rastreio nos Estados Unidos, na Inglaterra, e no Pacífico. — (F. P.).

O engenho incendiou-se sobre o continente africano

WASHINGTON, 8. — O «Pioneiro II» desintegrou-se, incendiando-se, ao reentrar na atmosfera sobre o centro da África, depois de um voo de menos de 45 minutos.

Atingira 1.600 kms. de altitude

Fulminados por um raio que caiu numa escola

JOHANNESBURGO, 8. — Morreram fulminados três rapazes e vinte e nove ficaram feridos, dos quais treze com gravidade, em consequência de ter caído um raio na sala de aula de uma escola, nos arredores desta cidade, durante uma violenta tempestade. — (A. N. I.).

segundo anuncia, oficialmente, a N. A. S. A.

A Agência Espacial transmitiu o seu comunicado às 9 e 30, assinalando que o engenho se desintegrou num ponto situado sobre a parte oriental do centro do continente africano.

Crê-se que a desintegração do satélite ocorreu cerca das 8 e 15, ou seja, aproximadamente, três quartos de hora, depois do foguetão portador ter sido aceso. O engenho caiu a 12.000 kms. de Cape Canaveral. Calcula-se que a velocidade máxima atingida foi de 25.000 quilómetros á hora. — (F. P. e A. N. I.).

CAPE CANAVERAL, 8. — Um elemento oficial declara que o malogro com a tentativa de alcançar a Lua significa que o foguetão percorrerá mais alguns milhares de quilómetros, antes de regressar á atmosfera terrestre, onde também se desintegrará em virtude de estar ainda animado da grande velocidade que lhe imprimiram os dois primeiros andares. — (ANI).

A operação do lançamento

CAPE CANAVERAL, 8. — Eram 2 e 31 (7 e 31, T. M. G.) de hoje, quando a Aeronáutica lançou o seu terceiro foguetão lunar, com cerca de 27 metros de comprimento e o peso total de 52 toneladas.

O Céu estava claro e o engenho subiu com um ligeiro atraso de 2 minutos relativamente á hora prevista para o lançamento. A zona da operação foi a que já servira para as duas tentativas anteriores, a de 17 de Agosto que falhou em resultado da explosão do foguetão 77 segundos depois de ser aceso, e a de 11 de Outubro que enviou o «Pioneiro I» á cerca de 129.000 kms. da Terra, o qual, tendo perdido a aceleração, voltou a cair em direcção ao solo e desintegrou-se na atmosfera.

Ao acender-se o foguetão, toda a base do Cape Canaveral foi iluminada pelo clarão, assim como as praias em redor. Passados 30 segundos, o foguetão desapareceu no espaço, que, entretanto, se encobriu de nuvens baixas; mas o zumbido dos motores continuou a ouvir-se por algum tempo, confirmando que o primeiro piso, pelo menos, funcionava normalmente. Cerca de dois minutos depois o foguetão reapareceu por entre as nuvens. A N. A. S. A., explicou antes que o segundo piso do engenho devia acender-se 4,5 minutos depois do lançamento.

Dez minutos depois da operação inicial, a Aeronáutica confirmava que o 3.º piso se incendiara, embora vários postos de rastreio assinalassem que o voo do foguetão parecia conforme a todas as previsões. — (F. P.).

Juntou-se uma multidão para ver subir o satélite

CAPE CANAVERAL, 8. — Houve um engarrafamento monstro, durante a noite passada, nesta praia, onde milhares de curiosos se instalaram nos seus automóveis para assistir ao lançamento do foguetão lunar «Pioneiro II».

Por volta da meia-noite, a praia tinha o aspecto de imenso parque-automóvel ou de acampamento de ciganos. Aqui e além, fogueiras ateadas na areia, iluminavam as caras em redor.

Um clamor enorme saudou a partida do foguetão. A luz avermelhada da zona de lançamento, o zumbido do motor, o longo rastro dos gases á retaguarda do engenho, e dois minutos depois o longo cilindro metálico perdia-se nas nuvens. O espectáculo terminara. Então, todos se meteram nos seus carros e tentaram regressar ás estradas do litoral, numa desordem absoluta provando que, mesmo em Cape Canaveral, nem tudo é orientado pelo cérebro electrónico. — (F. P.).

O radiotelescópio britânico assinalou o anormal funcionamento

LONDRES, 8. — O prof. Alfred Lovell, que chefia a equipa de cientistas do Observatório de Jodrell Bank, declarou que o foguetão lunar americano foi localizado

pelo grande radiotelescópio britânico às 7 e 43, mas que se perdera o contacto às 8 e 1.

Notou o cientista que o primeiro rastreio, 3 minutos depois da hora prevista, indicava uma anomalia no funcionamento do foguetão. — (F. P.).

Declarações do prof. Lowell

JODRELL BANK (Inglaterra), 8. — «É-me completamente impossível afirmar, sem receio de cometer um erro, se o «Pioneiro II» regressou á Terra ou seguiu outra órbita» — declarou o prof. Lowell, director do maior radiotelescópio do Mundo, o de Jodrell Bank, da Universidade de Manchester. Acrescentou: «Estabelecemos contacto, três minutos mais tarde do que esperávamos, e via-se claramente que havia algo que não batia certo».

O radiotelescópio seguiu o voo do foguetão lunar durante 18 minutos, mas perdeu-lhe o rastro a partir das 8 horas e um minuto (T. M. G.). O primeiro contacto verificou-se às 7 e 43 (T. M. G.).

O prof. Lowell não esclareceu se o aparelho localizou o «Pioneiro» por recepção directa dos sinais de rádio emitidos pela carga instrumental do satélite ou pela utilização do seu próprio sistema de radar. Depois de perdido o contacto, o radiotelescópio continuou a esquadrihar o Céu, descrevendo amplos arcos, a fim de determinar se o «Pioneiro» se encontraria a «altitudes inferiores». — (A. N. I.).

Moscou não comenta

MOSCOVO, 8. — A agência «Tass» anunciou, esta manhã, sem comentários, o lançamento e a desintegração do «Pioneiro II».

Lembrou o malogro das duas tentativas americanas anteriores. — (France Presse).

Far-se-ão outras tentativas?

WASHINGTON, 8. — O malogro da tentativa com o «Pioneiro II» esta manhã, põe termo ao programa confiado pelo Governo á Aeronáutica Militar, com o fim de colocar um satélite artificial numa órbita lunar.

A Aeronáutica fizera, anteriormente, outras tentativas. A primeira terminou rapidamente por uma explosão do foguetão portador, a uns milhares de metros de altitude. Na segunda, o «Pioneiro I» subiu até cerca de 128.000 kms. ou seja 1/3 da distancia que separa a Lua da Terra.

Para que se faça nova tentativa do mesmo género, haverá que esperar 28 dias, pois então a posição relativa da Terra e da Lua será de condições óptimas. É provável que então, por alturas de 5 de Dezembro, o Exército entre, por sua vez, em acção. As forças terrestres estão autorizadas pela N. A. S. A. a proceder a dois ensaios lunares. Utilizarão para o efeito o foguetão «Jupiter-C», o que alcançou até agora maiores êxitos com os seus «Exploradores», tratando-se de colocar um satélite artificial numa órbita da Terra. — (F. P.).

Prepara-se outro satélite

COCOA (Flórida), 8. — A Aviação vai tentar lançar um satélite de reconhecimento, antes do Natal — informa o jornal «Cocoa Tribune». Esse satélite, que se chamará «Sentinela», será equipado com aparelhagem fotográfica e terá o peso aproximado de 1.800 quilos, isto é, mais 500 quilos do que o «Sputnik III». Impulsioná-lo-á uma combinação de foguetões «Atlas», «Intercontinental» e «Titan». — (A. N. I.).

O «Sputnik»

volta a passar sobre Lisboa

LONDRES, 8. — O «Sputnik» passará, depois de amanhã, sobre Lisboa, á 1 hora e 59 minutos (T. M. G.) — anuncia a Agência Tass, no seu habitual comunicado sobre a trajectória do satélite artificial russo. — (A. N. I.).

Escola de Adultos — T. 862244
Exames 3.ª e 4.ª classes
rápidos c/ diplomas garantidos
Cursos das 9 às 23 h.
Largo Chão do Loureiro, 1-2

2.ª tiragem

RESERVAS DA A. F. L.

Os dos grupos do Benfica venceram nos jogos da 6.ª jornada da Taça «Dr. Oliveira Duarte»

Prosseguir hoje o torneio da Taça «Dr. Oliveira Duarte», entre as reservas dos clubes da A. F. L., concorrentes aos campeonatos nacionais das 1.ª e 2.ª divisões.

Disputaram-se os encontros da primeira jornada da 2.ª volta, com as atenções gerais a incidirem sobre o desafio Sporting-Benfica A, como é natural.

Do que se passou nos vários campos damos a seguir breves notas:

Sporting, 1-Benfica A, 2

Jogo no Estádio «José Alvalade», com numerosa assistência. Arbitrou Raul Martins e os grupos formaram assim:

SPORTING — Carvalho; Hilário e Morato; Casaca, Graça e Mesquita; Quim, Ivson (depois Oscar), Tomé, Travaços e Cafum.

BENFICA A — Barroca; Serra e Barbosa (depois Salvador); Salazar, Humberto e F. Ferreira; Vieira Dias, Bambo, Carda, Santana e Peres.

O Benfica começou abertamente e na jogada inicial ganhou um canto... sem resultado. Na resposta, o Sporting ia obtendo golo, num «shot» longo de Casaca, que quase surpreendia Barroca, adiantado no terreno.

Aos 5 minutos, Travaços foi derubado dentro da grande área dos «encarnados», fez aparato e o árbitro concedeu «penalty», que o mesmo Travaços não concretizou.

Aos poucos o Benfica apertou o cerco e, aos 12 minutos, Santana alcançou o 1.º golo da partida. Os «leões» não se entregaram e, aos 20 minutos, havia já 1-1 — livre de Oscar e «cabeça» de Tomé.

Depois o jogo endureceu com frequentes choques entre os jogadores, de mistura com dureza desnecessária e tornando-se menos interessante.

Aos 35 minutos Salazar foi expulso e aos 42, Graça teve a mesma sorte. Entretanto, Palmeiro Antunes substituiu Carda.

Ao intervalo, 1-1.

Tal como na 1.ª parte, o Benfica foi o grupo que melhor conta deu de si. E, assim, aos 8 minutos, o resultado passou para 2-1, a favor dos «encarnados», com um tento de Vieira Dias, no seguimento de um canto contra os «leões».

Animados com o tento, os benfiquistas dominaram a situação até ao quarto de hora, tendo Palmeiro Antunes, perdido uma excelente ocasião de aumentar o activo, aos 14 minutos, após um excelente passe de Santana.

No segundo quarto de hora a

Os Estados Unidos partilharão segredos militares com a Rússia?

GENEVA, 8. — Os Estados Unidos talvez se disponham a partilhar alguns dos seus segredos militares com os Russos, durante a conferência Leste-Oeste sobre a prevenção de ataques de surpresa — afirma-se nos círculos norte-americanos bem informados.

Sublinham, porém, que os Estados Unidos só se decidirão a tomar essa atitude se se tornar evidente que os Russos estão dispostos a discutir com franqueza os seus próprios segredos militares.

Nos círculos ocidentais espera-se que as conversações culminem com um acordo Leste-Oeste sobre as formas e disponibilidades de vários métodos de detecção dos ataques de surpresa, incluindo o radar, a fotografia aérea, os observatórios terrestres e marítimos, os instrumentos electrónicos e outros.

Acrescentou que a conferência prolongando-se por quatro ou cinco semanas, preparará uma lista de todos esses métodos de detecção técnica, que será discutida, possivelmente, numa conferência política Leste-Oeste. Os mesmos círculos acentuam que o encontro de Genebra não tentará sequer definir possíveis áreas de inspecção ou de «côo aberto». — (A. N. I.).

partida decorreu mais equilibrada, ainda que, dos dois grupos, o visitante se mostrasse equipa com melhor estruturação.

Com o declinar do encontro, o Benfica passou a cuidar mais da defesa, com o visível propósito de «segurar» o resultado, o que não obteve a que o Sporting, aos 44 minutos tivesse estado prestes a alcançar o empate, ao beneficiar da marcação de uma grande penalidade, que o extremo Quim atirou para as mãos de Barroca.

E acabou: Sporting, 1-Benfica A, 2.

Belenenses, 5-Atlético, 0

Jogo no Estádio do Restelo. Sob as vistas de Carlos Dinis, as equipas alinharam assim:

BELENENSES — Fernandes; Leonel e Castro; Paz, Carlos Silva II e Marçal; Miguel, Abdul, Cunha Velho, Mendes e Guilherme.

ATLETICO — Dias; Pereira e Correia; Midoes, Henriques e Fonseca; Tomás, Mega, Amador, Florival e Sim-Sim.

Na primeira parte o Belenenses dominou, desenvolvendo bons esquemas de jogo, que obrigaram os alcantarenses a trabalho árduo na defesa. Os visitantes só esporadicamente se acercaram das redes dos «azuis», mas sem perigo.

Aos 5 minutos, Miguel abriu o activo dos donos do campo e, aos 20, Guilherme fixou o resultado da 1.ª parte em 2-0.

Na segunda parte o desafio manteve as características da primeira metade. Os «azuis» continuaram a dominar em todos os capítulos de jogo, não obstante os Alcantarenses terem dado melhor réplica.

Aos 10 minutos, Miguel fez o 3.º golo; aos 32, Mendes obteve o 4.º tento e quando o resultado, no último minutos já parecia feito, Abdul fixou a marca em 5-0.

Oriental, 4-Arroios, 0

Jogo no campo «Eng.º Carlos Salinas». Sob a direcção de Virgílio Salgado as equipas alinharam:

ORIENTAL — Edmundo; Moraes 2.º e Carapinha; Cordeiro 2.º, Alfredo e Jerónimo; Pintado, Adamastor, Martinho, José da Silva e Postigo.

ARROIOS — Borrega; Pais e Artur; Farrajota, Adelino 2.º e Orlando; Armando, Dario, Paz, Bibi e Tomé.

Apesar dos visitantes beneficiarem do vento, a equipa mais perigosa, a partir dos 10 minutos, foi a do Oriental.

Assim, não surpreendeu que, logo aos 10 minutos, Martinho obtivesse o primeiro ponto e, que aos 25 minutos, José da Silva fixasse o resultado da 1.ª parte em 2-0.

Depois do intervalo a luta esteve equilibrada até aos 25 minutos, sem que as equipas, no entanto, tivessem criado oportunidades de golo.

Depois, até final, os donos do campo voltaram a ter vantagem, trazida pela marcação de mais dois golos — ambos da autoria de Adamastor, aos 29 e aos 34 minutos.

Ao fim: Oriental, 4-Arroios, 0.

Benfica B, 11-Sacavenense, 0

Jogo no Campo Grande, dirigido por Manuel Barreiro da Silva, com as equipas assim constituídas:

BENFICA B — Ramalho; Nuno e Jorge; Amaral, Sidónio e Jurado; Carapinha, Mascarenhas, Pedro Silva, Muralha e Neves.

SACAVENSE — Linhares; Alvaro e Fernandes; Belmiro, Domingos e José Santos; Azevedo, Serra, Mancabelo, Cardoso e Rui.

Os «encarnados», sem terem jogado bem, mereciam amplamente, ao intervalo, o resultado de 5-0, feito á custa de golos de Carapinha, Muralha (2), Pedro Silva e Nuno.

Na segunda metade, os «encarnados» continuaram a impôr a sua superioridade, bem concretizada com mais seis golos, da autoria de Muralha (2), Mascarenhas (2) e Garcia (2), que entrara a substituir Carapinha.

Hospital de Santa Maria

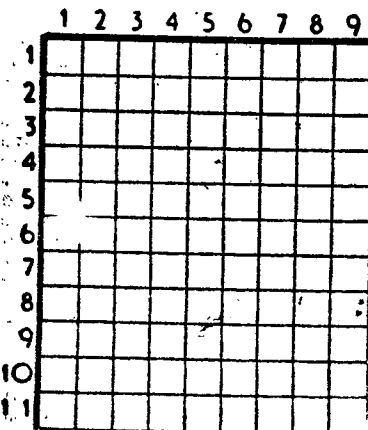
O dr. Fernando de Brito Barros foi provido no cargo de chefe do laboratório do Hospital de Santa Maria.

DIÁRIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3.498



HORIZONTAIS: 1 — Confiante. 2 — Lavrais. 3 — Símbolo químico do gálio. Pedras de amolar. Símbolo químico do hélio. 4 — Calcula. Encargo. 5 — Senhor inglês. Gasto. 6 — Elegantes. 7 — Rente. 8 — Artigo definido. Parceiro. Pronome pessoal. 9 — Cabo da Costa de Portugal. Fronteira. 10 — Combatei. 11 — Gostas muito de. Rates.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Portugal. A Morte. 2 — Canção. Apenas. 3 — Noctiva. Gera. Partido. 4 — Mana. Naipes das cartas de jogar. 5 — Tanto. Agora. 6 — Alegria. Cortas com serrate. 7 — Artigo definido. Descobertas. Escudeiro. 8 — Reformador checo que foi um dos precursores da Reforma. Pronome pessoal. 9 — Antiga cidade da Jónia onde havia um célebre templo de Diana, considerado uma das sete maravilhas do Mundo. Semelhantes.

Solução do problema n.º 3.497

HORIZONTAIS: 1 — Onda. Orar. 2 — Vá. Dar. Ré. 3 — Sarna. 4 — Bar. Apa. 5 — Rifa. Sura. 6 — Ira. 7 — Arda. Mala. 8 — Aos. Ora. 9 — Silva. 10 — Em. Lei. Má. 11 — Meta. Abar.

VERTICAIS: 1 — Ova. Ria. Sem. 2 — Na. Birra. Me. 4 — Safados. 5 — Adora. Azila. 6 — Ar. Lé. 7 — Ornas. Movia. 8 — Apurara. 9 — Ar. Arola. Mu. 10 — Réu. Aia. Ar.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».

AVENIDA — As 21 e 45 — «O Men-tiroso».

TRINDADE — As 21.45 — «O diário de Anne Frank».

MARIA VITÓRIA — As 20 e 30 e às 22 e 45 — «Por causa delas...».

COLISEU — As 21 e 30 — Companhia Internacional de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Segredos de alcova».

SÃO LUIZ — «Indiscretos».

SÃO JORGE — «A tragédia do Titanic».

IMPERIO — «Os dez mandamentos».

EDEN — «A sede do mal».

POLITEAMA — «Vingador sem piedade».

ALVALADE — «Indiscretos».

MONUMENTAL — «Os miseráveis».

ROMA — «A sede do mal».

ODEON — «O pinga amor».

CONDES — «Os miseráveis».

AVIS — «A rapariga das violetas».

OLIMPIA — «Desforra fatal».

RETELO — «As noites de Cabiria».

IDEAL — «O grande Caruso».

PROMOTORA — «Paulo e Carolina».

CAMPOLIDE — «O homem que sabia de mais».

Baile de beneficência

É hoje, sábado, às 21 e 30, que a Casa do Concelho de Gouveia leva a efeito, na sua sede, na Avenida da Liberdade, 42-3, dt., um baile de beneficência, com a colaboração da orquestra «Costa d'Ouro» e alguns artistas da rádio e do teatro.

Para os nossos pobres

Do Grupo Desportivo e Cultural da Companhia de Seguros Metrópole, em comemoração do 40.º aniversário daquela empresa, recebemos e agradecemos 20 escudos destinados aos pobres nossos protegidos.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — As 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Trechos de operetas; 19, Emissão infantil; 19 e 30, Trechos em piano; 19 e 45, Aguarda brasileira; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Música ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Viola espanhola; 21 e 30, Conjuntos vocais; 21 e 45, Serão para soldados. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa «B» — As 18, Cantata Vivaldi; 18 e 15, Concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, transmitido do Teatro Nacional de S. Carlos, sob a direcção de Pietro Argento e com a colaboração do violoncelista Eling Bengtsson. No intervalo: Noticiário regional e música de Ravel; 20 e 15, O tenor Justus Bjorling; 20 e 45, Variações sobre um tema livre, para quinteto de sopros de Bozza; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Trechos de operetas; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 45, Que quer ouvir?; Sinfonia n.º 4 em lá, opus 90, «Italiana», de Mendelssohn, e «Concerto n.º 2 em lá menor, opus 21», de Chopin; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 17 e 30, Variedades; 18, Ritmos de baile; 18 e 30, Fados e guitarradas; 19, Quer um conselho?; 19 e 15, Doris Day; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Solistas; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Imagens por música; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Trechos recreativos; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Canções; 23, Concerto; 23 e 30, Ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45, Agenda; 23 e 50, Conjuntos; 0 e 30, Noticiário; 0 e 40, Ritmos de baile.

Estação de Miramar — As 18, Paisagem infantil; 18 e 30, Canções; 18 e 45, Recital de Cruz e Sousa; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, António Alvarinho; 21 e 30, Orquestras ligeiras; 22, Programa para a mulher; 22 e 5, Brasil; 22 e 30, Conjuntos instrumentais; 22 e 45, Melodias; 23, Trechos de operetas; 23 e 30, Artistas portugueses; 0, Ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, Ecos de Espanha; 20, Música para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, As últimas novidades; 21 e 30, Música portuguesa; 21 e 50, Melodias; 22, No reino das musas; 22 e 20, Composições escolhidas; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

As 21: Abertura da emissão; 21 e 2: Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20: Helder Martins e o seu conjunto; 21 e 45: «Tele-Desporto», programa semanal de actualidade desportiva; 22 e 10: Teatro: «Ceu da minha rua» — Original de Romeu Correia; 23 e 20: «Na rua e na estrada», um programa para automobilistas e peões; 23 e 35: Actualidades nacionais e últimas notícias; 23 e 45: Fecho da emissão.

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 8 de Novembro de 1928 uma nota oficiosa pela qual o presidente do Ministério apresentara ao P. Presidente da República a demissão do gabinete, sendo encarregado de formar novo Governo. O sr. dr. Oliveira Salazar fora convidado a continuar na pasta das Finanças, e o sr. coronel Vicente de Freitas prosseguia nas diligências para se desempenhar da missão que lhe fora confiada.

EFEMÉRIDES

No dia 8 de Novembro de 1910 morreu Leão Tolstói.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

ASCENSORES — Comunicar á Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos os nomes das firmas encarregadas da conservação, lubrificação e afinação dos ascensores existentes nos prédios, sempre que se verifique a aquisição de prédio ou a mudança de firmas responsáveis.

PRÉDIOS URBANOS — Colocação de escritos.

Verificar se estão colocados escritos em todos os prédios de que se obtiver do arrendatário declaração de que se considera despedido ou equivalente.

(Art.º 970.º do Código de Processo Civil).

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL — Prédios ou andares devolutos.

Apresentar dentro de 15 dias, a contar daquele em que o facto se verifique, na competente Secção de Finanças, a participação respeitante aos prédios e andares que ficaram devolutos.

IMPOSTO PROFISSIONAL — Empregados de conta de outrem.

Participar na competente Secção de Finanças, no prazo de 15 dias, a contar daquele em que o facto se verifique, a cessação do exercício de profissão.

— Cessação de actividade

— Participações

Obs.: Quando a cessação se verifique posteriormente a 25 de Novembro de cada ano e até 31 de Dezembro, tendo-se observado o disposto no artigo 2.º do Decreto n.º 17730, de 7 de Dezembro de 1929 (15 dias contados daquele em que o facto se verifique), não é necessário apresentar qualquer reclamação para o efeito de anulação de imposto.

Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, ano de 1944, p. 108, e ano de 1946, p. 415-418.

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS, SECÇÃO A

— Letras comerciais processadas

— Manifestos

Nos 15 dias seguintes ao do protesto ou áquele em que este deveria ter sido feito, ou em igual prazo a partir da hipoteca que as garantem.

Uma oferta do escritor

Allan Villiers

ILHAVO, 8. (Pelo telefone). — O escritor e grande marinheiro australiano Allan Villiers, enviou ao Museu Municipal de Ilhavo, de etnografia marítima, uma belíssima reprodução fotolitográfica do veleiro «Mayflower II», reconstrução do primeiro «Mayflower», que em 1620, conduziu os padres peregrinos ingleses para a América.

Allan Villiers, que, em 1953, visitou o Museu de Ilhavo, foi o magnífico comandante do «Mayflower II» numa audaz viagem entre a Inglaterra-Plymouth (Massachusetts).

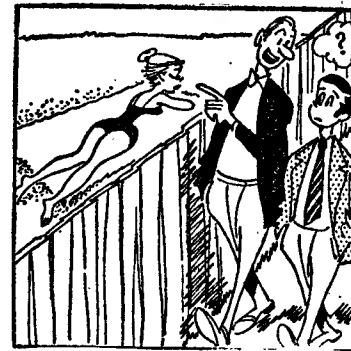
Villiers, que conta nesta terra numerosos amigos e admiradores, é o autor ilustre da «Campanha do Argus», livro em que admiravelmente nos descreve a árdua e penosa faina da pesca do bacalhau, nos bancos da Terra Nova e da Gronelândia.

Um jantar ribatejano

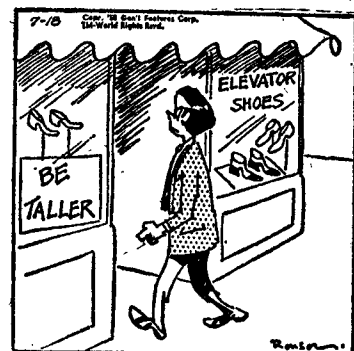
promovido pela Tábua Rasa

O Cenáculo Artístico e Literário Tábua Rasa promove, no dia 13, às 20 horas, um jantar na Casa do Alentejo, seguido de uma palestra pelo sr. dr. Raul de Carvalho que falará de «Ribatejo e o campino», com sua trilogia: toiro, fado e fandango». O dr. Velasco Martins, Silva Bastos, Silva Tavares, coronel Cardoso dos Santos, eng.º Sidónio Nunes Dias, João Bastos, dr. Leonel Cardoso, Gentil Marques, dr. Francisco Cândia e D. Maria Helena, dirão versos de exaltação do Ribatejo; D. Vicente da Camara cantará fados ribatejanos, com letra de João Bastos; campinos vindos da lezíria dançarão o autêntico fandango; João Villaret, acompanhado ao piano pelo maestro João Nobre, cantará o «fandango falado», da autoria de Fernando Santos; António Teixeira (Toni) dançará o fandango ribatejano estilizado; e o dr. Leonel Cardoso comentará a palestra com desenhos evocativos. D. Maria Teresa de Noronha (Sabrosa) será convidada de honra, assistindo, também, como convidada, o maior de uma importante ganadaria do Ribatejo.

ELE & ELA



Os homens medem-se aos palmos



FARMACIAS DE SERVIÇO

FURNO — União — Estrada de Benfica. 592-594. Tel. 780092. Vitex — Estrada de Benfica. 373-B. Tel. 780548. — Unie — Avenida Marjame (Unie. 15-A Tel. 778439. Leão de Matos — Rua Neves Costa. 33-35. (Unie). Tel. 780181. Laranjeiras (Das) — R. Filipe da Mata 160-162. Tel. 761035. Central do Lumiar — Rua do Lumiar 77. Tel. 779480. Brasil — Avenida Rio de Janeiro. 66-66/A Tel. 722368; Sanex — Avenida da Igreja 31-C. Tel. 776905. Belmar — Avenida de Roma 53-A. Tel. 776314. Algarve — Avenida de Roma 7-B. Tel. 777478. Garantia — Avenida Padre Manuel da Nobrega 5-A/B. A. Praça do Areeiro. Tel. 727300. Onilda — Avenida João XXI 13-A. Tel. 726848. Campo Pequeno (Do) Av. da República. 54-D-E. Tel. 771661. Vale — Avenida Marquês de Tomar 45-49. Tel. 773043. Palma — Avenida Duque de Avila. 25-31. Tel. 47088. Império. Ld. — Rua Filipe Folque 40-A/B. Tel. 48002. Salus — Rua Luciano Cordeiro. 73. Tel. 42239. Ascenso — Rua 27. 41. Bairro da Encarnação. Tel. 389216. Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia. 19. Tel. 389237. Conceição — Calçada D. Castão. 30-32. Tel. 381279. Luzmar — Rua 2. 16-Bairro de Santa Engrácia. Tel. 728395. Pereira. Suc. — Rua do Paraíso. 98-100. Tel. 463224. Silva — Calçada de Santo André. 16. Tel. 862074. Branquinho — Rua dos Sapadores. 87. Tel. 42725. Ibéria — Rua Barão de Sabrosa 235-A — Alameda — Tel. 728277. Candido Monteiro — Av. Almirante Reis. 121-B. Tel. 45751. Góis. Ld. Suc. — Rua dos Anjos 12-C/D. antiga Rua do Registo (Civ. Tel. 840101. Ribeiro & Castro Ld. — Rua Braamcamp. 58. Tel. 43409. Salutar — Rua B. 75-A/B. Bairro da Liberdade. Tel. 683694. Judice de Oliveira — Rua de Campolide. 54-A. Tel. 684424. Pinheiro — Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 663640. Janeiro — Avenida Alvares Cabral 100 ao lado do Liceu Pedro Nunes. Telefone 661453. Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3. Tel. 669455. Ocidental — Rua D. Jerónimo (Isorrio JPM 3 Tel. 610256. Gomes Suc. (Gonçalves) — Rua da Lungeira. 326. Tel. 638193. Costa — Rua dos Lusitadas 32. Tel. 636704. A César — Rua Prior do Crato 74. Tel. 660187. Pinheiro — Rua Presidente Arriaga. 16. Telefone 661867. S. Nunes Simões. Suc. — Rua do Quelhas 1. Tel. 661275. Africana — Rua Bernardino Costa 45. Tel. 29120. Pinharanda — Rua da Rosa 94-96. Tel. 21534. Lima Amaro Suc. — Praça da Alegria 27-28. Tel. 21149. Cortez — Rua de S. Nicolau 93. Tel. 2537. Rua de S. Nicolau 93. Tel. 25378. Farmácia Remísio — Rua dos Jerónimos 14-C. Telefone 631699.

Exposição fotográfica

sobre Brasília

organizada pela Panair

Chega hoje a Lisboa, no avião em que regressa ao Brasil o ministro Negrão de Lima, o sr. dr. César Pires de Melo, director superintendente-geral da Panair do Brasil, que na segunda-feira, às 18 e 30, na delegação da Panair, em Lisboa, presidirá á inauguração oficial de uma exposição fotográfica e documental sobre Brasília, futura capital da nação irmã.

Estão convidados para a cerimónia, seguida de «cocktail», o embaixador Alvaro Lins, individualidades portuguesas ligadas ao Brasil e outras personalidades, que serão recebidas pelos srs. dr. Pires de Melo e Marinho Alves, representante especial da Panair em Portugal.

Será exibido, também, um filme sobre Brasília, realização de Jean Manzen, com locução de Luís Jatoá.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (TMG) DE HOJE — Em Portugal Continental o vento era fraco o céu estava pouco nublado por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a Norte dos Açores.

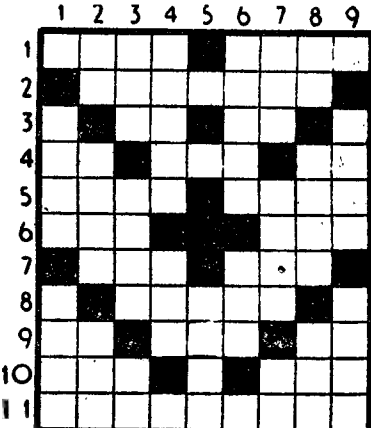
TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS (TMG) DE HOJE — Porto, 12°; Coimbra, 9°; Lisboa, 16°; Faro, 20°; Funchal, 19°.

PREVISÃO ATE AS 24 HORAS (TMG) DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado, vento moderado do Norte, descida de temperatura.

PALAVRAS CRUZADA

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1414



HORIZONTAIS: 1—A margem do rio. Rio da Rússia oriental que nasce nos Urales. 2—Cidade de Itália. 3—Artigo definido. Frequenta. Nota musical. 4—Letra grega. Viscera. Pretexto. 5—Suco vegetal concreto. Mamífero desdentado. Espécie de tatu. 6—Ecoa. Enal. 7—Consentimento. Preposição e artigo (pl.). 8—juízo prodencial. 9—Oferta. Isolados. Senhor. 10—Pasado. Alcool de melago. 11—Condição de uma pessoa poder dispor de si.

VERTICAIS: 1—Sulcas. Vereador municipal. 2—Antes de Cristo. Sufixo que designa abundância (pl.). Acrescentei. 3—Entregui. Partir. Rio da Sibéria. 4—Baleia. Porém. 5—Zumbir. 6—Serenidade. Preposição e artigo (pl.). 7—Pedra de altar. Indivíduo que anda a pé. Batráquio. 8—Canhamo de Manila. Progenitores. Nome que vulgarmente se dá ao comboio expresso de Paris. 9—Nome de um fruto. Equipa.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1413

HORIZONTAIS: 1—Ar. Lusas. 2—CADA. Eden. 3—Ora. Anis. 4—Do. Batata. 5—Ar. Eras. 6—Ago. Nas. 7—Oram. Cs. 8—CABEÇA. Má. 9—Mata. Pés. 10—Lado. CADA. 11—Rasasse.

VERTICAIS: 1—Acode. Oc. 2—Raro. Aramã. 3—Dá. Acabada. 4—Lá. Brometos. 5—Aa. Cá. 6—SENTENÇA. Cá. 7—Adiaras. Par. 8—Sestas. Meda. 9—As. Vasas. Provérbio: «CADA CABEÇA CADA SENTENÇA».

PULL OVERS

para homem e senhora

Echarpes de lã Mohair

TORRE EIFFEL

104 - Rua do Carmo - 106



De Gaulle entrega a Churchill a «Cruz da Libertação». Desde os dias cruciantes da última guerra estes dois homens não se viam. Churchill é o terceiro estrangeiro a receber esta condecoração, depois de Eisenhower e de Mohamed V. de Marrocos

João XXIII

enviou a bênção aos cardeais da Hungria e da Jugoslávia

CIDADE DO VATICANO, 8 — O Papa João XXIII recebeu, com as honras devidas, o príncipe Alberto, da Bélgica; e a ex-rainha Joana, da Bulgária, irmã do ex-rei Humberto II.

Recebeu, também, a ex-imperatriz austríaca Zita, que assistiu à coroação, e os arcebispos de Westminster; mons. William Godfrey e de Viena; mons. Franziskus König.

O Pontífice enviou a sua bênção apostólica aos cardeais Mindszenty, da Hungria; e Stepinac, da Jugoslávia.

A bênção foi enviada em telegramas endereçados a aqueles cardeais. O cardeal Wyszyński, primaz da Polónia, celebrou esta manhã, na pequena capela de Nossa Senhora de Czestochowa, nas grutas da basílica de São Jedro, missa especial, à qual assistiu grande número de refugiados polacos residentes em Roma e um grupo de sacerdotes polacos, entre os quais o arcebispo Gawlina que está exilado nesta cidade.

Depois do officio, o primaz falou aos fieis que enchiam por completo a pequena capela. Recordou-lhes a «prodigiosa» e maravilhosa protecção que Nossa Senhora de Czestochowa tem dispensado à nação polaca. — (F. P. e A. N. I.)

Fágide
ALMOCOS
COCKTAILS
JANTARES
Serviços especiais de banquetes

FOUR SQUARE ...
O TABACCO QUE O SEU CA
CHIMBO QUER



RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR Telephone 779168

Comunica aos seus Ex. Clientes que por motivo de um banquete tem a sua sala principal totalmente ocupada, sendo os jantares de hoje servidos na sala anexa.

Parece ser inevitável o malogro das esperanças de de Gaulle quanto à representação muçulmana no Parlamento

(Continuação da 1.ª página)

montante se eleva a mais de 100 bilhões de francos.

Segundo se afirma, Pinay teve ontem acalorada discussão com o ministro da Habitação, Michel Sudreau, o qual, ao que consta, insiste em que no novo orçamento seja inscrita uma verba de 40 bilhões de francos, destinada a um plano de construção de casas para as classes trabalhadoras.

Além de Sudreau, também os ministros das Telecomunicações, dos Antigos Combatentes, da Educação, das Obras Públicas, dos Planos Ultramarinos e da Agricultura insistem em exigir novas dotações para os respectivos ministérios, contrariando, assim, as expressas determinações do ministro das Finanças.

Na opinião de peritos financeiros, de Gaulle — embora de harmonia com os plenos poderes que lhe foram conferidos pelo Parlamento, não necessita de autorização para promulgar o decreto que põe em execução o orçamento para 1959 — terá de escolher entre estas duas «soluções»: ou reduções orçamentais, radicais, para impedir o agravamento desmedido do «déficit», ou agravamento geral de impostos, que, embora necessário para o saneamento financeiro da França, poderá contribuir para que de Gaulle venha a perder a popularidade que desfruta, actualmente, entre as classes abastada e remediada da nação. — (A. N. I.)

De Gaulle visita as regiões castigadas pelas cheias

NIMES, 8.—O general de Gaulle e a sua comitiva chegaram, esta manhã, ao aeródromo local. Momentos depois, o presidente do Conselho partiu para Lafoux, primeira escala da sua visita às regiões do Gard, sinistradas pelas inundações de 30 de Setembro e de 4 de Outubro findos. — (F. P.)

Candidatos poujadistas eliminados da luta eleitoral

PARIS, 8.—Desapareceram da luta eleitoral cerca de 200 candidatos a deputados. Estes são agora 2.800 para 465 lugares de deputados metropolitanos na Assembleia Nacional.

Os candidatos eliminados, na maior parte poujadistas, não depositaram a tempo a caução de 100.000 francos que reverte para o Tesouro, se o candidato não alcança cinco por cento dos sufrágios no seu círculo. Os dirigentes poujadistas resolveram retirar essas candidaturas, ao ver que cada uma delas custava cerca de 150 contos, incluindo despesas de campanha.

Um terramoto abalou a Sibéria

e sentiram-se vários sismos em algumas cidades americanas

SUVA (Ilhas Fidji), 8 — Com receio de que um maremoto se seguisse a um terramoto ocorrido na Sibéria, foi avisada a população da costa norte desta ilha, sendo os habitantes aconselhados a tomarem as necessárias precauções e os navios a procurarem ancoradouros seguros.

O arquipélago fica situado no «anel dos terremotos», na linha que une directamente a Sibéria ao Japão. — (A. N. I.)

Violentos sismos abalaram várias cidades americanas
ST. LOUIS (Missouri), 8 — Vio-

lendo as despesas de colagem de cartazes. Mas decidiram favorecer em plano local as candidaturas de independentes e agrários (partidos da direita), desde que os candidatos se comprometam a combater qualquer extensão de «socialização» do Estado.

Os candidatos poderão começar, a fazer propaganda pela rádio e televisão na segunda-feira próxima, até 30 de Novembro, a três dias da primeira volta de escrutínio. Todos os partidos terão direito a fazer-se ouvir. — (F. P.)

Candidatos franceses e muçulmanos desistem de concorrer às eleições na Argélia

ARGEL, 8 — A não ser que, à última hora, a situação se modifique, será inevitável o malogro das esperanças de de Gaulle em poder contar, no Parlamento da Quinta República, com um núcleo de deputados muçulmanos, entre o grupo de representantes eleitos pela Argélia, que torne possível dar início aos planos para a estabilização da situação política no território argelino.

Círculos de Argel salientaram, esta manhã, que, a menos de 48 ho-

Travou-se violenta luta nos subúrbios de Havana entre a tropa e os revoltosos que teriam cercado algumas cidades

HAVANA, 8 — Várias pessoas morreram durante uma escaramuça entre forças da Polícia e do Exército e um grupo de insurrectos, surpreendido, de madrugada, num refúgio de Vibora, nos subúrbios desta cidade.

O «ninho» estava instalado num prédio de dois andares. O tiroteio começou às quatro e meia (locais) e continuava ainda duas horas mais tarde, com a resistência reduzida a dois rebeldes apenas. Nessa altura, a Polícia requisitou equipamento de bombeiros, para tentar escalar o edifício.

Explosões, à mistura com o matraquear das armas de fogo, indicam que os rebeldes empregaram granadas durante a luta, descrita pelas forças governamentais como um recontro de grande escala.

Avançam-se, também, que as tropas governamentais abateram catorze rebeldes, durante um recontro em Melena perto de Casanova, província de Oriente. — (A. N. I.)

Teriam sido obtidos novos êxitos sobre as forças governamentais, em Sagua La Grande e Santa Clara, na província central de Las Villas. As tropas fiéis ao Governo teriam sido infligidas baixas, em número de quarenta e seis mortos e muitos feridos, como resultado de diversos assaltos de surpresa. Em Santa Clara os insurrectos assaltaram dois depósitos de armas e munições apoderando-se do seu conteúdo. — (A. N. I.)

Teriam sido obtidos novos êxitos sobre as forças governamentais, em Sagua La Grande e Santa Clara, na província central de Las Villas. As tropas fiéis ao Governo teriam sido infligidas baixas, em número de quarenta e seis mortos e muitos feridos, como resultado de diversos assaltos de surpresa. Em Santa Clara os insurrectos assaltaram dois depósitos de armas e munições apoderando-se do seu conteúdo. — (A. N. I.)

Os sismos, que começaram às 21 e 45 (T. M. G.), foram sentidos, também, em Vincennes, Evansville e Chandler, na parte Sul do Estado de Indiana e em Louisville, no de Kentucky.

As autoridades dizem que os abalos tiveram a duração de vários segundos e foram precedidos de um estrondo. — (A. N. I.)

Na Califórnia

SAN FRANCISCO, 8 — Um ligeiro abalo telúrico sacudiu ontem, às 21 e 33 (T. M. G.), esta cidade e a região central costeira da Califórnia. Foi, também, sentido em Hollister a 128 quilómetros ao sul de San Francisco. Não há informações de se terem registado danos.

Don Tocher, sismólogo da Universidade da Califórnia, disse que o abalo atingiu a grandeza de 3.25 na escala de Richter, com o epicentro localizado a 96 quilómetros de Berkeley. — (A. N. I.)

Últimas notícias

Foi assinado o acordo entre os E. U.

e a EURATOMO

BRUXELAS, 8. — O acordo de cooperação entre os Estados Unidos e a E. U. R. A. T. O. M. O. foi assinado, esta manhã, pelo presidente da comissão americana da Energia Atómica, MacCone e o embaixador dos Estados Unidos junto das três comunidades europeias, Walton Butterworth; e, por outro lado, pelo vice-presidente da comissão da E. U. R. A. T. O. M. O., Medi, e os outros três membros da mesma comissão.

Disse, nomeadamente, MacCone que o novo acordo é «mais um símbolo da íntima semelhança de interesses entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental».

Em nome do Governo dos Estados Unidos, MacCone ofereceu à E. U. R. A. T. O. M. O. uma biblioteca de 19.000 volumes sobre a ciência nuclear, 15.000 dos quais estão reproduzidos em micro-filmes. — (France Presse).

O rei da Jordânia saiu do país

AMAN, 8. — O rei Hussein, que vai passar umas curtas férias no estrangeiro, esteve, esta manhã, no quartel de Zerka, perto da capital, despedindo-se do Q. G. do Exército.

O comunicado anunciando a partida do soberano, e a composição do Conselho de Regência, será publicado ainda hoje. — (F. P.)

Experiências com um «teleguiado»

CAPE CANAVERAL (Flórida), 8. — As Forças Aéreas lançaram hoje um projectil intercontinental, «Snark», neste centro de experiências, duas horas depois de se haver malogrado a terceira tentativa norte-americana para atingir as proximidades da Lua. A duração do voo está calculada em seis horas.

Disparado às 9 e 25 (T. M. G.), o «Snark» é o primeiro foguetão que completou uma viagem de ida e volta, percorrendo seis mil milhas, ou sejam: 9.600 quilómetros. Possui um dispositivo especial de aterragem e pode ser dirigido durante o voo por um sistema de «controle» remoto. — (A. N. I.)

Chegou à Austria a epidemia das «manchas vermelhas»

VIENA, 8. — A misteriosa epidemia de «manchas vermelhas», que grassa na Alemanha Ocidental, atingiu a Austria — anunciam os médicos dos hospitais da Austria Ocidental, onde foram assinalados cem casos, um dos quais em Viena.

Os médicos declaram desconhecer a causa da doença, e prosseguem com as suas investigações nesse sentido. — (A. N. I.)

Aniversário da revolução russa

WASHINGTON, 8. — O presidente Eisenhower, em seu nome e em nome do povo norte-americano, dirigiu ao presidente Vorochilov, da U. R. S. S., uma mensagem felicitando o povo russo pelo dia da festa nacional e fazendo os melhores votos pela sua prosperidade. — (A. N. I.)

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — TELEF. 14

Domingo 9, almoço e festa de consagração ao RANCHO TIPICO SETE SAIAS que tão brilhantemente representou o folclore ribatejano no estrangeiro.

EMENTA: Caldeirada à frigateiro — Ensopado de enguias — Batata à Ribatejana — Eirós a pescador — Cherne à campino — Pescada cozida à portuguesa — Dobrada à moda da casa — Chisalhada com todos — Cabrito à Ribatejana — Febras de porco na brasa — Perdiz à camponesa — Escalopes de vitela — Etc. etc.

Informações e reserva de mesas em Lisboa pelo telef. 770320 — (6 anos)

SUMÁRIO

«O FINEZAS»
ALEXANDRE CABRAL
Bilhete Paulistano
MIGUEL URBANO RODRIGUES
Os críticos e o 1.º Salão de Arte Moderna
FERNANDO PERNES
Elogio da Alegria
ALFREDO BRAS
A conquista do Espaço
ALBERT DUCROU
Crônica de Londres
LUIS DE SOUSA REBELO
Fim-de-semana feliz
CICERONE
Apontamentos para os tempos futuros
DIOGENES
Impressões de Itália
DULCE REBELO
Ganhe 100\$00 com um sorriso nos lábios
A presença do povo
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Saiba com
Ouvindo bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
M. CAROLINA FREITAS
Eduquemos o nosso filho
M. LUCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
VILHENA
Página da Mulher

magazine

A CONQUISTA DO CÉU

OS CRITICOS E O 1.º SALÃO DE ARTE MODERNA NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Tal como sucedera aquando da grande exposição da Fundação Gulbenkian, o Salão de Arte Moderna S. N. B. A. despertou uma onda de interesse que infelizmente — com mágoa o registamos — não ultrapassou os círculos intelectuais, sem se ter conseguido ainda a adesão de mais vastos sectores do

público. De qualquer forma os visitantes habituais da velha instituição tiveram agora a ocasião de fixar os novos conceitos para uma nova estética, que aliás, pela repetição até ao cansaço, pelo seu novo academismo ao qual poucos expositores se conseguiram furtar, lhes surge como evolução natural do mesmo superficialismo.

(Continua na 3.ª página)

A aventura do rei persa

Não duvida. Estamos no início de uma época maravilhosa, a época das viagens interplanetárias... Não tardarão muitos anos que o Homem, prisioneiro da Terra, se liberte e, conquistado o espaço terreno, venha a conquistar os espaços do Céu.

As bases necessárias a essa aventura estão criadas nesta primeira metade do século XX. Agora há que ter um pouco de paciência; quem aguardou este acontecimento durante milhares de anos pode, já

dida, nos lábios de moralistas sem asas nenhuma — por incapazes de usar asas de cera...

O que muita gente desconhece é a história do soberano persa Kai-Kaus.

Este amigo vivia desgostoso nos limites da terra que toda conquistara já. Por desgraça, não houvera ainda a feliz oportunidade de ler Tolstói com o seu admirável conto «A terra de que precisa um homem». Isto é, os cinco palmos, dela, onde o nosso corpo, sem protestos, se aninhara e achará suficientes.

Por isso, o imperador Kai-Kaus,



Teria este aspecto o carro puxado pelas águias reais do grande rei Kai Kaus?

agora, esperar sem nervosismos excessivos a chegada à meta...

Sim, milhares de anos eis o que vem escrito no bilhete de identidade deste sonho...

Todos conhecem a lenda de Icaro cujas asas de cera se derreteram ao Sol. Icaro desapareceu para sempre nas águas do Mediterrâneo e o «mito» passou a servir, por um lado, de representação à ansia de libertação do Homem; de exemplo, de castigo para a ambição desme-

após impor senhorio a todo o mundo conhecido, achou que para sua glória tudo aquilo era pouco. Entrou aqui nele a tal ambição desmedida que os moralistas fabulosos condenam.

Certa noite, quando pelas áreas dos jardins meditava nas lucubrações de Zaratustra, deu com os olhos na Lua.

Os olhos, como devem estar re-

(Continua na 3.ª página)

Impressões de Itália

MA viagem a Itália tem sempre algo de nota musical que se estende em bordões indefinidos e variados emitidos pelos mais diversos instrumentos que compõem a harmonia duma orquestra. Talvez por isso, os preparativos de largada vão misturados de um largo anseio, de um desejo de descoberta, de uma emoção mal contida que humedece os olhos no momento das despedidas. Mas o comboio estremece, arranca lentamente com barulho de ferragens e vai deslizando para fora da estação acompanhado de adeuses, promessas de carta, lenços a acenar.

Durante as primeiras horas os passageiros recordam-se do que deixaram, sonham com o que irão encontrar ou procuram passar o tempo o melhor possível, e assim criam-se contactos, fazem-se conhecimentos novos ou fecham-se num mutismo que não admite abordagens.

Depois da longa travessia por terras de Espanha, em que a avidez e a desolação confrangem, o Sul da França surge como uma aurora de alegria nas suas montanhas verdes, riachos coleantes, cascatas frescas. No alto dos montes avulta um

Por
DULCE REBELO



«Sta tranquilla, ca-a-a-ra!»...

ou outro castelo roqueiro, talvez cenário de uma tocante história romântica. A paisagem humana também se modificou. Dentro do comboio misturaram-se agora alguns italianos barulhentos e conversadores, americanos e franceses. Todos levam destino a Itália e têm pressa de chegar.

No corredor, um negro alto e bem parecido é suspeitosamente vigiado por um polícia francês que acompanha cada um dos seus gestos com ar ameaçador. A história colectiva em que vive a França com os acontecimentos da Argélia, começa a fazer-se sentir aqui. Uma americana ocupa egoisticamente dois lugares e conta os dólares que irá despendar em Cannes. Os camponeses italianos riem, falam com toda a gentileza e oferecem a comida dos seus cestos. A Côte d'Azur rebrilha ao sol quente com as vivendas dos magnates, os jardins floridos, as luxuosas esplanadas de chapéus multicores.

Nice, Monte Carlo, Mônaco... uma costa esplendorosa, de rochedos a pique sobre o mar muito azul, mas as praias de cascalho dificultam o andar elegante das banhistas que parecem executar um arriscado número de circo. Uma italiana quarentona, formas abundantes e olhar sensual, fixa amorosamente um compatriota de cabelos anelados até ao colarinho. Mônaco desilude duas adolescentes com as suas casas muito velhas, na zona não-turística, e o enorme palácio, pesado, de fachada

da amarela. O fascínio maior ocultase na noite. Miríades de estrelas verdes, amarelas e rubras pontilham ao longe toda a costa tornando-a feérica. Ao pé, a intensa iluminação das esplanadas, «cafés», bares, jardins suspensos atraí os viajantes como borboletas que gostosamente caem no sorvedouro. A italiana de olhos garços caminha a poucos passos da sua conquista. Tem o olhar mais humido e responde distraída e arrastadamente à sua companheira de viagem: «sta tranquilla, ca-a-a-ra!».

As montanhas que anunciam a Itália são ainda uma massa cinzenta e informe na alacridade do dia soalheiro. Uma francesa exaltada

canta a «Marselhesa» ao chegar à fronteira, e a alfandega italiana, correcta e atenciosa para com os estrangeiros, deseja «buon viaggio!» Esta estação fronteiriça é idêntica a muitas outras de outros países onde se vendem também refrescos e pãesinhos com fiambre. Há, porém, uma nota bem diferente no marulhar humano, nos gestos, na expansão ruidosa, e até no pregão que não se encontra noutro lugar: «fiori!, fiori!» e as mais belas flores, frescas, perfumadas, são um convite de graça e gentileza com que nos recebe este país.

A italiana dengosa conquistou de-

(Continua na página central)



HOTEIS E ARIANOS

consciência liberal dos reis, depois dos conflitos raciais a que me referi nas duas ultimasónicas, ficou seriamente sobressaltada. A Inglaterra tem-se orgulhado sempre das suas tradições de tolerância e liberdade individual, e desde a Magna Carta que historiadores, juristas, eruditos e estadistas vincularam no espírito do povo que esta prerrogativa britânica é uma espécie de direito natural das gentes, que os Ingleses foram os primeiros a definir e a saber preservar através de inúmeras vicissitudes.

O homem da rua tem esta convicção profundamente arraigada e, quando lia nos jornais a notícia dos incidentes de Little Rock, era com um misto de altivez e ironia que replicava invariavelmente:

— «É uma coisa que aqui nunca se podia dar».

Poderá ser que ele não tenha uma ideia muito clara do que se

passa no Chipre e em Quénia, já que os telegramas das agências de informação e as próprias declarações dos seus chefes políticos o deixam perplexo e em estranha confusão. Depois o que acontece em territórios remotos e longínquos parece escapar ao seu raio de acção, e, ainda que cada qual se deva pro-

Por

LUIS DE SOUSA REBELO
LEITOR DA UNIVERSIDADE
DE LONDRES

nunciar sobre o assunto, é melhor guardar-se uma reserva prudente do que tomar decisões precipitadas. Mas o que ocorre no solo nacional, dentro do país, debaixo dos nossos olhos, isso é, naturalmente, muito diferente.

Foi assim com horror que se dá

(Continua na página seguinte)

CRÓNICA DE LONDRES

(Continuação da página anterior)

cobriu que circulam pelas ilhas do Reino Unido, há já algum tempo, certos periódicos e certas folhas impressas em que se expõem os perigos e os riscos de uma contaminação rática para os Brancos, cuja pureza de sangue está fortemente ameaçada por uma vaga indistincta de miscigenação. Um desses opusculos, «O Cavaleiro Arianos», denuncia, em estilo tremebundo, os vícios, as tendências, as inclinações mórbidas a que são adictos os Negros e Indianos que desembarcam nas costas britânicas e aqui acabam por fixar residência. O tipo sazónico puro, alto, louro, de olhos azuis corre o risco de se abastardar, principalmente porque estes emigrantes, que constituem uma maioria masculina, se sentem caninamente atraídos pela mulher inglesa. E «O Cavaleiro Arianos» conclui com um grito de desgosto e náusea que há até qualquer coisa de obscuro na associação de uma mulher loira com um tipo escuro e negro.

O aparecimento destes periódicos e folhetos não causou ainda quaisquer inquietações ao Governo que os toma por aquilo que são — uma corrente insignificante e irrepresentativa, expressão de pequenos núcleos fragmentários e isolados sem quaisquer raízes na grande massa do publico. Por outro lado o inquérito a que as autoridades oficiais procederam há alguns meses sobre a existência de uma subversal britânica da Ku-Klux-Klan,

perto de Birmingham, também não foi de molde a inspirar quaisquer receios. A sua actuação limitou-se a difundir de literatura de propaganda da imprensa em Waco, no Texas.

Há porém, quem entenda que os incidentes de Notting Hill vieram impor a necessidade de uma acção mais decisiva, a qual deve começar por uma legislação adequada. A atitude daquele «teddy-boys», que participou nos tumultos e que se enfiava só ao pensar que os Negros tinham ousado defender-se com garrafas do alto de um telhado, impressionou desfavoravelmente mais de um bom cristão.

Ora, animado do desejo sincero de terminar com a discriminação que os hotéis ingleses exercem discretamente, o sr. Z. Heiber, hotelero desta cidade e sócio da «British Travel and Holidays Association», propôs, na Assembleia Magna, que se votasse uma nova cláusula no regulamento, destinada a excluir qualquer sócio que se provasse ter recusado alojamento a um cliente devido à sua cor, raça ou religião.

O sr. Heiber tinha também as suas queixas contra a Associação de que é membro. O nome do seu hotel tinha sido eliminado do anuário publicado pela B. T. H. A. sem qualquer aviso prévio ou consulta. Como o sr. Heiber é um subdito leal e honesto, que paga pontualmente os impostos, acata as leis, respeita Sua Majestade, vota em todas as eleições e goza da plenitude dos seus direitos cívicos, pareceu-lhe arbitrário a atitude da Associação a que pertence.

Metendo a mão na consciência também aí não encontrou nada que justificasse a omissão, pois tem sido um sócio exemplar, cumpridor exacto e pontilhoso dos estatutos da ilustre agremiação.

Foi só após longas e demoradas excoitações, em que fez um exame a toda a sua actividade de hotelero modelar, que julgou vislumbear uma restia de luz, vaga dúvida cuja descoberta o chocou, mas que, para sossego do seu espírito atribulado, vinha apresentar agora ao sábio «quorum» de seus respeitáveis confrades.

Sucedeu que no passado, e por mais de uma vez, alguns funcionários da «British Council» e do «Colonial Office» o tinham procurado no intuito de conseguirem alojamento para visitantes de cor, que se tornara difícil hospedar em qualquer dos hotéis geralmente registados com aquelas organizações oficiais. O sr. Heiber, sempre que as circunstâncias lho permitiram, tinha accedido ao pedido, e nunca tivera razão ou motivo para se arrependido da sua decisão. Depois de muito vasculhar na memória, era este o único acto que lhe parecia susceptível de ter chamado sobre si a ira da venerável instituição á qual se honrava de pertencer. Mas uma tal suspeita afigurava-se-lhe tão feia e indigna dos nobres varões, que compunham o augusto conclave ali presente, que, para tranquilidade de espírito, se atreveu a propor aquele aditamento aos estatutos, cuja aprovação estava seguro de obter do conselho avisado e da bondade de Suas Excelências.

Ora o sr. Heiber não recebeu resposta para o seu apelo sincero, nem bálsamo moral para o profundo ferido. Por um mistério sibilístico e selado no coração daqueles homens dignos a moção foi rejeitada por uma maioria esmagadora.

No entanto talvez se possa desvendar uma ponta do segredo daquela votação forte que abalou o sr. Heiber. Num estudo grave de James Wickenden sobre o problema racial, editado sob os auspícios de um douto instituto de Oxford, o autor adverte-nos que uma legislação desse teor representa para alguns uma «intrusão abusiva da Lei na esfera da Moral», o que comprometteria irremediavelmente a eficácia do seu objectivo.

Estas finas e etéreas subtilidades da alma puritana — ai de nós! — talvez nunca as possamos compreender! Mas benditas sejam elas lá nas alturas pela doçura com que nos embalam todas as noites em paz como nós mesmos, com os amigos e o Senhor!

disco da semana

AS MELHORES MULHERES! — cantadas por um homem qual quer ou por qualquer homem.

Coro e orquestra brasileiros sob a direcção de António Carlos Jobim e Orlando Silveira.

Maria — Helena Helena —
Aurora — Zazá — Rosa Mo-
rena — Emilia — Marina —
Dolores — Ai que saudades de
Amélia — Magdalena — Ju-
racy — Um nome de mulher.

Disco Parlophone «long-plays»
OPMC 15

«Mulheres... tema eterno dos versos do poeta, inspiração dos pincéis do pintor, ponto de fixação na partitura do músico. Suaves e agressivas, românticas e prosaicas, lindas e raras da devoção materna ou pífidas Auroras do desencanto mutuo... São todas mulheres... Rosas brancas, rosas vermelhas, rosas cor-de-rosa, são todas mulheres».

Assim é apresentada pela Parlophone esta interessante microgravação inspirada pela mulher e que comporta algumas das mais belas melodias do cancionero ligeiro do Brasil. Em brilhantes arranjos orquestrais e vocais de dois dos novos valores da musica brasileira, as velhas melodias adquirem um novo e palpitante interesse. Completa perfeitamente este disco uma bela capa ilustrada com fotos das mais bonitas moças do Brasil. Um



disco recomendado para ouvir nas frescas noites deste maravilhoso Outono.

Disco publicado pelos Est. Valentim de Carvalho, Lda.

FIM DE SEMANA FELIZ



Para onde
vai amanhã?

Há dias passei ali no Cais do Sodré. Ia com todos os sentidos mobilizados para me libertar inócuamente daquela imensa ratoeira de trânsito. Com a ajuda, gratamente o reconhecimento, dos sinaleiros que, com um gesto, me diziam que não era por ali, mas sim por aqui, ou que não era por aqui mas sim por ali, já me não lembro bem.

Pois ia eu muito compenetrado dos meus deveres de peão quando levanto os olhos dois segundos e que vejo?

A janela de um daqueles edifícios gigantescos que se abrigam dezenas — sei lá! — centenas de escritórios com milhares de empregados autofuzilando-se com máquinas de escrever e de calcular, havia um homem meditando, com os olhos longe, para além da Barra...

«Isto é da lei», como diz o Artur, «continuo da minha secção. E' um facto histórico. Enquanto milhares de pessoas, milhões delas, mesmo, andam de olhos no chão procurando as migalhas do seu dia a dia, movendo-se num círculo que hora após hora mais se encurta, mais oprime, e mais aborrece, há outros que sonham, que mantêm o facho vivo da esperança, do «além da Barra»...

Evidentemente, não me furtel á descompostura que o sinaleiro me pregou por estar parado na via publica. Tal como o idealista da janela do terceiro andar não terá evitado a descompostura do chefe ou do patrão mais realista, mais deste Mundo. Mas ainda «isso é da lei» como rebate o Artur filósofo.

Resolvi-me a seguir a lição do idealista do terceiro andar. Perdi o rumo que levava, segui com certa de prego... Quando acordei era manhã, manhã dentro da manhã, que já ia adiantada. O dia era como que um enorme saco onde estrebuchava um animalzinho de olhos brilhantes, suplicantes...

Desci do autocarro vaguei por

caminhos atapetados de folhas voadas das árvores. Ao Deus dará do meu destino tomei por aquele caminho sem pretender saber onde me levava ele.

Aí, foi o deslumbramento. O Tejo, na estrada luminosa. Uma auréola em redor de todas as coisas. E á compita com os olhos, feminina como quem é, a distancia dava-se, para melhor ser alcançada...

Um barco subia o Tejo, eavernas entalhadas de carvão inglês, e flutuações universais. Um grito feliz, quase subversivo. O penacho de fumo estava quando no ar, e alto, como se o concreto pretendesse escalar o Céu...

Assim é Montes Claros, um passaporte para o sonho. Aqui á beira de Lisboa, aos ombros dela, tal a «menina de olhos claros» que o pai trouxesse aos ombros para lhe dar mundo a ver.

Há por aí um sem-número de pessoas que sonham com o Bosque de Bolonha, cujo passeio á concretizar-se lhes custaria milhares de escudos. E ignoram Montes Claros, de olhos claros, cuja visita é a bem dizer gratuita.

Pois bem, alfacinha dos quatro costados, pois bem, provinciano sedento de novidades, pois bem, turista caçador de emoções fugidias como borboletas ou perenes como estrelas! Pois bem! Em verdade vos digo que não é digno de morar ou visitar a capital aquele que não trepar mais esta colina que leva ao reino da luz...

Um passeio para amanhã, leitor e amigo. Conselho barato que, como todos os conselhos baratos, não encontrará eco na alma dos «snobs» — partindo do princípio cristão de que também eles a têm. Mas, estou certo, encontrará eco na tua. Anda, escreve na tua agenda: «Para amanhã dia 9, passeio aos Montes Claros...».

CICERONE



VEJA MELHOR
EM

com TV
VOLL Automatic

- automático para luminosidade e contraste
- comando à distância
- grande poder de captação

CONSULTE OS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

MORSE

Publicidade

Vai longe o aforismo apregoado pelos merceeiros bairristas de que «o segredo é a alma do negócio». Agora, não damos nenhuma novidade em dizer isto, a publicidade é que manda. Não apenas no comércio. Também na política, também na Literatura, também na Vida... Não vai ainda muito longe (no tempo, porque na memória de certas pessoas onde isso já vai!) a época em que um potente e imponente nazi declarava que «uma mentira repetida mil vezes transforma-se numa verdade!»

Em literatura, o caso de Françoise Sagan é típico do que significa a publicidade nos tempos que vão correndo (a galope, acrescenta-se...). Barulho em redor do «Bonjour, Tristesse!», entrevistas sensacionais; «Françoise Sagan, pensa...», «Françoise Sagan diz...»; Visita aos Estados Unidos; acidente gravíssimo; casamento; boatos de divórcio... Tudo na primeira página. E' preciso que Françoise — Bom. Negócio não abandone o primeiro plano...

Ultima: Françoise Sagan compareceu no Tribunal de Polícia de Servas acusada de excesso de velocidade, na auto-estrada do Oeste. Multa: 3.000 francos — o que em moeda portuguesa não chega a dar duzentos escudos...

Todos os jornais disseram. Todos os jornais falaram... Tamanha publicidade por 3.000 francos? Barattissimo!

Os críticos e o 1.º Salão de Arte Moderna



ARTUR BUAL — «Fuga»

(Continuação da 1.ª página)

lismo de expressão, habitual nos salões da Rua Barata Salgueiro.

Sob uma máscara de actual, mantêm-se os mesmos problemas para uma verdadeira actualidade da pintura em Portugal, e só os «slogans» de apreciação crítica variaram numa linha evolutiva que vai do «estão parecido», perante as flores da sr.ª D. Eduarda Lapa, ao «tem muita força» ou «dirismo ambíguo», relativo aos últimos abstractos com que se pretende exprimir um grau de modernidade que raramente ultrapassa o verniz de importação turística. Visto a esta luz o 1.º Salão de Arte Moderna tem de facto todos os acentos de acontecimento social: — A ausência de valores humanos corresponde a uma ausência de valores plásticos.

O 1.º Salão de Arte Moderna terá assim o grande mérito de surgir como depoimento da nossa incapacidade em vivermos e exprimirmos os grandes problemas da hora europeia que, em França como na Itália, se tomam como causa e consequência de autênticas correntes estéticas, das quais, afinal, pouco mais assimilamos para além da estéril imitação servil. Depoimento esse a que quisemos dar o devido relevo e levar junto do leitor, registando as declarações dos pintores que, pela sua originalidade ou honesta procura de expressão própria, numa autêntica preocupação de modernidade, constituíram no 1.º Salão uma nota de agradável excepção. Nesse grupo incluímos Santiago Areal, mas circunstâncias várias impediram-nos de o ouvirmos.

Diogo de Macedo, Maria Helena Vieira da Silva, Mário Dionísio e Adriano de Gusmão, figuras profundamente ligadas ao movimento das artes plásticas, teriam também de ser escutados num inquérito deste tipo. Finalmente, José Bronze depõe como pintor ainda sem prestígio formado, que pela primeira vez é admitido numa grande exposição sem que tenha havido qualquer prévio carácter selectivo entre os artistas em idênticas circunstâncias, e o sr. Madeira Rodrigues como visitante — Das palavras registadas, concluir-se-á a verdade das afirmações de Julio Pomar. — «Continuamos envolvidos em grandes confusões». Assim repare-se, a título de exemplo, nas divergências entre as opiniões de Vieira da Silva — o artista por-

tuguês de maior repercussão universal — e Mário Dionísio — o espírito mais lucido que, entre nós, se ocupa de problemas estéticos —; enquanto os jovens pintores discordam em muito do escultor Diogo de Macedo, director do Museu de Arte Contemporânea.

Decerto, alguma coisa estará errada. Decerto alguém estará mais próximo da verdade e talvez haja autênticos caminhos a seguir, ainda ignorados.

Mas deixemos as conclusões à meditação do leitor.

PERNES

Depoimento de Adriano de Gusmão

A exposição é inegavelmente modesta; há porém um esforço a louvar e o seu saldo é positivo. Bastaria considerar a possibilidade de podermos apreciar algumas verdadeiras obras de arte para que este empreendimento encontrasse plena justificação. Decerto a ausência de alguns outros nomes do panorama plástico português influi no nível geral e determina algumas das suas limitações. Dada a nitida presença duma falange mais nova, naturalmente interessada por toda uma última problemática plástica que se lhe depara, o não figurativo teria de surgir como nota dominante.

No entanto, graças ao espírito como foi organizado o salão, o amador de arte, pode encontrar ao lado de pintores figurativos, como Eduardo Viana e Pomar, artistas que exploram a expressão abstracta, como Vespela, Resende ou José Julio, e a revelação de artistas mais recentes, como Bual e D'Assumpção.

A escultura foi pouco concorrida, mas Martins Correia merece especial referência por valorizar a exposição com a sua participação. Em suma: devemos ver este salão com simpatia por ser o primeiro a organizar-se na própria S. N. B. A., de um modo arejado que pode e deve ter continuidade futura.

Depoimento de Diogo de Macedo

Esta exposição surge como uma consequência da louvável atitude da Fundação Gulbenkian, apresentando uma nitida homogeneidade. Tais iniciativas tornam-se cada vez mais imperiosas e merecem todo o apoio dos que estão ligados ao problema da arte em Portugal, onde progressivamente um publico cada vez mais numeroso vai prendendo a sua atenção à pintura moderna. Inutil me parece lembrar a agitação provocada em torno da Exposição Gulbenkian, enquanto a exposição das obras de Columbano registou mais de mil visitantes. As duas faces da pintura actual — figurativos e abstractos — têm autêntica representação nas Belas-Artes, sendo de lamentar a ausência de alguns pintores cuja presença elevaria o nível do Salão.

No entanto os não figurativos são em maior numero, o que se pode atribuir quer a uma posição de juri, quer à evidente fascinação dos jovens pela expressão abstracta ou abstractizante. E a presença dos novos é sem duvida uma faceta dominante nas Belas-Artes, o que aliás muito me apraz registar.

Não quero também deixar de exprimir o meu apreço pelos artistas que agora mais se destacaram. Assim, além de Eduardo Viana, que continua «moderno», merece especial referência os abstractos: Vespela, Azevedo, Albertina Mantua, José Julio, D'Assumpção, Bual e Abel Manta, e o concretista: Waldemar da Costa, os figurativos: Julio Pomar e Henri Sael.

Na Gravura destacam-se: Bartolomeu Cid e Alice Jorge e no desenho os jovens: José Escada e António Areal.

No próximo numero: Depoimentos de Maria Helena Vieira da Silva, dr. Mário Dionísio e José Augusto França.



D'ASSUMPÇÃO — «Génese»

POSTAL ILUSTRADO

A cidade, o monstro. A hidra. Mil tentáculos a arrastar-nos para o fundo.

A oferecer á luz cachinhos de imundície.

A dar-nos por razão o azul do céu, em tiras...

E não entanto, ai de mim!, como lhe quero... sabedor dos mil dramas escondidos por debaixo de cada pedra... apunhalado, em cada viela, por gritos de animal ferido... Olhos com passadeiras roxas, lampeões que são lágrimas no desdobrar das escadinhas...

E no entanto...

Aqui e não em outro sitio sei viver. Aqui, no centro da vertigem. As casas são familiares, as montanhas, a luz. Há um lugar para mim em cada praça. Sofro com a cidade e busco-a desesperadamente. Amor.

Já vi isto contado com muito mais movimento, mais beleza, mais poesia. Irene Lisboa, sim, falou deste amor como talvez ninguém mais antes dela. Deste veneno que intoxica, que mata — e que se torna indispensável á vida.

— Não posso olhar as raparigui-

nhas da rua, e as costureiras, e as Adelinas, e estas casas fechadas a sete chaves com segredos espantosos atrás das cortinas, sem me recordar de Irene Lisboa.

Alguém dentro da cidade e quase ignora dela. Dizia Graciliano: «a minha terra onde os analfabetos proliferam...». Pois não será já tem-

Por

MANUEL AGRA

po, analfabetos meus irmãos, de nos recordarmos que/mora alguém dentro da cidade?

Alguém, uma mulher, — numa terra onde ainda é tão difícil uma mulher ser alguém...

Mais de uma dezena de livros pu-

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO MAIS UMA LENDA QUE NASCE

«Os homens devem amar as coisas, mas não

tanto que se percam por elas...» Assim pensava

Fritz, o marinheiro norueguês, que se desfez de tudo para salvar a mulher bem amada...

Tem um nome complicado, o herói da nossa história de hoje, um nome que soa desagradavelmente aos vossos ouvidos latinos. Por isso, aos limitamos a chamá-lo pelo primeiro nome, isto é, Fritz...

Fritz nasceu numa pequena aldeia piscatória da Noruega e, desde criança, não conheceu outro officio que não fora o que pertencera a seus pais, seus avós, seus bisavós... Incluido na tripulação das pequenas traineiras da pesca do arenque, ainda menino de calções enfrentou as raivas do oceano, aprendeu-lhe as artimanhas, domou-se também ao seu génio...

Durante uma festa, a festa anual dos pescadores, Fritz sentiu que o amor lhe batia á porta. Era uma linda moça que se deslocara á aldeia pela primeira vez, atraída pela fama que a Festa dos Pescadores gozava em toda a província.

Fritz escolheu-a para seu par e não mais se largaram nessa noite — nem nas noites que se seguiram. O luar, um resplandecente luar de Agosto, estendeu seu alvo lençol de pureza e de felicidade sobre os dois jovens que enlaçados juraram serem um do outro; de mais ninguém, e para toda a eternidade...

Quando a rapariga, alguns meses depois, regressou da casa de seus pais, foi para unir seu destino ao do jovem pescador.

Foram difíceis, aqueles anos. A mulher de Fritz era frágil. A saúde dele

era como os ramos finos do arvoredor que baçoiam á mais leve aragem... Foi necessário recorrer á especialistas, tirar radiografias, comprar remédios caros... Não há outra solução? Os parentes, os amigos estão exaustos? Não há de onde venha o dinheiro necessário, para o tratamento de Elsi? Pois bem! Havia ainda a traineira para vender...

—Fritz! — suplicou ela. Não a vendas, peço-te!

—Não entendo... Pois se é preciso...

A traineira que foi de teu pai, nascida das mãos de teu avô...

—Escuta, Elsi, os homens devem amar as coisas, mas não tanto que se percam com elas! Que me interessava possuir o maior transatlântico do Mundo se me faltasses tu?

—Elsi abanava a cabeça:

—Não, Fritz, não o Peço-te...

—Louca! Tenho saúde, sou novo, a vida não me mete medo. Alcançarei trabalho em qualquer sitio...

Vendeu-se a traineira. Elsi recuperou a saúde, com grande alegria de Fritz. Mas não podiam manter-se assim durante longo tempo, naquela insustentabilidade com o que sobejara do produto da venda da traineira. Elsi poderia manter-se um ano, pouco mais, talvez. Uma ideia atravessou o cérebro de Fritz: — emigrar, ir tentar a fortuna em outras paragens, na América onde moiravam tantos contraneos seus.

Foi. A vida nos Esta-

dos Unidos tornou-se um inferno para o jovem pescador Norueguês. A crise dispensava, cada vez mais, braços e máquinas. Para sobreviver, Fritz trabalhou nos misteres mais humildes, mais penosos...

Nunca, porém, ras cartas que escreveu para Elsi, deixou transparecer o mais breve alarme. Tudo corria bem, em breve poderia começar a enviar-lhe algum dinheiro...

Um simples acaso pôs, ao fim de três anos, Fritz no caminho do êxito. As gotas de dinheiro que, todos os meses, tirando á boca, enviava para Elsi, engrossaram... E foi então que recebeu o pedido angustiioso dela: «Não me tenho sentido muito bem... Gostava tanto de te ver, de te apertar nos meus braços...»

Largou todos os seus negócios — e partiu. A tempo... milagrosamente a tempo... Dois dias depois, com um sorriso de felicidade, Elsi expirara nos seus braços...

Fritz sentiu o chão vacilar debaixo dos pés. Invadiu-o a solidão. Voltar á América? Voltar á luta? Para quê? Para quê se lhe faltava uma razão de lutar?

...Depois, Fritz voltou ao mar, simples marinheiro como outrora. Acalmava nos trabalhos duros de bordo, a saudade que o não largava nunca. E um dia, o pequeno dori de Fritz não apareceu. Nem ele, nem o tripulante. Interrogado, o mar não respondeu...

...E mais uma lenda nasceu.

A conquista do céu

(Continuação da 1.ª página)

parando, fuzilaram de ambição, de loucura! Conquistara toda a Terra? Pois bem! Isso contentava-o pouco enquanto também não conquistasse o Céu...

Reuniu em conselho todos os sábios da corte, todos os «magos». Estes, que até aí julgavam impossível a escalada, não tiveram outro remédio senão torná-la possível, pois quem mandava era o soberano.

Construíram então um veículo de madeira, extremamente leve, ao qual atrelaram quatro águias reais, jovens e poderosas, capturadas com essa finalidade pelos caçadores do monarca.

Então o rei sentou-se, tomou as

rédeas, fustigou as águias... Estas arremecaram-se impetuosamente para o espaço. Não certamente por afeição aventureira, mas para ver se conseguiam apanhar o pedaço de carne sangrenta colocada, «sempre», a um palmo do bico glutão...

Em breve, porém, a velocidade começou a diminuir. Sabemos, pela leitura do numero 16 do Magazine, que se a velocidade inicial não for superior a 11 quilómetros por segundo, é mais que certo não se atingir o alvo, porque a velocidade, ao invés do custo de vida, é sempre a descer...

Presume-se que as águias do rei Kai-Kaus não houvessem partido a essa velocidade, por qualquer defeito de construção que ainda hoje ignoramos, apesar dos sérios estudos efectuados em Cape Canaveral.

E aí está por que o rei Kai caiu no chão dos seus domínios ou, empregando a linguagem do nosso tempo, eis aí á razão por que o rei foi «recuperado pela Terra».

A crónica não nos diz muito acerca da passeata de Kai por esses caminhos do além. Limita-se a afirmar, muito lacónicamente, que «voltou á Terra desiludido», sem contudo nos dizer porquê.

Talvez, no fim de contas, achasse que a Terra ainda é o melhor e mais seguro. E o mais cómodo... especialmente quando se é rei de alguma Pérsia.

Sim. De qualquer modo, o amigo Kai-Kaus deu mais provas de espírito coscuvilheiro do que de espírito científico — porque este se distingue em só estar bem onde ainda não está...

A honra de pioneiro será no entanto de justiça que lhe não recussem.

LOJA DE ANTIGUIDADES DE CHARLES DICKENS



Nell dir-se-ia uma flor abandonada nos montões de antiguidades, melhor dizendo, de ferro-velho que atravacava a loja. Florescia em beleza e em bondade, como se o pó ou a lama nunca a atingissem.

Não se pode bem dizer que Nell fosse uma criança, apesar dos poucos anos — a vida cedo a amadurecera e a fizera mulher naquele corpo franzino. A tarefa de olhar pelo avô era pesada, ainda que ela sentisse como um doce fardo; ligava-a ao velho a maior ternura — o avô era tudo o que possuía no mundo. Não conheceu nem mãe, nem pai e mesmo o irmão, doídivanas como era, andava sabia Deus por onde... O velho era, pois, todo o afecto que conheceu. A sua vida resumia-se pois a bem estreita felicidade: um anjo e uma loja de coisas velhas. A Nell bastava essa felicidade de que sabia tirar o melhor partido; dava-lhe uns pequenos nada que faziam a velha casa confortável e alegre como um palácio: umas flores campestres sobre a mesa, uma velha poltrona de molas partidas, junto da janela, o chilreio do verdilhão na gaiola suspensa, o riso cristalino de uma garota feliz — que mais poderia haver para alegrar aquela casa?

Havia, sim; havia uns vagos sonhos do velho, quando pensava no futuro da neta; havia um segredo que ela levava, do velho para Quilp e deste para aquele. Quilp é a alma danada de toda esta história. Disforme, medonho, sinistro, uma daquelas figuras que, de estranhas, nos dão a imediata visão de serem talhadas para grandes feitos na vida dos que os rodeiam: ou extrema dedicação, um anjo portanto — ou repelente crueldade, um perfeito demónio.

Indeciso, ao nascer, sobre que fi-

gura mais lhe agradaria incarnar — o anjo ou o demónio — Quilp achou mais cómodo adoptar esta última. Fez-se, pois, demónio. Quem com

do sendo esta figura grotesca e diabólica. Quilp, mal viu a pequena, pensou quanto era bela e quão bem lhe ficaria ser a senhora Quilp quando, bem entendido, a primeira senhora Quilp tivesse sucumbido à extrema «ternura» com que era tratada. Tendo mesmo manifestado esta pretensão a Nell, criou nela um verdadeiro horror por esse corpo e alma disformes.

Quilp descobriu o segredo do velho; e sendo seu credor, arrolou-lhe os bens, os únicos bens — a velha casa de antiguidades, o refugio da sua velhice e o amparo da neta. Esta, convence o avô a fugir, porque a miséria lhe parecia ser menor por esse mundo fora, que dentro das mesmas paredes que albergavam aquela criatura diabólica. Partiram, andaram estradas desertas, sofreram a fome e o frio, estenderam a mão à caridade, dormiram aqui e ali, segundo os caprichos do destino. Mas nem o frio, a fome, ou a fadiga abateram Nell. Ela estava guardada para maiores infortúnios: descobriu que o avô a roubava, por amor do jogo; descobriu que o avô roubava o dinheiro amalhado por outros tão pobres como eles — mas nada disse; pôs-se ao velho a vergonha de o adinhar; levou-o para longe das tentações, voltou a correr estradas, a conhecer mais fome e mais fadiga. Sem desfalecer. E' que Nell também encontrou corações compassivos, amizades sinceras. E embora fossem de pessoas tão pobres como eles, encontrou nelas amparo e coragem. Quando pensava ras aguras da vida, pensava também que tinha tido o jovem Kit, que tinha



ele vivia, vivia nas penas do inferno.

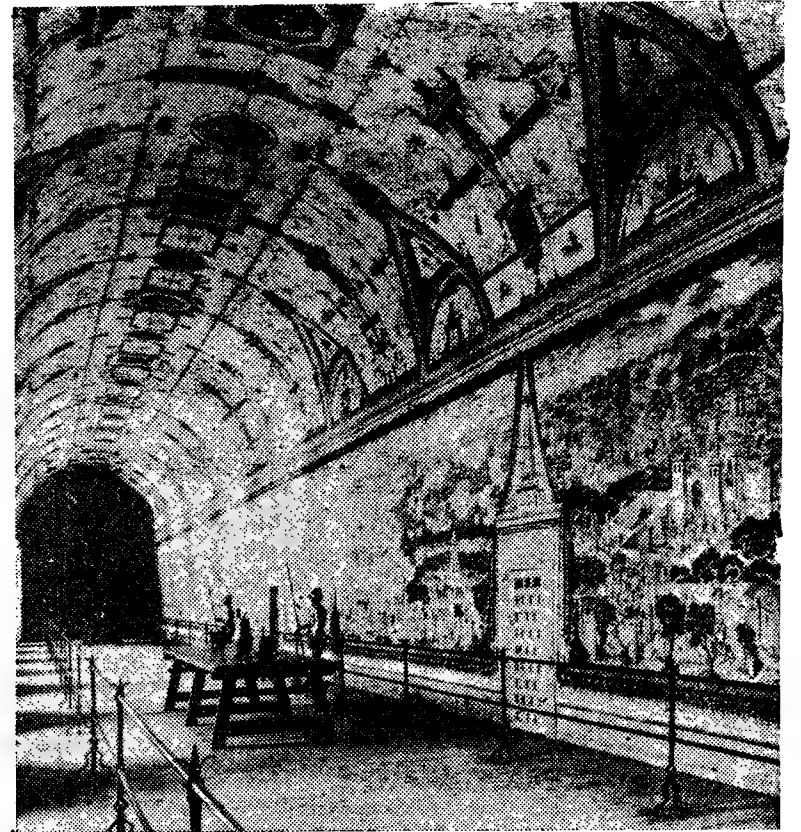
Pois o velho avô de Nell não podia ter escolhido melhor sócio para uns negócios que tinham em segredo

tido o mestre-escola, qualquer deles uma alma grande pronta à ternura e ao sacrifício.

Trilhou caminhos tenebrosos e agrestes, é certo, como os pézinhos deves. Mas aprendeu a descobrir, por entre pedregulhos e terra árida, pequenas flores singelas e persistentes, que teimavam em embelezar o Mundo. Nell sentia-se como uma delas, viçosa e delicada por entre escolhos. E pensava que nada é mais belo que a frescura das campinas e dos bosques, derramando-se por todos os lados e misturando-se ao azul luminoso do céu — quando se sai da escuridão; que nada é mais calmo que o gado pascendo nos prados — quando se viveu na inquietação e no receio; que nada há de mais tranquilizador que o fumo subindo por entre as árvores, e parecendo nascer da terra verdejante — quando se conheceu a verdadeira sem calor e a panela vazia. Nell pensava «é como se passasse da morte para a vida» — e amava a vida e era feliz.

Mas estava escrito que ela não seria inteiramente nem por muito tempo. Quilp aparecera como o anjo mau na sua vida e lançara avô e neta nos caminhos tortuosos da miséria. E continuaria a persegui-los: Até quando? Até onde?

Do extraordinário romance de Charles Dickens — obra cheia de vida, de variedade, de imaginação e de imprevisão, cuja rápida condensação oferecemos aos nossos leitores por amável deferência de Portugal Editora que acaba de reeditar, na sua colecção «Romances Universais».



Na Sala das Batalhas do Escorial não ficou mencionada a «Batalha» se venderam os nobres e o clero português.

A VIDA QUOTIDIANA NA PERDA DA A PRESENÇA DO

AO era pequeno negócio aquele: herdar a coroa de Portugal com todas as suas vastas dependências nas Índias Orientais e Ocidentais, em África, na Europa — mas sobretudo na Europa, naquele

pequeno rectângulo de terras lusitanas! Filipe II, gendarme da ultra-reacção feudal e executor obediente do programa da Contra-Reforma, preocupava-se sobretudo com a unidade ideológica da península — não se desse o caso de lhe surgir um tumor burguês e fatalmente herético neste extremo ocidente europeu. Até hoje tem-se suposto que, no caso português, a gula do terrível monarca espanhol a quem os protestantes chamaram «O Demónio do Meio Dia» tinha como objectivo a rica ementa do Império português; em parte assim terá sido, pois em todas as monarquias do partido contra-reformista avultava o grosso problema duma classe dirigente que, para viver, necessitava, em ritmo insaciável, de tenças reais, impostos e dos saques nas cruzadas ultramarinas (perspectivas que o Império português parecia poder alimentar); mas apenas em parte: é preciso não esquecer que Filipe tentou comprar a desistência de Catarina de Bragança como candidata ao trono português com a oferta do Brasil, com o título de rei para o duque, seu marido, precisamente numa altura em que os negócios da Índia estavam profundamente desacreditados. Como se deixou antever num dos meus anteriores artigos, ao virar armas contra o nosso País o rei-fanático teve sobretudo em mira evitar que lhe estourasse nas ilhargas peninsulares uma bomba protestante. A maioria do clero e da nobreza pensavam, no nosso País, pelo mesmo padrão.

A gravíssima crise económica de Portugal — com as finanças totalmente falidas e murcha a teta indiana de que se alimentavam as nossas classes dirigentes — onde a burguesia vivia há décadas sob o terror da grelha inquisitorial e o povo vegetava na mais negra miséria, fornecia excelentes condições para uma alteração revolucionária do tipo de que a Europa burguesa e protestante oferecia brilhantes exemplos. A estes agentes purgativos se juntavam ainda as recentes violências do Poder no easo da recruta de peões para a expedição de Alcácer-Quibir, e a política impopular e anti-nacional que, de longa data, se teimava em refinar.

A expansão portuguesa, em especial no Oriente, servia para exportar do país, durante oitenta anos, o fantasma das lutas sociais, nomeadamente entre o clero e a nobreza, por um lado, e a burguesia, por outro; quando começaram a transparecer os embaraços da exploração da Índia e se ateavam na Europa as dissensões sociais sob o disfarce das guerras religiosas — a nobreza e o clero procuraram, por

intermédio da Inquisição, enfraquecer mortalmente a burguesia, ao mesmo tempo que lançando demagogicamente contra ele o povo, procuravam assegurar-se do apoio deste.

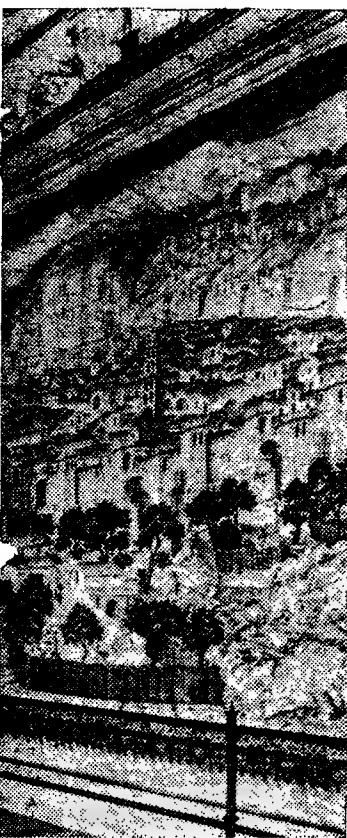
A crise da independência, após a morte de D. Sebastião, vinha transformar o habitual sistema de alianças sociais em Portugal: procurando acautelar junto de Filipe II os seus privilégios e ressarcir-se da crise económica em que estrebuchava-

P
AUGUSTO DA

vam — os nobres, laicos ou não, desmascaravam-se ante o braço popular da nação, sobretudo da pequena burguesia dos mestres com belas tradições revolucionárias no nosso País. Numa crise semelhante, seus antepassados tanoelros, carpinteiros e demais homens dos ofícios tinham feito prevalecer um rei português, ao mesmo tempo que



Escorial: Enterramientos Reales



dos Ducados de Ouro» porque
esses

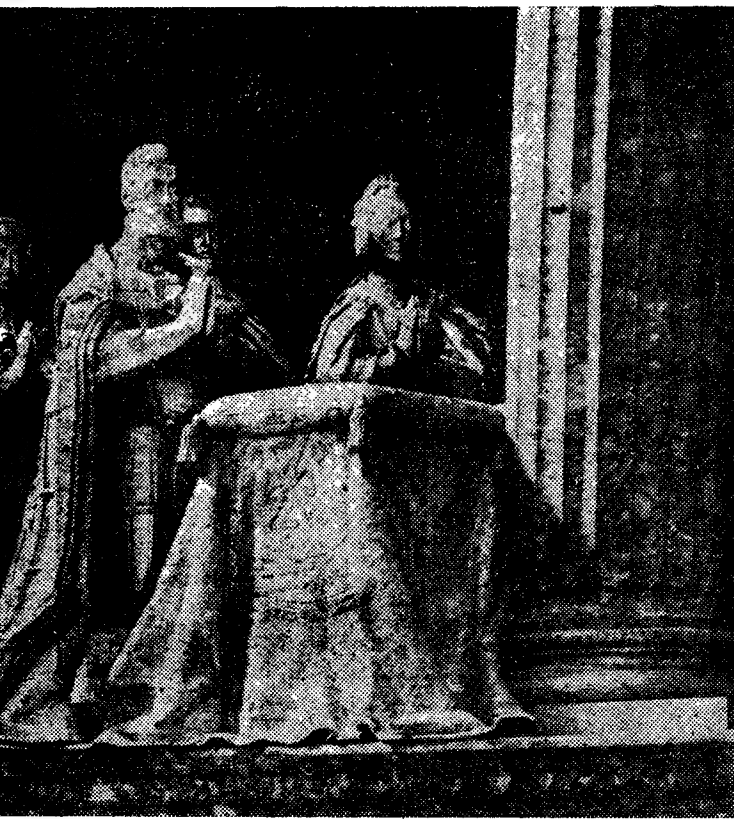
INDEPENDENCIA POVO- (3)

concluíam vitoriosamente um largo
esforço revolucionário.

Tal analogia não passava desper-
cebida a ambos os partidos — o da
nobreza e o do povo; como chefe
do primeiro, o monarca espanhol,
apressou-se a tomar as suas medi-
das; em 19 de Fevereiro de 1579
nomeia uma Junta destinada a es-
tudar e dar parecer sobre todas as
questões respeitantes á sucessão da
coroa portuguesa, e escolhe para a
dirigir o cardeal Quiroga, arcebispo

COSTA DIAS

de Toledo, chefe dum dos dois ban-
dos em que se dividia a grande no-
breza espanhola e muito culto em
assuntos de perseguições a judeus,
cristãos-novos e heréticos. Versado
também em questões práticas de
História, será ele quem recomen-
dará a Filipe II a urgência de pre-
parativos bélicos no caso de resis-
tência militar dos Portugueses «por



- Carlos V e a Imperatriz, filha de D. Manuel I. Por ela revin-
dicava Filipe II o trono português

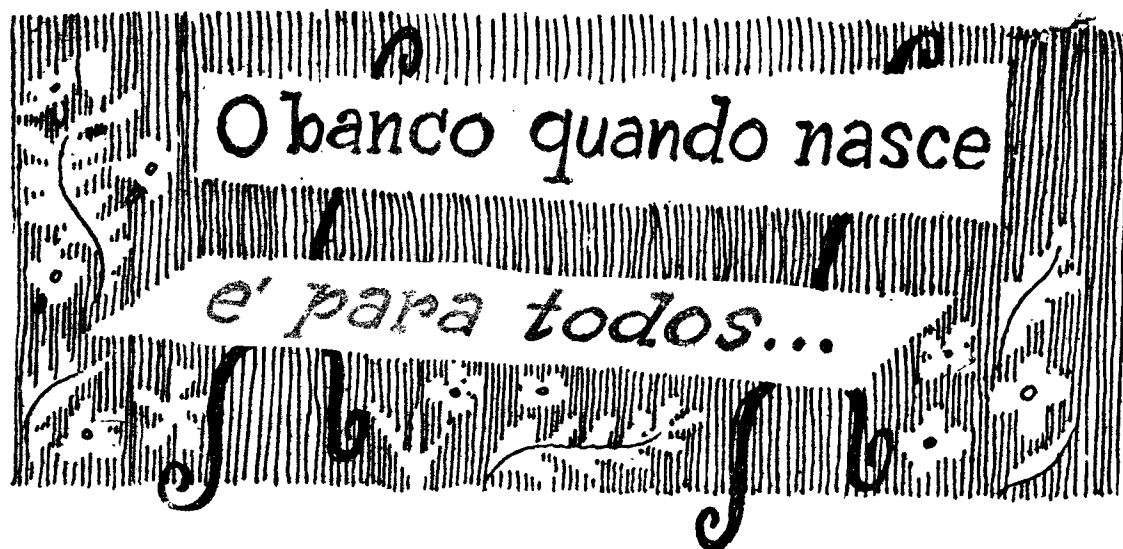
no quedar com outra vergueza co-
mo la de Aljubarrota»...
Juntamente com os preparativos
guerreiros, impunha-se assegurar a
nobreza lusitana a certeza de pin-
gues tenças e regalias, sobretudo
em dinheiro, matéria em que mani-
festavam grandes apertos. E' aí
que reside o receio de Febo Moniz;
só a nobreza e o clero fornecerão
madeira para o cavalo de Troia; fi-
cará depois isolado o braço popu-
lar.

Mas isolado significará fatalmen-
te «sem força»?

Não é assim que pensa Filipe II.
Filipe II manifesta a todo o momen-
to o medo do nosso povo. Ao libertar
do cativeiro marroquino o pequeno
D. Teodósio duque de Barcelos —
criança de 11 anos — filho dos du-
ques de Bragança, o «Demónio do
Meio Dia» pretendeu conseguir a
cumplicidade da mãe em favor da
sua candidatura; mas logo o aterro-
rizou a ideia de mandar aquele me-
nino assim de mão beijada para
Portugal; estavam então reunidas
as Cortes e os procuradores do povo
poderiam lembrar-se de elegê-lo rei.
Filipe II resolve portanto retê-lo
em Espanha como hóspede de gran-
des festejos em sua honra organiza-
dos pela nobreza castelhana. Assi-
m se estendem os meses e o me-
nino continua fora da sua pátria.
Não haverá ninguém que perceba
o maneio? E que proteste contra
ele?

Há, decerto: e como sempre, pa-
ra inquietação do rei católico; esse
alguém é o seu inimigo mortal — o
povo português, cujos representa-
ntes se erguem nas cortes para de-
nunciar os propósitos do monarca
estrangeiro e protetar contra a en-
capotada prisão do pequenino du-
que de Barcelos. Mas não ficava
por aqui a vitalidade do braço po-
pular: em meados de Setembro de
1578, os vereadores da Camara de
Lisboa, acompanhados dos procura-
dores da cidade expuseram ao car-
deal-rei D. Henrique a grave situa-
ção política do País e aconselha-
ram-no a que pedisse ao papa dis-
pensa para casar, a fim de forne-
cer ao país herdeiro legítimo. Por
27 do mesmo mês voltaram á car-
ga, agora (segundo informou o es-
pião Cristóvão de Moura a Filipe
II) já «con gran ímpetu y cólera...
que ó casase ó lhes diese heredero».
Embora tivesse encarado a sério a
hipótese do seu casamento, o car-
deal, afrontado com o desembara-
ço patriótico dos representantes
populares, despede-os de mau mo-
do; mas eles não desistem de inter-
vir na vida do País: e assim, a 30
do mês seguinte voltam á urgente
necessidade do casamento. D. Hen-
rique já os recebe de bom sembran-
te: escrevera tempos antes ao rei
castelhano a pedir-lhe uma filha
em casamento e cientes das respon-
sabilidades de tal passo começa (se-
gundo carta de Cristóvão de Mou-
ra) a comer manjares «Muy apro-
priados para esforzar naturaleza».
Após esta nova visita dos represen-
tantes populares volta a escrever a
Filipe pedindo rápida resposta á
sua anterior carta «porque (há-de
entender-se as gentes do povo) me
apertam muito que me resolva a ca-
sar». D. Henrique fala verdade: e
pelo Natal os vereadores da Cam-
ara voltam a instar sobre o assunto.
Por enquanto o povo insiste tei-
mosamente nas soluções legais...

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS



Escreve-me uma pessoa que,
será uma boa alma, do ponto de
vista sentimental e um senhorio,
do ponto de vista lucrativo — que
eu sou faccioso, que eu sou injusto
e que escuso de perder tempo a
lanzoar, pois «a verdade plana co-
mo as grandes aves acima das
questiunculas mesquinhas e transi-
tórias».

No que respeita aos «records»
de altitude da verdade
não falece duvida que o meu
nobre correspondente tem car-
radas de razão. Só fiquei foi a
matutar acerca da natureza daque-
las espécies de aves que voam tão
alto. Pelos prenuncios e com tal fô-
lego só conheço as aves de rapina
— maus aliados para quem invoca
a justiça em seu favor. Claro que
eu posso perdoar o argumento á
conta dos deslizes de semantica; só
não posso é calar o alarme em que
me esfalfo nestes meus ultimos
apontamentos sobre os problemas
da «Telha» familiar.

Quando eu era menino e moço
e aparecia de mau
humor, pronto a embirrar com os
meus irmãos. A minha avó ou a mi-
nha mãe diziam que eu «estava
com a telha» ou que era «um gran-
de telhudo». Desta forma significa-
vam que eu não andava normal,
que eu não andava nos meus dias
bons...

Pois hoje o normal, a conti-
nuarem a subir as
rendas de casa, é uma pessoa não
ter telha nenhuma. Dizia-me outro
dia um cientista que elas estão a
acompanhar os progressos da astro-
nautica e que os senhores, de pés
bem atolados nas realidades terre-
nas, procuram colocar as rendas
na órbita da Lua. Eu concordo. Mas
a nós, com este balanço, aonde é
que nos colocam? Eis a palpitante
questão.

Para o problema só vejo duas
soluções. O primeiro
consiste em ministrar carinhosa-
mente um pouco de brometo aos
bons dos donos das casas onde ain-
da vivemos. O segundo está em nos
tornarmos todos campistas, em ma-
trimónio diurno e nocturno com
A Madre Natureza: aqui, ao menos,
todos pagaremos o mesmo.

Esta solução faz-me lembrar uma
conversa a que assisti, nos
nossos tempos de estudantes, entre
o engenheiro Valério e o «Alerta»,
aquele estupendo e tolstoiano men-
digo que nos aparecia há porta da
Faculdade. (Lembra-se dele?). Ti-
nha uma originalissima forma de
nos abordar. «Não me dê um tos-
tãozinho, não?» — dizia piscando
os olhos

Pois o Valério quis convencê-lo
que neste Vale de Lágrima
tudo corre bem no melhor dos
mundos: «Repara naquele banco,
«Alerta»! Nele se senta o pobre e o
rico, o grande e o pequeno, o velho e
a criança. Em suma: o banco quan-
do nasce é para todos».

«Mas não me deixam lá dor-
mir! — contrariou
o nosso mendigo. — «Ah! pois!...
Querias, não? — retorquiu o Valé-
rio. — Pois quê? Julgas-te mais que
os outros? A mim, que sou enge-
nheiro, também ninguém me deixa
lá dormir. Ein? A mim!».

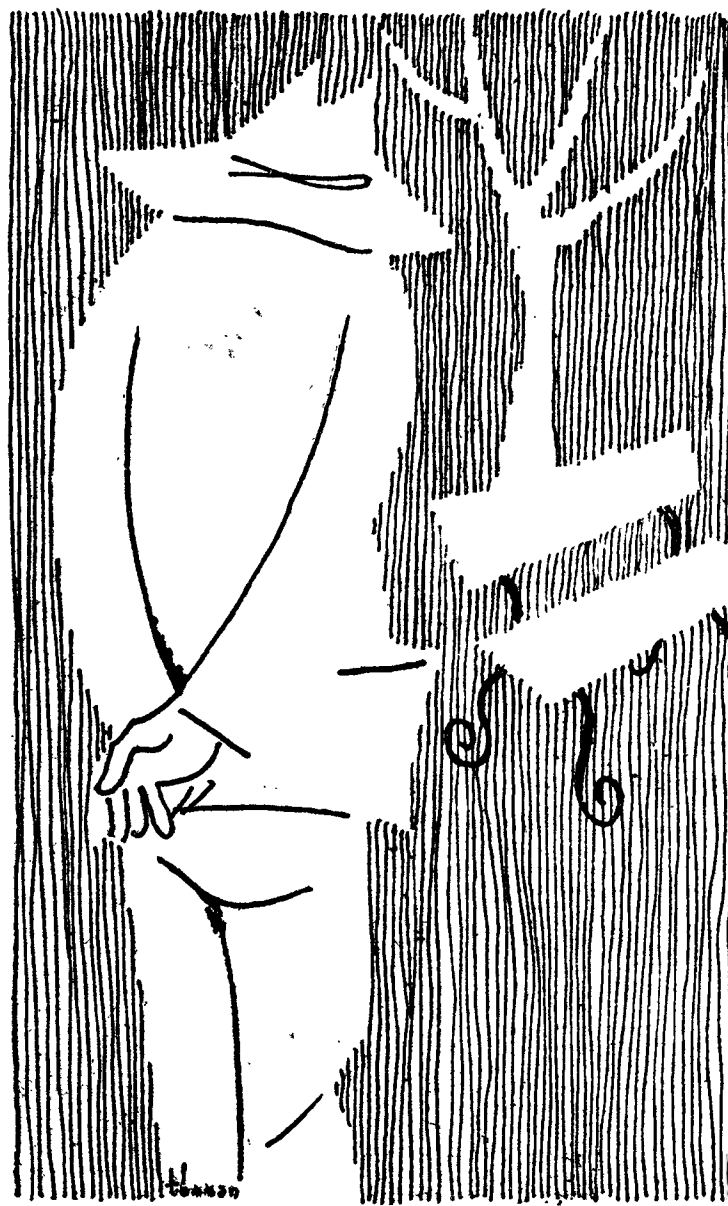
Depois da punhada que o Valé-
rio deu no peito para re-
forçar o discurso, caiu entre nós
um silêncio que parecia definitivo.
«Alerta» coçou a cabeça, cofiou a
barba rala, puxou desesperadamen-
te pelo queixo até pôr a descoberto
os dentes parcimoniosos. Ficou-se
a esgravatar com os olhos no chão.
Por fim tangeu alegremente as pal-
mas e fuzilou Valério com a sua
descoberta, ao mesmo tempo que
fazia pirraça, batendo o punho da
mão direita na palma da esquerda:
«Ora então tome lá esta! A mim
não me engana vocemecê, sôr en-

genheiro. A lei não deixa dormir a
mim assim como vocemecê lá no
banco, aí que canudo isso já nós
sabemos. Mas vocemecê só se deita
lá por vício e cá eu é por necessi-
dade!».

E voltando costas acercou-se
de mim e piscan-
do os olhos com socrática sornice,
pediu: «Não me dê um tostãozinho,
não?».

Os senhores deviam lembrar-
se desta histó-
ria comovente: eles só alugam ca-
sa por vício, nós é por necessida-
de. Mas se não se lembrarem, en-
tão que haja alguma alminha cari-
dosa que se amerceie de nós. Senão
cumpriremos a ameaça: de povos
descobridores transformar-nos-emos
em povos campistas.

DIÓGENES



Impressões de Itália

(Continuação da 1.ª página)

finitivamente o seu Apolo de Bel-
vedere. Saem juntos, sorriem, e ela
estende-lhe cavalheirescamente um
destes pequenos ramos artísticos.
Ela aspira o perfume, enlevada, e
dá-lhe uma pancadinha leve na fa-
ce, convidando-o com o olhar a fu-
turas ousadias.

A costa azul italiana não fica a
dever nada á francesa. O mesmo re-
quinte, a mesma beleza, os mesmos

tufos de verdura, a mesma cor e
movimento. As praias de pedras ro-
ladas alternam com as de areia
grossa e aqui, armações de madeira
ou ferro, cobertas de drame, fazem
a separação das classes sociais. Na
parte elegante há toldos vistosos
cadeiras de lona cómodas, onde se-
nhoras anafadas repousam do exer-
cício que não fizeram. O outro lado
regurgita de gente moça que corre,
se banha e canta. Algumas rapari-
gas, melancólicas, fitam a rede e

sonham com o dia em que um ca-
samento com «alguém de posição»
as fará passar para a zona proibi-
da. Tal como um postal turístico, a
Itália recebe o viandante, nesta
doce e quente luz de Setembro, com
o seu céu muito azul, o mar de ur-
a brandura de amante, a terra verde,
florida, embalsamada de todos os
aromas...

Setembro, 1958.

DULCE REBELO

A cozedura racional não é a demorada



A cozedura não deve destruir as vitaminas. Para obter uma cozedura racional, sã, dos legumes, é preciso olhar a dois princípios fundamentais:

- a) cozer depressa
- b) cozer em pouca água.

Para compreender a importância

Os legumes ficam mais saborosos se, em vez de cozidos em água simples, o forem num caldo que se prepara da seguinte forma:

1 chavena de cenouras finamente cortadas; 1 de nabo, 1/2 de espinafres, 1 colher de sopa de salsa (tudo finamente cortado); 1 alho pisado; 1 colher de café de sal; 1 litro de água.

Deitar estes legumes em água fria ou morna (nunca em muito quente) e deixar ferver durante 30 minutos em fogo lento. Fechar o

destes hábitos que chamamos fundamentais, contrários aos nossos velhos hábitos de bem cozinhar, cozinhando longamente, basta saber que os elementos vitais — Vitaminas e Sais minerais — se dissolvem na água da cozedura.

lume, deitar o sal, tapar e deixar arrefecer completamente. Coar.

Para conservar a cor verde aos legumes, nunca, mas nunca use o bicarbonato; basta juntar à água da cozedura umas gotas de limão.

Os legumes fritos não são, ao contrário do que muita gente julga, indigestos, desde que não sejam muito fritos, nem utilizadas gorduras que não sejam de origem vegetal ou misturas de gorduras. Deixar de ter inconvenientes para a

saúde se os retirar quando apenas louros e macios. Deverão escorrer sobre papeis absorventes e em seguida polvilhados com sal.

Como vê, caríssima leitora, as mais simples tarefas, aquelas que nos vieram do passado, carregadas de «saber fazer» das nossas avós, têm, seus quês. Nestes quês, tão simples, reside o segredo da boa cozedura, não nos pratos condimentados em excesso e carregados de... ingredientes que a bolsa da maior parte das donas de casa não suporta.

mento perfeito — a despeito do que se tem dito ultimamente — é a panela de pressão, munida de grande interior. Se os legumes forem, previamente cortados em quadrados finos ou em Juliana, o tempo de cozedura será logo diminuído para uns poucos minutos. A esta se chama a cozedura rápida.

SAIBA COMER A SALADA

a inseparável companhia da refeição racional

A refeição do meio-dia deve, sempre, principiar por uma boa salada. É nesta altura e não no meio do repasto, que ela melhor faz. Provoca a secreção gástrica e estimula o apetite, acalmando a fome.

Faça as saladas do mais fresco e mais verde que encontrar; não as ponha em lugares quentes, nem as lave antes do momento de servirem; então, depois de bem lavadas, seque-as com um pano limpo. Nunca deite de molho os legumes cortados — já reparou no cheiro que deitam?

Para preparar uma boa salada, e bonita, cortar finamente — há uns moinhos próprios para esse fim — cenouras, nabos, beterrabas; cortar com faca moxidão os legumes de suco, como o tomate; com a tesoura, fazer em tiras as folhas.

Porque a vitamina C é destruída em contacto com o ar, fazer esta operação precisamente na ocasião de ir para a mesa. Ao fazer a salada, não esqueça, além disto:

1. — que deve ser agradável à vista, pois pouca gente haverá que não goste de comer com olhos;

2. — que deve ser agradável ao paladar, para que os sucos digestivos sejam facilmente segregados;

3. — que deve ser variada, para não enfiar.

Ora como fazer uma boa salada? Primeiro, devemos dividir os legumes em três categorias distintas: Os de resistência — que possuem sabor pouco acentuado, mas têm colorido, suco e consistência: as cenouras rapadas, o aipo, a couve verde ou roxa, as saladas verdes: chicória, alface francesa ou vulgar, etc.

Os de variedade — usados para dar sabor especial ou efeito decorativo: beterrabas, cebolas, salsa, coentros, pontas de espargos, tomates, pepinos, rabanetes, nabos, alcachofras.

Os que apenas atraem o olhar ou aguçam o paladar — alho, coentros, menta, astragão, tomilho, funcho, manjerona, finas lâminas de laranja ou limão.

Também se pode juntar alguns legumes cozidos, segundo a sua fantasia — ervilhas, batatas, feijão verde, beterrabas, todos estes partidos

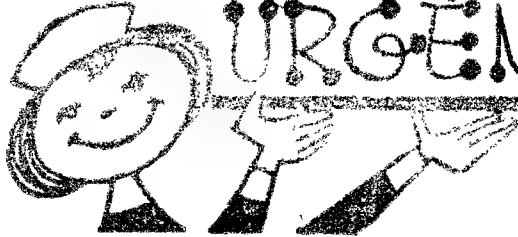
aos quadrinhos e não tão finalmente como os legumes crus. E por fim, não esqueça um bom molho de sal, azeite e sumo de limão.

Claro, cara leitora, não irá fazer uma salada, utilizando tudo isto de uma só vez — tornaria uma boa sa-

lada numa salada com que poderia carregar um peça de artilharia! Cuidado com os estômagos delicados da família e com os gostos dela...

E agora um segredo só para si: não esqueça se quer obter uma salada «exquise», de colocar em volta do prato em que a servir, nozes, azeitonas, rodadas de limão, alho finamente picado, ervas finas e aromáticas. (no mercado encontra pratos para este fim, sem grande dispêndio de dinheiro).

RECEITAS DE URGÊNCIA



Sopa de ameijoas

Abrir, ao fogo, em pouca água, ameijoas. Retirar as cascas e coar a água da cozedura. A parte, ponha num tacho:

- 2 colheres de sopa de bom azeite
- 2 tomates partidos
- 2 dentes de alho esmagados
- Sal e pimenta q. b.

Deixar ferver durante cinco minutos. Deitar a água da cozedura das ameijoas, acrescentada o suficiente com água simples. Deixar ferver dez minutos, com a panela tapada. Juntar as ameijoas e deitar este caldo sobre quadrados de pão fritos em margarina, mas só na altura de ir para a mesa, para que o pão não fique completamente mole.

Fatias da Califórnia

Se tem restos de pão, corte em fatias que aparará de côdea, tendo o cuidado de as não deixar desiguais na forma, nem muito finas. Faça o seguinte recheio:

- 1 queijo-creme amassado
 - 2 colheres de sopa de margarina
 - 2 colheres de sopa de maionese
 - 1/2 colher de chá de sumo de limão
- Bater tudo muito bem até obter uma pasta fina. Espalhe sobre as fatias. Ponha outra por cima, mer-

gulhe rapidamente em leite morno, em ovo batido e frite até alourar. Escorra bem em papel absorvente. Sirva numa travessa colocando em volta uma salada bem colorida, fresca, onde misturou azeitonas pretas e rabanetes bem vermelhos.

Sobremesa Maria Emília

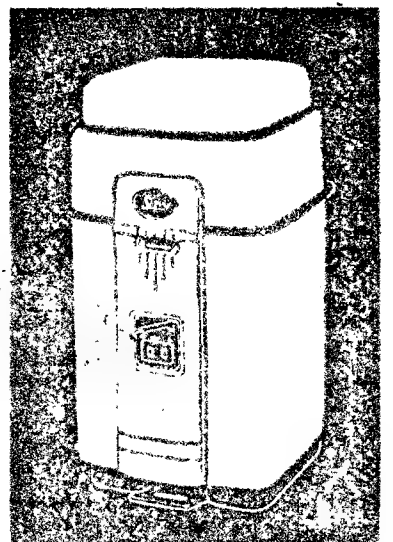
Faça um caldo de sêmola com as seguintes porções:

- 1/2 litro de leite
- 5 colheres de sopa de sêmola
- 3 colheres de sopa de açúcar (bem cheias)
- 60 gr. de manteiga.

Ferver o leite com o açúcar; deitar a sêmola, em chuva e tendo o cuidado de mexer para não fazer grumos. Deixar ferver durante cinco ou seis minutos. Fofa já do lume, juntar-lhe a manteiga e misturar bem. Deixar arrefecer completamente, para que a papa fique bem dura. Corte com um copo um pequeno diâmetro ou com uma faca em pequenos quadrados todos iguais. Em metade das fatias, ponha uma camada de compota, tapando com a outra que nada tem. Coloque num fundo numa travessa de vidro e deite um pouco de caramelo. Polvilhe com canela e amêndoa, ou noz ou avelã ralada. Sirva bem frio.

Eis a ECONOMIA que encontrei na máquina SERVIS

1. ECONOMIA DE DINHEIRO: o agitador não molha a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.
2. ECONOMIA DE TEMPO: a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidíssima.
3. ECONOMIA DE ESFORÇOS: espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.

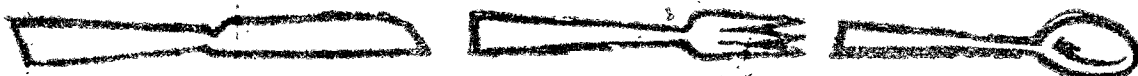


Comprei, claro, a minha SERVIS na

Agência Comercial Sueca

Av. Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo



Não

MASCARE o verdadeiro sabor
da COMIDA
com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa



AJI-NO-MOTO

produto puríssimo extraído do trigo

não é um tempero

não ilude o paladar

antes o desperta, estimulando as nossas papilas gustativas.

Experimente

uma pequena pitada na sopa, no peixe,
na carne, nas saladas.

ELOGIO DA ALEGRIA

Por toda a parte a ameaça do medo. A ameaça dentro e fora de nós e o medo espreitando do mais fundo do nosso ser. Em todos os homens a ansiedade de invasão para uma zona de segurança que já não existe em parte alguma. E a tristeza nos rostos, nos olhares de animais acoissados e nas almas transidas. Tristeza e medo até nos olhos cândidos e nos pequeninos corações das crianças.

Fora do mundo humano espalha-se uma imensa e irreprimível alegria. As flores oferecem-se aos nossos olhos ávidos de beleza, o Sol doira belos e doces frutos para a nossa fome, límpidas e refrescantes fontes se oferecem à nossa sede. Há alegria de cantos e de asas, de brincadeiras de animais jovens e de contactos amorosos sem pecado nem remorso. O homem, porém, temente da Natureza e dos deuses, receoso do Mundo e dos outros homens, exila-se voluntariamente nas espessas sombras duma desencantada tristeza.

Mas os homens também já conheceram toda a plenitude da alegria e entoaram cânticos exultantes como os das aves na Primavera e colheram flores para se adornar e comeram sem receio os deliciosos frutos sazonados e livremente se desdentaram nas frescas e cristalinas fontes. Também os humanos já brincaram como animais jovens e se amaram sem constrangimento nem desgosto. A arte, essa forma superior de submeter o instinto ao poder controlador da razão, de estabelecer um harmonioso equilíbrio no caótico mundo dos sentidos, já em tempos foi, como disse um célebre filósofo, «a mais intensa alegria que o homem a si mesmo proporcionou».

Não que o homem ainda então desconhecesse a dor ou dela estivesse imunizado, pelos arbitrários limites dum paradisíaco cativeiro, pois o fruto proibido há muito tinha sido comido e os gemidos de Prometeu encadeado já ecoavam pela terra inteira quando a arte

grega proclamou perante os felizes e orgulhosos deuses a felicidade e o orgulho ainda maiores de se ser simplesmente humano e saber arrancar da Natureza todas as imensas possibilidades de alegria nela contidas. E mesmo depois de Cristo ter mostrado aos homens todo o espantoso sofrimento capaz de conter-se no mais ilimitado amor, ainda assim eles continuaram cantando, porque sabiam ter Ele morrido pela felicidade e alegria de todos.

Só depois, muito mais tarde, quando a comunidade humana se

Por
ALFREDO BRÁS

desagregou e o indivíduo «puro» surgiu em todo o seu desgarrado e doentio enimesmamento, a arte se foi tornando num plangente queixume, numa mórbida apologia da tristeza. Não mais o artista procura a harmonia («Cultivei a minha histeria com prazer e terror», proclama Baudelaire), ou a felicidade («Os cantos mais belos são os mais desesperados», afirma Musset), ou mesmo a beleza («Uma tarde, sentei a beleza nos meus joelhos. E achela amarga. E injuriel-a», declara Rimbaud). A melancolia torna-se moda e reserva-se o privilégio da espiritualidade. A arte romântica procurava assim eliminar toda a alegria da face da terra.

Mas a obra iniciada pelos artistas românticos somente no nosso tempo consegue alcançar plenamente a sua nefasta finalidade. O culto da «nevrose», iniciado por Nerval e Beaudelaire, só atinge uma fase de verdadeira sistematização com o «surrealismo». A angústia, o tédio e o desespero tornam-se os elementos básicos de toda uma vasta corrente artística

que hoje prolifera com o nome de «existencialismo». O «cubismo», com o pretexto de tornar sensível o espaço abstracto, inicia o processo da abstracção do sensível que viria a culminar na actual pintura «abstraccionista». E, desta maneira, o esforço milenário do homem para conquistar a felicidade através duma lucida, alegre e corajosa aceitação da sua humana condição foi sabotado justamente por aqueles que tendo por suprema missão resolver numa superior síntese as contradições existentes, antes as exacerbaram até ao mais doloroso paroxismo.

Por tudo isto o homem é hoje um ser triste, desintegrado do real, isolado dos contactos fraternos e os seus cânticos são repassados de existencial tristeza e repletos de lugubres apelos à morte. Os melhores dos jovens afogam a sua exuberância vital em escusas caves, desaprendem de rir, temem a espontaneidade do amor, renunciam à acção, à alegria e à felicidade. E os outros, os que se não refugiam, só conseguem colher da Natureza o brutal exemplo da mais cruel luta pela existência, sabem ainda rir, mas com um riso nervoso e dissonante donde toda a alegria se evoluiu, não temem o amor mas degradam-no buscando nele um lenitivo para o aborrecimento.

Renúncia à vida ou furia de viver — eis o trágico dilema posto à juventude numa época em que o homem conseguiu sobre a Natureza um domínio tão espantoso como dificilmente se conseguiria sequer sonhar, mas se deixa a si próprio dominar pelos impulsos mais desordenados e a mais cega fatalidade social; dilema absurdo dum tempo em que o poder e o engenho humanos conseguiram desintegrar o átomo, povoar o espaço de asas supersónicas e de planetas artificiais, mas soçobram impotentes diante da imperiosa tarefa de darem às

suas próprias vidas uma organização mais racional.

E, no entanto, é da maior urgência reconquistar uma sã alegria aliçada numa justificada confiança no futuro, porque as asas conquistadas pelo homem não têm mais o frêmito primaveril do alegre voitar dos pássaros. E' antes um ruído assustador, como o sinistro adejar do abutre sobre a presa, que por toda a parte se escuta e que faz pairar sobre a terra inteira uma tenebrosa e contínua ameaça que o «aprendiz de feiticeiro» perderá um dia não conseguir sustar.

Mas o novo reinado da alegria — é bom que os homens o saibam — não será possível sem a harmonio-

GANHE 100\$00

com um sorriso nos lábios

O VENCEDOR DESTA SEMANA TEVE UMA VERDADEIRA SENTENÇA DE SALOMÃO: «MULTA É UM ABUSO DE AMBAS AS PARTES».

Está portanto, de parabéns o Sr. Luciano Vitorino dos Santos, Rua José Ricardo, 20-2.-Esq. (Lisboa), que ainda nos enviou outras curiosas definições que não publicamos por absoluta falta de espaço. Teve, porém, um perigoso competidor na Sr. D. Reginald Frazoa (Benfica) que nos apresentou esta convincente definição:

«MULTA — é aquilo que uns chamam Despesa Forçada e outros Recicla prevista».

O sr. Fausto de Oliveira Leite (Lisboa) que, pelos vistos, deve estar muito escaldado, teve este desabafo:

«MULTA — é a usura do Estado». Só faltou dizer de que Estado se

sa conjugação de todos os esforços com o fim de libertar o Mundo dos fantasmas do desespero e da solidão. Sobretudo desse terrível fantasma da solidão, que engendra no seu ventre as sombras e os medos destruidores da tranquilidade humana. Só unidos poderemos alcançar uma vida eufórica num mundo liberto de pesadelos. Solitários, seremos fáceis presas do desespero e soçobramos inevitavelmente numa «apagada e vil tristeza».

A alegria terá pois de ser hoje para nós mais uma escolha de que uma vocação, mais ainda uma obrigação moral de que uma necessidade natural. Devemos ser alegres porque a alegria é a condição da felicidade, da nossa e da dos outros, e todo o homem normal sentirá a absoluta necessidade da felicidade alheia para poder ser completamente feliz.

trata: estado de fraqueza, estado de desmolsamento, estado casado, etc.

Técnico atento das boas maneiras é o sr. Carlos Santos Cruz. A sua definição merecia entrar num «Manual de Civildade» para uso dos participantes no acto de multar. Diz:

«MULTA — forma desleal e dispendiosa de nos apresentarmos a respeitabilíssima Dona Lei».

Ah! e não «onho mais! Não onho mais porque o espaço não chega».

Esta semana um leitor resolveu não propor uma palavra, mas um «palavrão». Aqui o têm:

MARIDO PERFEITO

Cá ficamos aguardando os resultados da boa inspiração dos nossos leitores, até ao próximo dia 18 de Novembro. A correspondência deve ser dirigida para «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48.

Finalmente queremos agradecer ao sr. Eduardo da Costa Rodrigues (Sabugo) a oferta do seu prémio para os pobres do «Diário de Lisboa», já que os bondosos dos Senhores de Portugal continuam «fechados em copas».

Está provado que os inquilinos «arrendam» dentro de si muito melhores sentimentos...

Quando seu filho quiser um sorvete dê-lhe o sorvete em pó



É um alto produto dinamarquês que se prepara higiénicamente em casa
(Saquinhos para 5/6 sorvetes. Latas para 20/24 sorvetes)

das Mercês, uma artéria geralmente deserta, porquanto os habitantes, mal o Sol despontava, largavam a granjeia de código para os bairros mais afortunados da Margem Norte. A' noitinha, de regresso ao lar, e em face das tropelias da filharada, berravam os pais desconcertados — «mas que andam vocês a aprender na mestra?» E' que nunca ouviram, pelo mesmo facto que provocava a solidão da rua, a cantilena grulhenta da rapaziada a solfejar a cartilha ou a tabuada.

Isto vem a propósito para corroborar a afirmação de que o castigo nada tinha de humilhante para o «Finezas». (Verificamos pelo seguimento que esta não era a sua opinião). De facto, os colegas não o enxergavam no pelourinho e a vizinhança estava ausente do bizarro espectáculo de «um-orelhas-de-burro-à-janela-de-uma-escola». Analisando a situação por um prisma realista, as vantagens estavam todas a favor do «Finezas»; esquivava-se ao suplício da recitação, ao mesmo tempo que fruía o privilégio de olhar o Sol com inteira liberdade.

Pegou, o «Finezas», nas orelhas descomunais e meteu-se no cubículo. Durante longos minutos reinou a expectativa na classe, ansiosa por ouvir o berreiro costumeiro — exprimia-se deste modo o protesto contra a punição. Caso extraordinário. Desta vez, nem uma fungadela. Um silêncio de tumba.

Era tão insólito o acontecimento, que a D. Candida se torceu na cadeira, baixou a armação de ouro ao extremo do nariz para melhor enxergar e investigou o que se passava para além da porta através da vidraça partida. Tranquilizou-se; as orelhas de papel lá estavam junto da janela.

Proseguia a lição, ao cabo de alguns instantes, no ritmo habitual, com os ralhos da mestra áqueles que atropelavam o vozear cadenciado e as interrupções dos irrequietos a pedirem para ir lá dentro.

Quando o badalo da torre bateu as seis horas, D. Candida lembrou-se do penitente e, satisfeita com o seu comportamento, chamou:

Vem cá, «Finezas»!

— Esperou em vão.

«Logo vi! Deixaste-te dormir, grande velhaco!».

O «Finezas» continuava mudo. Irracunda com o atrevimento, pegou no ponteiro e investiu para a sala dos castigos. A classe viu então as orelhas de burro enfiadas na rama, rala por sinal, de uma velha vassoura. De «Finezas», nem a sombra.

Expulsou-o, a fim de evitar a tentação dos maus exemplos. Eu não posso julgar, a esta distancia, do acerto da precaução, do mesmo modo que não ousou afirmar que o exemplo tivesse frutificado. Que deixou semente, é uma verdade indiscutível. Ai está, como penhor, o relato da minha vida. Fraco testemunho, sem dúvida! Mas ninguém pode culpar o «Finezas» de a semente ter caído em terra sáfara!

Foi, porém, a partir da cena grandiosa a que toda a gente assistiu no dia do enterramento do «Violas», em pleno cemitério, que se enraizou profundamente na minha carne a enternecida admiração que passei a dedicar-lhe.

Junto aos campos de trigo, no topo de proeminente colina, situava-se o recinto sagrado do campo santo, mandado construir por decreto de Sua Majestade, a D. Maria II, em 1849. A Rainha legara perpetuamente à Camara as terras necessárias, e esta, conforme se pode ler ainda hoje na

E'

justo o reparo: quem é ou quem foi o «Finezas»?

Com o balanço pratiquei esta falha gravíssima: esqueci-me de falar do personagem mais importante de toda a história. Realmente, para se compreender o drama da minha vida, não precisava de esbanjar tanto palavreado. Que interessam as banalidades ocorridas em cerca de quarenta anos de existência? Fundamental, sim, é falar dele. pois de contrário a narrativa, como até agora, sairá enevoada, consequência em parte da minha deturpada memória.

É tempo, pois, de o fazer. Vou tentá-lo em frásas e secas palavras, adequadas de resto à sua seca e fraca compleição. Quero começar e deparo com a primeira dificuldade: desconheço o nome dele. Cogito e rebusco. Afianço que jamais soube o seu nome.

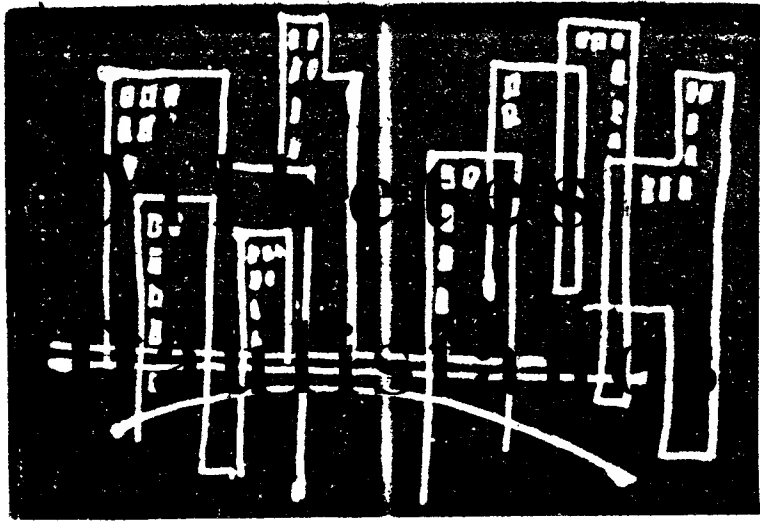
«Bizarro, hem! Como é possível terem-se esquecido tantos anos sem me aperceber do absurdo?»

Insisto teimosamente: «como se chamava efectivamente o «Finezas»?». Logo a seguir registro a segunda dificuldade: «tão-pouco sei porque o apodaram assim».

Alto! Lá isso não! Excluída a ideia de representar a coroação de um trato afável. Agreste era ele, mesmo quando tratava com os seus melhores amigos — o Necas e o «Cara-de-Homem», por exemplo. Nunca lhe conheci outra pose que não fosse simultaneamente de ataque e de defesa.

No meio destas hesitações e perplexidades, há contudo, uma coisa que eu sei de certeza absoluta: as razões que criaram esse alcinho e lhe granjearam tão duradouro prestígio. Chefe incontestado dos vadios da Meia Laranja e do Caramanchão, respeitado entre os bandos adversários que formigavam por essa pobre região da Margem Norte, o «Finezas» jamais voltou a cara a quem o ultrajasse, nem dobrou a cerviz diante dos mais fortes quando a «sua razão» lhe assistia. Mais: nunca atraçou a sua palavra honrada de maltrapilho.

Para avaliar a diferença de caracteres basta dizer que, enquanto os



Henri Troyat e o mundo latino-americano

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

JOÃO PAULO (Outubro). — O conceito clássico de humanismo não representa hoje mais do que um amontoado de palavras e atitudes que não se ajusta de modo algum às realidades da hora que passa. Negaríamos, contudo, a evidência se afirmássemos que a maioria dos intelectuais do velho mundo se deu já conta da necessidade de encarar a Humanidade e a essência da cultura sob novas perspectivas mais consentâneas com o alargamento dos horizontes geográficos e sociológicos de um Mundo que sofreu prodigiosas transformações desde a hora em que o prudente, lucido e genial Erasmo escreveu os

«Colóquios» e «O Elogio da Loucura». Salvo raras exceções, os escritores de além-Atlântico continuam a olhar o planeta e a aferir os seus valores pelos padrões europeus. A Terra não será apenas a Europa, mas é válida e interessante somente na medida em que surge como um reflexo seu, através da assimilação da mentalidade e do estilo de vida europeu. No que se refere à América Latina, a caricatura que se forjou para uso turístico tende cada vez mais a ser aceite nos meios intelectuais como imagem autêntica da realidade.

Essa displicente atitude de superioridade, essa recusa de compreensão do humano e do telúrico, essa ausência de percepção da dramática beleza da epopeia de um conti-

nente que é, todo ele, um cadinho de experiências efervescentes, reflectem-se bem nas páginas de um livro de Henri Troyat que acabo de ler: De gratte ciel en cocotier — à travers l'Amerique indienne (Paris, Plon). O autor percorreu, acompanhado de sua mulher, onze países, numa extensa viagem que principiou no México e acabou no Rio de Janeiro. O sr. Troyat, que não é um grande escritor, mas é um escritor consagrado, não compreendeu nem quis compreender a América Latina. Chega a parecer inacreditável como um homem de letras laureado com o Prémio Goncourt e o Prémio Barthou da Academia francesa tenha realizado uma obra tão afluviadamente mediocre e tão recheada de disparates. O autor de «L'Araigne» e de «Faux Jour», distinguido com o Prémio Populista pela forma como abordava os grandes temas sociais, viu a América Latina como o mais bisonho e limitado dos turistas que recorrem aos serviços da Agência Wagon Lits-Cook.

Em De gratte ciel en cocotier o fundamental cede sempre o passo ao acessório. Nos retratos que nos pinta das várias repúblicas, a nota dominante é, quase sempre, a do ridículo, amenizada, de onde em onde, por um olímpico sentimento de piedade. Sem que o afirme explicitamente, pois a sua visão é sempre paternalista, Troyat sente-se espectador de uma comédia burlesca cujos cenários e personagens são as cidades, os campos, os monumentos, as populações, o passado e o presente da América Latina. No México, tudo se lhe afigura teatralmente folclórico. Na impossibilidade de dar aos leitores uma ideia exacta das suas considerações sobre o sistema hoteleiro, a toponímia local, a cozinha e a música, a sujidade e o sistema prisional, reproduzimos tão só um comentário a um dos frescos de Diego Rivera. A contemplação dos célebres painéis do Palácio Nacional executados pelo grande pintor azteca inspirou ao autor de «La Tête sur les Épaules» as seguintes linhas: «Aquele gi-

gantesca marmelada de cabeças e datas, de arte e reivindicações sociais agoniza á primeira vista como um cariz de propaganda para uso de analfabetos».

O passado pré-colombiano do México, que confessa ter principiado a conhecer através das explicações confusas de guias ignorantes, parece, por outro lado, tê-lo impressionado bem pouco, como se fosse algo de fastidioso e banal. O calor, o desconforto, o problema das compras da sr. Troyat são preocupações que não o abandonam ao visitar as pirâmides do planalto de Anahuac e as ruínas de Uxmal e Chichen Itza. A interioridade tumultuosa do povo mexicano, o entrecostar permanente do sangue espanhol com o dos velhos fundadores das civilizações maya e azteca, o élan e a inércia, o entusiasmo e o fanatismo, a renúncia e a fé dessa gente, a transformação desse país visceralmente americano numa grande nação moderna não lhe merecem um único parágrafo. Com ligeiras variantes, a sua visão é tão superficial na Guatemala como nas Honduras, no Panamá como na Colômbia, no Equador como no Peru, na Bolívia como na Argentina e no Brasil. Na Costa Rica respirou fundo porque só viu brancos; o Chile enterneceu-o porque os seus vinhos se assemelham aos franceses e porque nas faldas dos Andes a «société» de Santiago faz alpinismo de acordo com as boas regras de Megève e Chamonix. Na sua desilusão por encontrar tão pouco da França na América reduziu quase tudo a insectos, cobras, criados que não sabem linguas, hoteleiros de pele gordurosa, índios esfingicos, burocratas impenitentes, porcaria, imobilismo, miséria e ignorância. E de tudo sorriu resignadamente extraindo das mais penosas situações uma nota de ridículo para a deixar cair sobre a sub-humanidade que povoa este continente. No Rio de Janeiro é a macumba que o atrai; em São Paulo — que define como cidade italiana onde todas as pessoas importantes usam nomes terminados em «i», em «o» ou em «a»

— vai até ao Instituto Butantã e faz-se fotografar com serpentes enroladas nos braços.

* * * Tem razão o sr. Troyat quando fala em cidades esburacadas e imundas e em populações cor de café com leite ou de chocolate. Tanto umas como outras existem na América Latina. Mas é de lamentar que um escritor lido por centenas de milhares de pessoas se tenha esforçado por não compreender tudo o que há de admirável, de generoso, de pioneiro e de entranhadamente humano no mundo latino-americano. Se entre o Rio Grande e a Terra do Fogo se encontram ainda homens que vivem nas trevas da idade neolítica, deparam-se também ao viajante metropolises como São Paulo, Buenos Aires, Montevideo e a Cidade do México que, em muitos aspectos, se situam na vanguarda do progresso. Muito está por fazer na América Latina? Certo. Mas muito do que já está feito permitiu que se esboçasse um tipo de homem e de concepção de vida próprios. Menos estruturados do que na Europa? Sem dúvida. Mas não menos válidos na sua humanidade e mais ducteis, mais actuais. Índio, negro ou branco, despidido de preconceitos, de solenidade e de arrogância, o latino-americano, ciente do seu atraso em múltiplos campos, está, paradoxalmente, mais de acordo com a marcha da história e compreende, ou antes, adivinha melhor o seu sentido profundo, do que os seus irmãos do Velho Mundo. Com moscas ou sem moscas, esfarrapado ou bem vestido, vivendo em florestas onde a luz solar mal penetra ou em grandes metrópoles de cimento e aço, o Homem da América Latina é uma Força e uma Esperança.

É como Europeu que lamento a cegueira dos Troyat que persistem em iludir a Europa mantendo-a apegada a mitos superados em vez de a encaminhar no sentido de uma revisão drástica dos seus conceitos de humanismo, outrora amplos e generosos mas hoje desactualizados e mesquinhos.

«O MOLEQUE RICARDO»

LINS DO REGO

«O MOLEQUE RICARDO»

leia

(não pode deixar de ler)

«O MOLEQUE RICARDO»

LINS DO REGO

«O MOLEQUE RICARDO»



«fracotes», como eu e o «Pé-de-Chumbo», se muniam de catanas de lata para aparentar um aspecto agressivo, o «Finezas» empunhava apenas a sua fissa e era terrível.

Procuro traçar-lhe o retrato físico, por me parecer da maior importância para uma apreciação justa da sua perdurável influência, e dou comigo às apalpadelas num mundo de trevas. Perdi o contorno das asperesas graníticas, apagaram-se-me da memória os traços inconfundíveis. E, contudo, garanto que era uma figura singular.

O que consigo obter, ao cabo da busca infrutífera, é a associação do seu «nome» a uma mancha delgada e seca, que os olhos da alma identificam (eu sei onde reside o paradoxo) á heroicidade, á galhardia, á fraternal amizade. Como poderei exprimir integralmente o meu pensamento? Fazia-me lembrar (talvez agora!) uma pacaça solitária com a armação sempre pronta para colher a presa.

Carambas! Este é o retrato verdadeiro do «Finezas». Como foi fácil! Além de chefe nas putrias e em outros facinhas, era também russo condiscípulo. Frequentou, sem ultrapassar a terceira classe, a sala de estudo da D. Candida — a inolvidável mestra que nos puxava as orelhas até ficarem em braza e malhava o nosso corpo débil com um ponteiro gigante. Para os destemperos mais graves usava a «menina-dos-cinco-olhos» — uma fêrula de madeira preta, rija como aço. (Permitam um acrescento de fraca valia, mas algo significativo: o «Finezas» prometeu-nos a destruição da nefanda arma, besuntando, para consegui-lo, as mãos de pimenta, após haver introduzido sob a epiderme pedacinhos de rabo de cavalo. A «menina-dos-cinco-olhos» resistiu ao sortilégio, mas faça-se justiça!, as mãos do «Finezas», depois, resistiram também).

A sua expulsão ficou memorável.

Uma tarde, recolhera-se a mestra aos aposentos do fundo para a merenda sesta, armou-se uma tremenda disputa entre os «rapazes» e os «meninos» da escola. Os «rapazes» eramos nós: os valdevinos de pé descalço sem tradições familiares; os outros, os «meninos», conheciam-se á distância de uma légua: traziam umas botas de atinado magnificamente enebadas pela serva e uns cabazitos de verga pintada com a merenda. Representavam estes dois grupos duas classes distintas, que nem em dia do arco-da-velha confraternizavam.

Começou a sarrafusca, se bem me lembro, com o gesto atrevido do «Finezas» — deitara a mão a um dos cobiçados cestinhos, dizendo com rude ousadia que estava com fome.

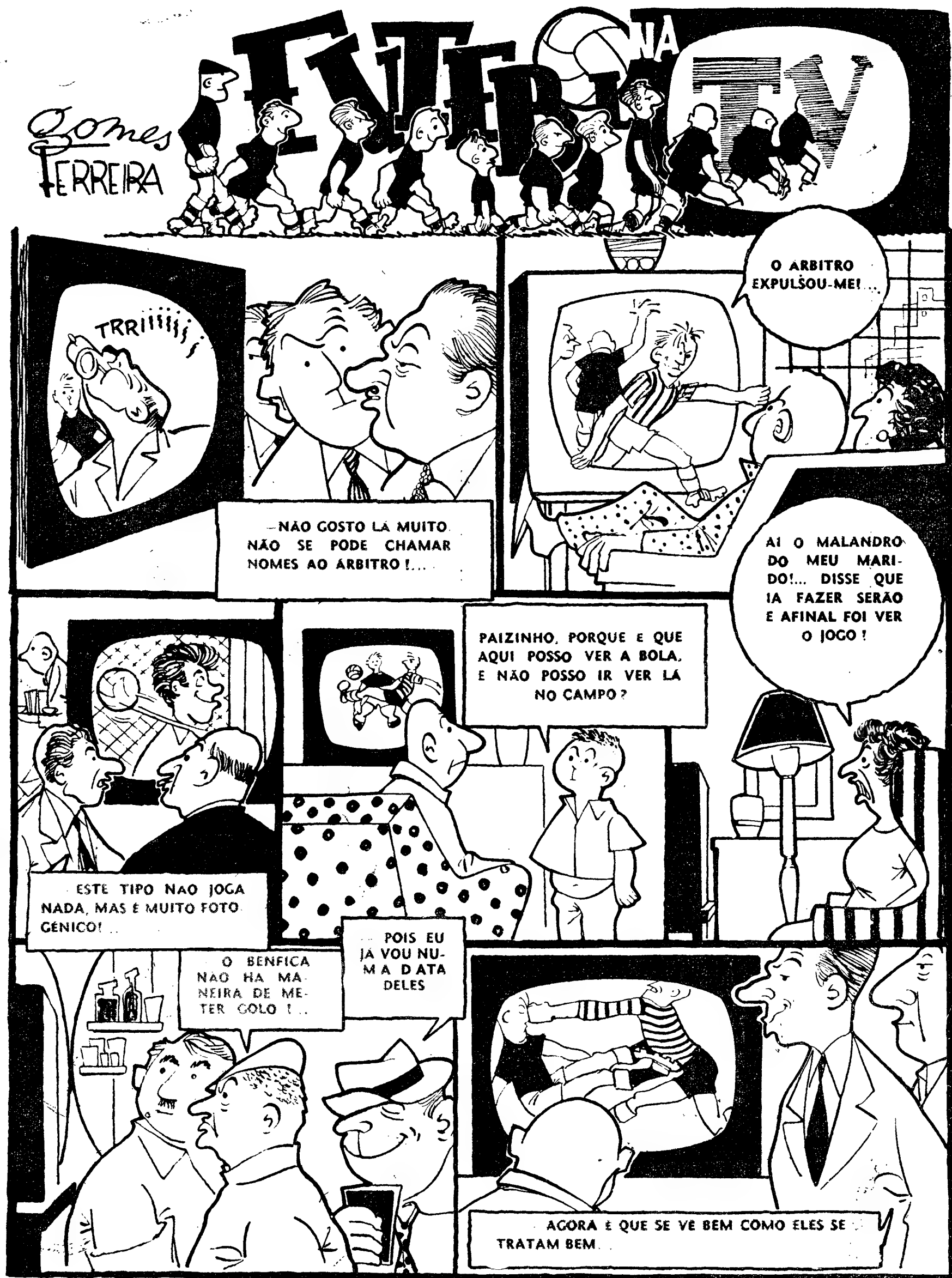
Mal agadanhara a fatia de pão-de-ló, logo a maricada berrou pelo socorro da D. Candida. A demora da trôpega senhora deu tempo a que o rapaz se engalfinhasse na batalha. A mestra irrompeu por fim, um tanto assarapantada pelo tumulto imprevisto, empunhou o ponteiro e á bordoadada restabeleceu a ordem — considero a velha uma precursora dos tempos modernos.

Imposta a paz e ouvidos os testemunhos, D. Candida ditou a sentença: o «Finezas» para a janela com as orelhas de burro!

Cabem aqui duas explicações.

A primeira diz respeito á toponímia interna da escola: contiguo á sala da aula, onde se alinhavam os bancos baixitos dos colegiais, ficava o compartimento exiguo destinado aos «isolamentos»; uma porta de vidros fescos, com uma vidraça quebrada, estabelecia a ligação.

A segunda relaciona-se com a sua localização: situava-se na Travessa



Ria com gosto, com saúde e com a pasta **DEX-CREME**

SINGER

Nova Automática resolve, por si própria, todos os problemas da costura e do bordado

306 e 349



MACQUINAS SINGER PARA COSTA

© Marca Registrada da Singer Manufacturing Co.

PAGINA D

CULINÁRIA

Bifes enrolados

Picam-se finamente duas cebolas e cozem-se em duas colheres de margarina. Não devem fritar; por isso têm que ferver em lume brando mexendo-as constantemente.

Cortam-se oito bifes, espalmam-se com o maço de madeira e cobrem-se com uma camada da cebola que se preparou. Polvilham-se com um pouco de pão ralado muito fino e põe-se em cima uma fatia muito delgada de presunto cru. Carrega-se com a palma da mão, para que todos os ingredientes fiquem ligados e enrolam-se os bifes, fechando-os com palitos nas pontas e no meio.

Picam-se numa frigideira grande uma cebola e uma cenoura grande, juntam-se duas colheres de margarina, colocam-se dentro os rolos de carne, que não devem ficar sobrepostos. Salteiam-se rapidamente em lume forte, voltando-os com um garfo para ficarem corados por igual. Metem-se no forno, barrando-os com mais uma colher de margarina e regam-se depois com um cálice de água misturada com um cálice de vinho do Porto.

Voltam-se de vez em quando, regando-os com o molho que forem fazendo. Quando se verificar que a carne está assada, retiram-se e servem-se quentes acompanhados com arroz de manteiga ou puré de batata.

Frango á Gertrudes

Escolhe-se um frango gordo e tenro. Prepara-se e, depois de esvaziado, corta-se em pedaços que se salteiam em margarina, sem os deixar escurecer. Vão-se sempre voltando para fritarem por igual. Deitam-se no tacho mais dois pedaços de margarina, dois decilitros de nata fresca (na falta de nata pode empregar-se leite), um pimento doce cortado em tiras, sal e pimenta. Tapa-se e deixa-se ferver em lume brando, voltando os pedaços de frango, de vez em quando, até estarem cozidos.

Logo que se esvaziar o frango põem-se a cozer os miúdos, as patas e o pescoço em água, sal, um pedacinho de toucinho, uma cebolinha e pimenta em grão, para obter meio litro de caldo que se coa e põe de parte.

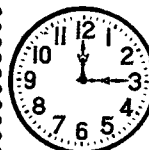
Põe-se um tacho ao lume, com oitenta gramas de margarina, e, quando a gordura estiver quente, deitam-se para dentro duas chaves de arroz seco, previamente lavado e vai-se mexendo até o arroz absorver a gordura. Juntam-se duas cenouras picadas e um pimento doce feito em tiras e meio litro de caldo, que se reservou. Logo que levanta fervura mete-se no forno para cozer. Tira-se do forno e deixa-se o tacho destapado durante vinte minutos para o arroz acabar de abrir sem ficar mole. Despega-se em volta do tacho e volta-se para uma travessa aquecida.

Dispõem-se em volta os pedaços do frango e serve-se muito quente.

UM CHAPEU PARA O INVERNO



Alem de chapéus de peluche, vão usar-se, no próximo Inverno, chapéus de pele, como este, castanho, guarnecido com uma fita de «grosgrain» da mesma cor, mas de tonalidade mais escura.



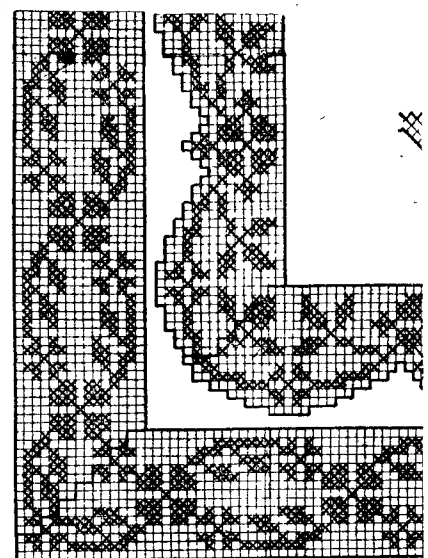
PRISÃO DE VENTRE

A pontualidade intestinal sem cólicas nem acostumação.

Rechnus

Supositórios

A venda nas Farmácias.



Desenho de « para toa

Estes desenhos, são publicados a pedido de uma leitora do «Diário de Lisboa» que pretende executar, em «crochet», com linha Mercer Corrente branca n.º 40 uma renda, para a orla de toalha de jantar; um entremeio, para guarnecer a parte central da toalha, á maneira de «che-min» e pequenos triangulos para or-

AGORA A ... TEM CAMISAS PARA RAPAZ!



A CAMISARIA PRIMAZ apre cáveis camisas, CUJOS C ENCOLHEM, agora também tir dos 4 anos de idade.

VISTA O SEU COM UMA CAMI

Prim

ROSSIO 115 -

tuba Espuma Soca

Sensacional produto da Quimica Alemã. Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras. Estofos de Automóveis e de Móveis. Pelas suas mãos e na sua casa! Centenas de escudos de economia! A venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL, em todos os bons estabelecimentos.

REPRESENTANTES: **SCHROETER & ALMEIDA**

RUA DA MADALENA, 128, 2.º - LISBOA

É DISPENDIOSO SUSTENTAR UM BURRO A PÃO DE LÓ



Mas já pensou que o sabão vulgar é o mais dispendioso dos sabões?

Nas águas calcárias, como é o caso da grande maioria das do nosso país, o sabão vulgar, sem ajuda de leixívia ou da soda, só tira nódoas (e mesmo assim, mal, deixando a roupa encardida...) depois do emprego de grandes doses, o que o torna anti-económico.

A solução está num processo mais económico: o CUF, que lava a roupa, a louça, vidros e roupa.

SABÃO ACTIVADO CUF

que lava em todas as águas desencarde a roupa e deixa a louça a luzir



ponlo

A MULHER

Sa ba preparar e servir um bom café

O bom café tem o grão seco e afunda-se em água se nela for deixado.

Deve preferir-se o café torrado recentemente.

O melhor café não se apresenta muito brilhante.

Para o café conservar o seu aroma deve ser guardado em lata ou frasco de vidro muito bem tapado.

Quando se usa café em grão deve moer-se na própria hora em que será preparado para o consumo.

Na moagem feita por meio de motor deve deixar-se este esfriar frequentes vezes. O excessivo aquecimento do motor motiva a perda do aroma do café.

O café deve moer-se muito finamente usando-se a proporção de uma colher de sopa de grãos para cada chavena.

A melhor água para café não deve ser calcárea.

Quando, tenha de se aquecer o café deve fazer-se essa operação pelo processo do «banho-Maria» e nunca directamente sobre o lume.

Antes de fazer o café deve escaldar-se a cafeteira e antes de o servir devem escaldar-se as chávenas.

Um pacote ou lata de café já molhado só deve usar-se no decorrer de

uma semana para conservar o aroma.

Deve usar-se a cafeteira na sua completa capacidade. Nunca se devem fazer poucas porções de café em grandes cafeteiras.

Para escaldar a cafeteira enche-se esta até acima com água a ferver.

O café fervido muda de aroma. Deve ser escaldado, mexido e abafado quando não seja feito nas máquinas apropriadas.

O café adquire bom aroma e uma cor mais acentuada se lhe juntarmos um pouco de açúcar refinado durante a torrefacção.

Considera-se de boa qualidade o café que dê na infusão uma cor de castanha clara a qual passará a cor verde intensa — principalmente na superfície — se lhe juntarmos uns pingos de amoníaco. Esta operação é de simples análise. Evidentemente, não se consome café com amoníaco...

E' de requinte servir-se o café, depois do jantar, numa sala onde será passado o serão. Quando não possa ser assim ao menos, em mesinha diferente, apresentado em tabuleiro portátil ou mesa rolante.

Junto com o café devem ser servidos os licores, bombons, cigarros ou charutos.



FAÇAM OS VOSSOS VESTIDOS

A moda trouxe a todas as mulheres a possibilidade de executarem as suas «toilettes», embora possuindo rudimentares conhecimentos de costura. Eis um vestido que não oferece dificuldades no corte. Tirando o pormenor das casas feitas com tecido — coisa que nem todas as costureiras principiantes fazem com perfeição — tudo mais é fácil de cortar, armar e coser. Não estará o rapaz dizendo: «gosto de ver-te com esse vestido feito por ti»

«crochet»

lha e guardanapos

mentar os cantos dos guardanapos. As leitoras que estejam interessadas em obter estes desenhos no pequeno natural do «crochet» a que destinam, podem adquiri-los, mediante a quantia de 6\$00, enviada pelos a Página da Mulher, «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

imaz



ente as suas im-
OLARINHOS NÃO
para rapazes, a per-

RA PAZ
SA PRIMAZ

IAZ

LISBOA

Máquina de TRICOTAR BUSCH

APENAS 115\$ MENSAIS POR

CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER «TRICOT»

REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUEGA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 59181-2-3 - LISBOA

V. Ex.ª deve preferir
este famoso aspirador



A VENDA EM TODAS AS
BOAS CASAS COM GARAN-
TIA E ASSISTÊNCIA PER-
MANENTE

Luva azul

Apresenta um variado sortido de LUVAS para senhoras, homens e crianças, MEIAS, PEGAS e objectos para brinde.
RUA AUREA, 266



massas alimentam e são leves



DE FÁCIL E RÁPIDA PREPARAÇÃO, AS MASSAS ALIMENTÍCIAS CONSTITUEM UMA REFEIÇÃO ECONÓMICA. SABEM SEMPRE BEM E... O QUE É MUITO IMPORTANTE: ALIMENTAM E SÃO LEVES!

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITAS

Taças de Aletria

Em abundância de água cozem-se 125 gramas de aletria que, depois de bem escorrida, é cortada, o mais possível, com uma faca. Noutra vasilha põe-se ao lume 250 gramas de açúcar com 2 decilitros de leite, até ficar em ponto. Mistura-se a aletria com o açúcar, tira-se do lume, deixa-se arrefecer um pouco, e juntam-se 3 gemas de ovos, bem batidas. Volta ao lume para cozer as gemas, durante 5 minutos, sem ferver, e deita-se depois este doce em taças de vidro.

As 3 claras que sobraram, batem-se em ponto de neve, adicionando 2 colheres (sopa) de açúcar, continuando a bater até ficarem bem seguras. As claras só se devem bater meia hora antes de servir o doce.

Deita-se depois, sobre o doce, em cada taça, um pouco destas claras, e guarnece-se com corejas cristalizadas, morangos frescos, ou pedacinhos de compota de frutas.

COM MASSAS... A VIDA É MAIS CORTOSA

OÇA TODOS OS DIAS EM RADIO CLUBE PORTUGUES O HOMEM DAS MASSAS.



Eduquemos o nosso filho!

Deixe que o seu filho se prepare para enfrentar a vida

Quer que os seus filhos sejam saudáveis e bem educados?

Leia a revista «Os Nossos Filhos». O seu número de Outubro, entre outros, os seguintes artigos:

«Correio dos pais», «O mundo dos nossos filhos», «Centro de Educação Física», «Proteja o seu filho», «Como se desenvolve o bebé», «Livros para os seus filhos», «O que se edita para as nossas crianças», «Lições de observação», «As crianças e os cortejos funebres», «A adopção de crianças nos E. U. A.», «A gaguez na criança», «O arco-íris» (colaboração infantil), «Seu filho adoece com frequência?», «Dê uma sugestão!», «O casamento e os seus problemas», «A gramática no país das formigas», «Mãezinha habilidosa (malhas, bordados e corte)», «Mãezinha dona de casa (culinária, receitas práticas e sugestões)», «Figurinos para os filhos e para as mães»; e ainda: Conselhos, sugestões, concursos, etc.

«OS NOSSOS FILHOS»

Rua Infancia Dezaes, 69, 2.ª — Lisboa — Telefone 686460

A criança deve ser educada no sentido de se tornar independente e de saber resolver os seus problemas por si própria. Só assim ela mais tarde, homem ou mulher, poderá vencer na vida.

Os pais, principalmente as mães, são muitas vezes os culpados dos fracassos dos filhos: na escola, ou no desempenho de uma profissão ou, até, mais longe ainda, na vida conjugal.

A criança, rapariga ou rapaz, a quem a mãe impede de realizar o mínimo esforço porque ela é «muito pequenina», ou porque «dá-lhe a iniciativa e espírito activo», ou porque «tem tempo para trabalhar», ou porque «tem tempo para carregar preocupações» — será, no futuro, uma pessoa sem expediente, sem força de vontade, egoísta, tudo subjugando à sua comodidade e bem-estar. Será um ente as mais das vezes fútil, sem utilidade para a Sociedade pois faltar-lhe-á capacidade de produzir esforço e trabalho.

Esta educação, como qualquer outra, começa desde o berço. O bebé deixa cair um brinquedo. Não se corra a apanhá-lo por o bebé ser pequenino e não lhe chegar. Ele saberá ir «buscá-lo» com certeza. O menino quer um brinquedo para se sentar ao lado da irmã mais velha. «A mãezinha vai buscar, sim? O menino fica quietinho». Diga antes: «Queres ir buscar o brinquedo para te sentares ao lado da Nininha?» A menina, quer vestir a boneca mas não consegue enfiar-lhe os braços nas mangas. «Tem paciência que, com jeitinho, consegues» — deve-se dizer; e não «Vem cá, que a mãezinha veste».

E os casos repetem-se na vida diária da criança, em que a mãe por excesso de mimo ou de comodidade (Ah, sim! porque, muitas vezes, fazer a vontade à criança ou deixá-la realizar as coisas acarreta-nos muito mais trabalho do que se fôssemos nós a resolver o problema) se substitui ao filho, roubando-lhe toda a iniciativa e espírito activo.

Em relação à Teresinha, a mãe está, voluntária, embora talvez inconscientemente, transformando a filha numa boneca que será trocada na escola («Olha! a Teresinha ainda não sabe vestir-se sozinha!») e que ao chegar a mulher nada saberá fazer, com o infatigável aparecimento de complexos de inferioridade. Então, por snobismo, frequentará um instituto de actividades domésticas, onde não lhe podem ensinar a realizar essas actividades com o bom senso, o equilíbrio, o sentido económico, e a ternura com que lhe ensinaria a mãe.

Teresinha, com seis anos, deve já há muito saber vestir-se e despir-se sozinha, pentear-se, lavar os dentes após as refeições, pelo menos (sem que seja preciso lembrá-lo), pode começar a tomar banho sozinha (sim, demorar-se-á muito mais e gastará bastante sabonete), deverá saber tirar a sua roupa do roupeiro e a dos irmãos mais novos, deixar o quarto em ordem, poderá guardar roupas nas gavetas, limpar a loiça e colocá-la nos seus lugares (terá que partir algum prato pois os seus gestos ainda não têm a mesma precisão dos do adulto), poderá limpar os armários à sua altura e arrumá-los, fazer pequenas lavagens e ajudar a cuidar dos irmãos mais novos realizando pequeninas tarefas.

Evidentemente, a Teresinha levará mais tempo do que a mãe nesses trabalhos. Brincar, entretanto, transformando as tarefas em brincadeiras e nem sempre ficará tudo perfeito. Mas ela estará em actividade, sentindo-se útil, até mesmo necessária, esforçando-se por fazer tão bem como a mãe. A criança adquire personalidade, cria uma independência, aprende a resolver sozinha situações difíceis — prepara-se para enfrentar a vida extra-família que vai começar brevemente ao entrar na escola.

E a mãe, afinal, não ficará prejudicada. Teresinha será capaz, dentro de algum tempo, de fazer as coisas muito bem, pois a criança tem um sentido muito nítido da perfeição e, com o seu poder de imitação, se estiver habituada a um ambiente de ordem e aseo, ela fará tudo como a mãe.

Pode crer, mãezinha, que encontrará na sua Teresinha de seis anos uma esplêndida colaboradora e auxiliar, poupando-lhe muitos passos nos vaivéns diários da sua casa. Nascerá entre ambas um amor diferente: não o amor austero da mãe que manda na filha, não o amor tímido da filha que obedece. Mas um amor de mãe e filha cheio de ternura e amizade, compreensão e igualdade.

LAURA PEDROSO



Vem aí o frio

...E os nossos pequenos precisam de andar agasalhados, sem excessos. Mas crescem tão rapidamente, que, de um ano para o outro, os agasalhos deixam de lhes servir. E, como é preciso economizar, muitas vezes a solução é de dois fazer um. Aqui está um modelo nessas condições, para o Zé Manuel levar à escola. De duas camisolas apertadas, uma cor de cinza, outra azul-escuro, a mãe fez este bonito e cómodo casquinho, que lhe fica muito bem. Lá diz o velho rifão: «No aproveitar, é que está o ganho»

Consultório das mães

Tenho dois filhos de cinco e sete anos que são excessivamente rebeldes e nervosos. Isto traz-me muito desgosto e fadiga e já não sei como devo levá-los.

RESPOSTA:

—Em primeiro lugar: porque são os seus pequenitos assim tão nervosos e rebeldes? Como sabe, para se modificar os efeitos é indispensável conhecer as causas. Portanto, comece por observar objectivamente as condições em que os seus filhos têm sido criados: procure conhecer a psicologia dum e doutro; coloque-se no lugar deles; considere a sua inteligência e a sua sensibilidade de crianças — e esforce-se por ser compreensiva e justa. Pense demoradamente o que tem a dizer-lhes e a resolver a seu respeito. Não perca nunca a serenidade. Habitue-se a falar-lhes em voz baixa e calma. Nada de zangas, gritos, castigos ou lamentações. Proporcione-lhes uma vida sossegada e metódica, alimentação simples e saudável, e o máximo repouso durante a noite. Há ainda outra coisa que deve fazer sem demora: levar os meninos ao médico.

Por mais cuidados que tenha não consigo fazer a papa do meu pequenino sem a deixar «encarocar». Quer fazer o favor de me ensinar a evitar este desastre?

RESPOSTA:

—Desfaça a farinha muito bem numa pequena porção de leite frio. Deixe aquecer até quase ferver a parte restante do líquido e, nessa altura, junte-o à farinha já desfeita. Mexa rapidamente, e deixe ferver em lume brando, mexendo sempre. Com estas precauções, a farinha não deve «encarocar».

Tenho um sobrinho que acaba de chegar de Africa. Apesar de já ter sete anos, fala muito mal e não me parece com o tipo que já devia ter. Tenho a impressão de que a minha irmã não vê bem a situação, e estou raladíssima. Creio que há um instituto com uma consulta para estas crianças, mas ignoro o nome. Muito lhe agradeço uma indicação.

RESPOSTA:

—Leve o menino ao Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, Travessa das Terras de Sant'Ana, 15 — Lisboa.

Concurso relâmpago da boa educadora

Com a publicação do problema XII termina o Concurso-Relâmpago da Boa Educadora. Ele teve o mérito de levar as leitoras a analisar alguns dos seus próprios problemas diários e de nos revelar, por vezes, belos temperamentos de escritoras.

Filhos criados, trabalhos dobrados

«Estou deveras aflita com a atitude que a minha filha está tomando. Acaba de fazer 18 anos e, até há pouco, mostrou-se sempre uma rapariga muito sensata. Mas há cerca de meio ano conheceu um rapaz que lhe fez a corte e a quem se dedicou de tal maneira que persiste em namorá-lo, apesar da minha oposição, porque vejo que é um leviano e, como tal, não poderá fazê-la feliz».

Assim nos escreve «mãe amargurada», e nós avaliamos a sua enorme preocupação. Mas, talvez o mal não seja tão grande como receia. Se a sua filha já tem 18 anos, fale-lhe de mulher para mulher. E' assim que tem feito? Mostre-lhe com doçura — e, sempre que possível, indirectamente — o erro em que ela está! Aponte-lhe exemplos de casais felizes e infelizes. Diga-lhe que a felicidade existe mas que é preciso saber procurá-la, construí-la. Procure orientar as suas leituras, dê-lhe livros sérios e sãos, sem pieguices nem fantasias mentirosas. E sobretudo mostre-se muito amiga, muito compreensiva, muito companheira. Talvez ela acabe por concordar com a mãe.

E o rapaz, não será susceptível de se modificar? Conheça-lhe a família ou amigos que tenham sobre ele influência e possam aconselhá-lo? Há rapazes assim levianos que, em certa altura, modificam inteiramente a sua conduta.

Se, não obstante os seus esforços, a sua filha persistir, não desespere. Quem sabe se o casamento chegará a realizar-se? Mas no caso afirmativo, revista-se de coragem e paciência e deixe-os seguir a sua vida. E' muito possível que ele se modifique e saiba fazê-la feliz. Além de que, a felicidade não está naquilo que cada um julga observar e saber, mas na maneira como os interessados encaram os seus próprios problemas.

Na próxima página, proporemos um novo Concurso. Esperamos que nos respondam ainda mais leitoras do que até aqui. Por vezes, a mulher portuguesa foge a tomar parte nestes pequenos passatempos, porque está convencida de que não é capaz de escrever. E' necessário combater essa ideia errada. Todas nós sentimos e pensamos, e somos capazes de exprimir, melhor ou pior, o que nos vai no pensamento e no coração. E' uma questão de disciplina e vontade. Por outro lado, tudo o que cada uma de nós disser, com correcção e sinceridade, tem o maior interesse. Portanto, aqui fica o convite a todas as leitoras, para que tomem parte no novo Concurso. E' uma maneira simples, mas proveitosa, de contribuir para que se agitem os problemas tão importantes que dizem respeito aos nossos filhos e a nós próprias, como educadoras.

A melhor solução do problema XI

Também desta vez resolvemos conferir não apenas um prémio, mas dois. Foram premiadas os trabalhos das senhoras D. Laura Pedrosa, de Venda do Pinheiro, e D. Telma Elizabeth Mattos, de Lisboa, cada uma das quais recebeu mais uma assinatura da Revista «Os Nossos Filhos». Os nossos parabéns.

Cuidados com o bebé

A higiene é uma grande amiga das crianças. O seu menino deve tomar banho todos os dias, mudar de roupa frequentemente e trazer as unhas cortadas.

Que idade tem o bebé? Três meses? E' altura de o vacinar contra a varíola, não se esqueça.

Se não tem um motivo forte para o não fazer — seja a ama do seu filhinho. Se não pode cumprir este dever, oja e siga o conselho do médico.

Seja sóbria na sua alimentação enquanto amamentar o bebé. Não abuse de comidas salgadas e picantes, de café e bebidas alcoólicas, de caça e mariscos, de conservas e enchidos.



Pequena história do casal amigo para contar aos nossos bebés e bordar nos seus bibes

1 — Era um vez o senhor Pardalico e a senhora Pardalica. Moravam numa casinha pequena e eram muito amigos. Quando, pela manhã, o senhor Pardalico saía para o trabalho, com a lancheira na asinha, a senhora Pardalica tinha sempre a porta dizer-lhe adeus.

(Continua)

FALANDO SOBRE MATEMATICA

NESTE apontamento dirijo-me áqueles Amigos que frequentam os primeiros ciclos do Liceu. Portanto caros «sábichões» finalistas, fiquem sabendo que estas modestas linhas não são para vós, pois não pretendo interromper as vossas tão «fecundas» dissertações filosóficas.

Pois jovens Amigos: tenho a certeza de que muitos de vós, estudantes liceais e portanto no início da longa estrada que vai dar ao Senhor Doutor ou a outro Senhor mais ou menos pomposo, detestam já a Matemática. Seja pelo que for, é a verdade. E sentem uma pequena satisfação quando nos jornais e na telefonia (nesta principalmente) lêem ou ouvem em entrevista, daqueles a que costumam cha-

POR: FERNANDO TAVARES RODRIGUES * 18 anos

mar intelectuais, responder sem hesitar que nos seus tempos de escola não suportava a Matemática. Ora é pena que a maior das ciências seja assim tão maltratada. A Matemática é a maior e a mais importante. Todos vós tendes ouvido falar no grande numero de ciências que os homens vão descobrindo e em que se empenham com todo o seu ardor e inteligência. Embora seja exagero já ouvi alguém dizer que em cada dia surge uma ciência nova; — para além do humor que contém, esta afirmação reflecte bem a evolução do mundo científico de hoje.

Pois na quase totalidade estas ciências e seus ramos (e podem estar certos de que muitos há que dirão: a totalidade), sejam quais forem os assuntos de que tratem, vão buscar alimento, de quando em vez, à Matemática. Umas mais, outras menos, é conforme a necessidade. Mas vão. E a Matemática a todas as que a solicitam socorre com modéstia e está sempre pronta a acudir-lhes nos momentos mais difíceis.

E de que maneira a Matemática as ajuda! Com a economia, poupando-lhes linguagem, por exemplo; com a precisão, porque o seu método de trabalho é eficaz; e ain-

da com a descoberta! E é aqui que a interessante Matemática prova, sem deixar motivo para duvidas, como é a maior e a mais importante de todas as ciências que o maravilhoso espírito do homem criou. Como se fossem pouco a economia e a precisão, a Matemática ao ser solicitada para ajudar outros ramos do saber, consegue facultar-lhes descobertas, caminhos de investigação novos, até então ocultos e que sem a sua ajuda tarde ou nunca seriam explorados. Um magnífico exemplo me ocorre agora. Um dia mais tarde, a meio do caminho que haveis iniciado há pouco, tereis oportunidade de topar com ele. E' em plena Física, com as chamadas «equações de Maxwell». Nos seus estudos, o genial Maxwell (físico-matemático escocês, 1831-1879) formulou umas equações matemáticas, que têm hoje o seu nome; e somente a partir delas, no papel e com a pena, Maxwell chegou à conclusão (uma das muitas a que chegou por este processo!) de que deviam dar-se na realidade certos fenómenos de natureza física. Foi isto uma dedução teórica. E anos mais tarde esses fenómenos foram descobertos

(Continua na ultima página)

PROBLEMAS DOS JOVENS

«A arte ou não...»

PODE não ser este caso tomado como «problema da juventude»; no entanto, porque o julgamento digno de ser inserido nesta secção, aqui estou a redigi-lo.

Hoje em dia é frequente ouvir-se dizer:

«Ah! Esta juventude... No meu tempo sim... Isso é que era... Esta é uma mocidade decadente...»

Concordo com isso. Não há dúvida de que noutros tempos eram os jovens mais sossegados mas, se observarem e compararem esses tempos com os de hoje, talvez já assim não pensem. Senão vejamos. Retrocedamos uns séculos. Estava-se, então, no apogeu das valsas, isto na música. Na pintura havia ainda o sentido de pintura. Na poesia era comum verem-se estrofes com métrica, rima e acentuação devidamente cuidadas. Hoje, não: a música está resumida aos frenéticos e alucinantes «rocks»; na pintura, reduzida ao nada, ou quase, inventaram agora o género a que chamaram «Agressão» (nome bem dado, na verdade, pois tal género não passa de uma «gressão» autêntica, não só á tela, como á própria pintura). Na poesia, então, também é flagrante verem-se desrespeitadas todas as normas da poesia propriamente dita, isto é, acentuação, rima e métrica. Perdeu todas as características que a tornaram bela. Agora não passa de uma «coisa disforme», sem graça. Esta modalidade faz-me lembrar como que uma «prosa em linhas curtas». Já se não dá o devido valor á poesia antiga com a sua espontânea graciosidade. Está relegada para segundo plano, ela que é a verdadeira poesia.

No meio de tudo isto, a pobre juventude, ressentida se não tiver apoio não só moral, como intelectual, como ainda físico, apoio esse que, diga-se de passagem, não abunda.

Vendo bem, quem dá origem a estas coisas? Os mais velhos, os tais que só criticam (mas que nada contribuem para que não precisem de o fazer), aqueles cuja mocidade era ajuizada e sossegada. Só eles e mais ninguém. Admiro-me bastante que isto não tenha chegado a pior e, se assim não aconteceu, isso deve-se única e exclusivamente a algum resto de bom senso, que a juventude retém... Essa juventude corrupta... desregrada... desrespeitadora... decadente...

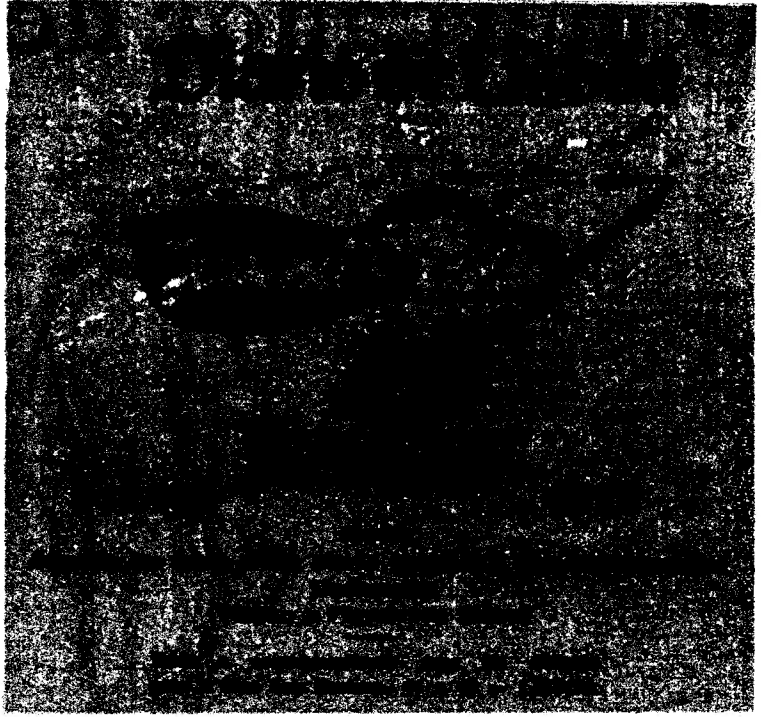
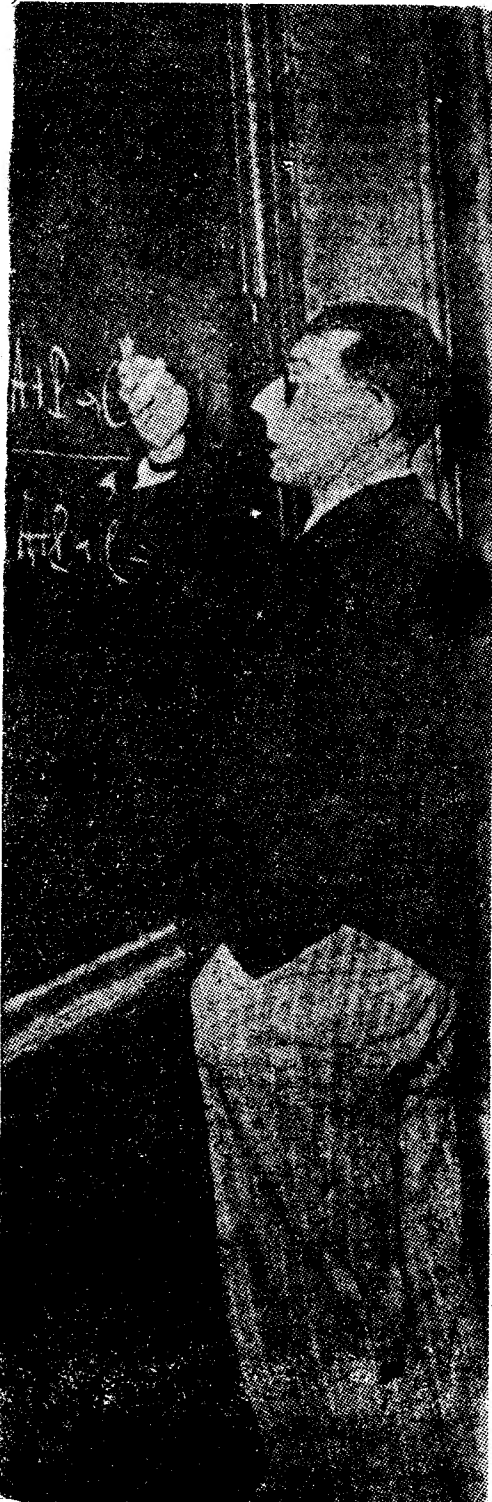
Era bem melhor que, em vez de críticas, esses mais velhos utilizassem compreensão... compreensão acima de tudo, que é o que mais falta nos faz. Então sim! Então veriam que a juventude não decaiu. Foi, é e será sempre a mesma, só com a diferença de que vive em séculos opostos e estes é que não são todos iguais... Diferem muito...

Não há jovens bons ou maus, o tempo e ambiente em que vivem é que o são ou não.

AMIGO N.º 587

VISTOS PELOS JOVENS

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE



Volta para mim, calor!

por: Ana Maria Fernandes Canhão (Nani)

ESTOU afastada do Mundo... A' minha volta só oigo os risos alegres das crianças que brincam... No meio das flores e das crianças, sinto-me afastada, sinto que o resto do Mundo não vive... ou talvez ele viva e eu morra... Recordo a minha infância tão feliz e calma... Que saudades, Deus meu, desse tempo que não volta mais! Queria ser pequenina e juntar-me a essas belas crianças que correm e cantam contentes! Queria brincar também e sentir-me feliz, mas não, não posso! Sinto-me triste, abandonada, quase incompreendida... Por entre o riso das crianças, oigo uma musica ao longe, muito ao longe, mas que chega até mim suavemente, penetrando profundamente no meu coração... É um grito da alma desse poeta da musica, desse Chopin imortal, que tão bem falava e fala aos corações, com a sua delicada musica... É essa tão bela melodia, que tantas vezes me tem servido de refugio nas horas de desespero e melancolia, faz brotar lágrimas dos meus olhos tão tristes, que olham o Mundo parecendo não o ver...

Agora, vou vaguear um pouco pelo mundo dos sonhos... sonho que sou feliz e que rio e canto para toda a gente... Todos me amam, todos me compreendem, todos desejam a minha companhia...

De repente, deixo de ouvir os risos das crianças e fico sobressaltada. Não, não é possível divagar assim, se a realidade é tão dura e feia! Que mal te fiz eu, Mundo, para não me queres ouvir e compreender?!



Olho agora em frente: as crianças retiraram-se para os seus lares aquecidos... O fim da tarde é belo, muito belo, mas muito triste; a noite vai caíndo, e com ela desce um frio cortante... Levanta-se vento, e esse vento arranca as folhas douradas das árvores, e leva-as a dançar para o infinito... Todos se retiram, só eu fico fria entre as flores que também arrefeceram... Tenho frio, uma onda de gelo invade-me o corpo e sinto muito frio na minha alma... Sinto o sangue paralisar-se nas veias e quase grito horrorizada com a ideia de morrer! Não quero a morte, embora descansasse para todo o sempre; quero viver esta vida tão bela para os outros e tão feia para mim! Quero ser compreendida, amada por todos aqueles que eu amo!

Mas nada, nada muda o curso da minha vida; ninguém me quer bem e eu sinto o meu sangue cada vez mais gelado.

Mas eu quero viver, quero que tu, o meu Calor, voltes outra vez ao meu corpo, derretas o gelo que cobre o meu coração, e me deixes abraçar-me a ti, para não mais me fugires! Calor, vem, que eu espero-te, para começarmos uma nova vida!

Mas se não vieres meu Calor, peço-te a ti, vento de uma tarde de Outono, que leves a minha alma a dançar como levas a esse baile infernal, as folhas das árvores que se vão desnudando!...

Mas eu espero por ti, Calor, espero que me tenhas ouvido e me compreendas, e que voltes para mim!

AMIGA N.º 939 (16 ANOS)

DESFILE

POR: CARLOS ALBERTO BRANDÃO DE ALMEIDA

Uma emissão de buracos com uma rua radiofónica.
Um passeio aristocrático com um cavaleiro de «scooter».
Uma injeção fraternal com um amor intramuscular.
Um ministro de virar tripas com um pau de negócios estrangeiros.
Uma excursão á «Gomes Sá» com um bacalhau ao Norte.
Um homem descapotável com um automóvel de muletas.
Uma ilusão metalúrgica com uma greve de amor.
Um cheque de Filosofia com um professor sem cobertura.
Um polícia que dá uvas com uma vinha de transito.
Uma agência maltratada com uma dama de viagens.
Uma pintura de escape aberto com uma motocicleta abstracta.
Uma mulher de alcatrão com uma estrada casada.
Um banqueiro florido com um jardim milionário.
Um político de nylon com uma camisa democrática.
Um sistema de estreia com um cinema nervoso.

O mercador de pérolas

Ao Sul da Índia, separada desta pelo estreito de Palque, encontra-se uma vasta ilha de sessenta e seis mil quinhentos quadros, quase três vezes maior, portanto, que o Baixo Alentejo e o Alto Alentejo reunidos.

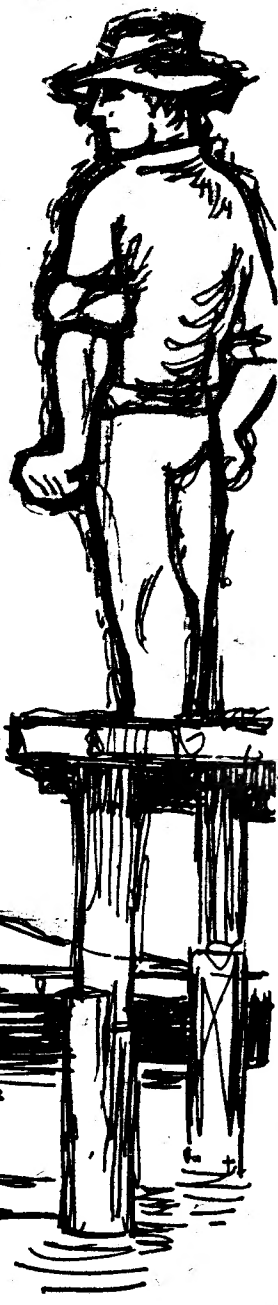
É a ilha de Ceilão.

Os Portugueses foram os primeiros europeus a desembarcar na ilha, precisamente no ano de 1518. Encontrando favorável acolhimento por parte dos indígenas e havendo lá ótimas condições comerciais, muitos Lusitanos fixaram-se — e ainda hoje se faz em Ceilão um crioulo português...

A sua grande riqueza é constituída por madeiras preciosas, abundantes nas enormes florestas tropicais que cobrem a ilha, chá, especiarias, rubis, safiras — e PÉROLAS...

A ostra perolífera encontra-se nos mares quentes desde o Mar Vermelho até à Austrália; as melhores pescarias efectuam-se em Ceilão, durante as calmarias da monção do Nordeste, entre o nascer e o pôr-do-Sol. Os mergulhadores, geralmente pretos, descem velozmente atando uma pedra à cintura; fazem provisão de ostras e regressam o mais rapidamente que podem à superfície. Os mais destros permanecem alguns minutos dentro de água.

A história que vamos relatar passou-se no século derradeiro.



Dela foram protagonistas dois Portugueses: Pedro Antunes de Miranda, dito o «Falcão» (ignorava-se os motivos deste cognome) e Filipe Madeira. Mercadejavam com as cinco partes do Mundo e, cada qual no seu barco, aportaram naquele dia à ilha de Ceilão dispostos a fazer vasta colheita de pérolas, caso a sorte os ajudasse.

O facto de terem a mesma nacionalidade fez que estreitassem a convivência, durante a qual podiam mitigar as saudades da terra distante — que nem um nem outro saberia quando tornariam a pisar. Eram ambos fortes, resistentes, batidos por todos os ventos, experimentados por todos os climas. Encontravam-se no comércio com diferentes intenções e meios de acção. O «Falcão», extremamente ambicioso, não hesitaria, para satisfazer a ambição, em recorrer a meios pouco lícitos. Achara-os naturais, afirmando que no comércio vence o mais forte... ou o mais esperto...

—Por que não o mais honesto? — inquiria Filipe Madeira.

—Ora, ora, meu caro! — e o «Falcão» pregava nos beijos um sorriso ácido. — Aqui para nós, que ninguém nos ouve, quem tem escrúpulos não faz negócio!

—Maneiras de ver — declarava o outro —. Eu, por exemplo, recusou-me a fazê-lo e com quem não os tem...

O «Falcão» encolheu os ombros. Intimamente, achou que o compatriota era um sentimental que, como todos os sentimentais, acabaria por fracassar rotundamente no comércio...

Foi obra do acaso que ambos se houvessem encontrado naquela manhã, em pleno bairro miserável dos indígenas. Quer o Filipe, quer o Miranda, buscavam informar-se das condições para a compra de pérolas. Este último, fechava, na presença do compatriota, negócio com o jovem e possante Arbul: por cada pérola, 600 rupias...

—Por aí pagam-se a quatrocentas — lembrou Filipe Madeira. Porque lhe ofereceu você seiscentas?

—Cá tenho as minhas razões... — Que não devem, por certo, ser muito caridosas...

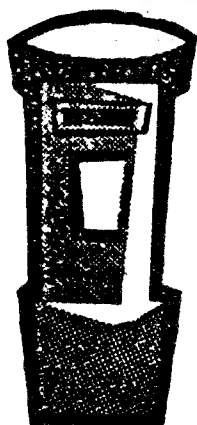
—Conforme se entenda por isso — fechou o outro —. Não se diz pela nossa terra que a caridade bem compreendida deve principiar por nós próprios?

Ao fim dessa manhã assistiram

ambos, do alto da falésia, às manobras de Arbul. Este, cobrindo apenas as partes vergonhosas, tirara-se à água com um pedregulho amarrado na cinta, a fazer lastro. Filipe Madeira contara os minutos pelo enorme relógio de bolso que sempre o acompanhava. Um... dois... três... Ao abeirar-se dos quatro minutos o corpo luzidio de Arbul debatia-se à superfície, não muito longe do bote onde despejava a rede que trazia cheia de ostras.

Os dias foram-se escoando, e 35 semanas...

Diário de bordo



Amigo N.º 939 — Ana Maria Canhão (Lisboa): obrigado pelas tuas amáveis palavras. Creio que tens razão; muitas vezes vocês têm falta de convivência, convivência são, com pessoas da mesma idade. Por isso, se estiveres de acordo, vou arranjar-te um correspondente, no Porto ou em Coimbra, + ou — da tua idade?

Achas bem. N.º 1347 — Artur de Oliveira Soares (Coimbra). Pelos postais, vejo que deve haver qualquer ligação com os amigos Vitor Manuel, Maria Adózinda, Maria Luísa. Qual é?

N.º 1362 — Helder Rui Martins Leitão (Porto). Claro que só poderei dar-te uma opinião concreta depois de ler os trabalhos. Mas uma coisa te posso dizer desde já: uma vez que os assuntos de Direito são bas-

Quando Filipe Madeira, ao agorizar daquele dia, passava na rua junto ao cais, a caminho do barco, deparou com dois homens altercando. Eram, nem mais nem menos que o negro Arbul e o «Falcão». Este, com largos gestos: —Enganas-te! Não ofereci mais que trezentas rupias!

Arbul espetara no ar os cinco dedos da mão esquerda e mais o indicador da outra. E daí não saía.

—Não sejas tonto, homem! — afirmava o Miranda, congestionado, como se a razão o sufocasse. — E para mais tu repara: se oferecem por aí o máximo de quatrocentas, porque artes do demónio ia eu oferecer-te seiscentas? Reconhece que te equivocaste... E se o não reconheceres, tanto pior. Pescadores de pérolas não faltam por aí e mais de trezentas é que não te dou. Trezentas foi o contratado.

Arbul mantinha-se inamovível. O «Falcão» não lhe pagaria mais de trezentas, mas ser-lhe-ia agradável que isso fosse bem aceite pelo indígena. Ao ver surgir o compatriota, citou-o como testemunha.

—Olha lá, o preto diz que contratei com ele seiscentas rupias por cada pérola, diz agora tu, que estavas presente, quantas foram, na realidade!

Voltando-lhe as costas, mostrava-lhe três dedos, a sugerir a resposta que lhe convinha.

—O combinado foi de seiscentas rupias por cada pérola — exclamou Filipe Madeira em voz forte e decidida.

—Mentes! — estoirou o «Falcão», em crioulo. E depois em português claríssimo: — Com que então, os Portugueses são assim uns para os outros? Assim é que eles se ajudam?... E sem esperar resposta, tornou para Arbul:

—São vinte pérolas, a trezentas rupias cada, dá seis mil. Aqui estão. Aceita-as, se quiseres. Se não quiseres, paciência...

la retirasse mas, de um salto, Filipe Madeira atirou-se a ele. A luta violenta, durou alguns minutos.

—Deves doze mil rupias — exclamou Filipe Madeira, ofegante. — Sou testemunha. Paga. O patriotismo é um sentimento ao serviço da justiça e é assim que ele se fortalece. Não contes com a minha cumplicidade para cobrir as tuas ignomínias...

All mesmo, Arbul recebeu as suas doze mil rupias.

O «Falcão» retirou da ilha imediatamente, pois nunca mais se sentiu em segurança. Pelo contrário, Filipe Madeira demorou-se, levou um belo carregamento de pérolas que lhe deu bem bom lucro.

Arbul, esse, já velho, costumava dizer aos seus netos:

—Conheci certa vez um homem de palavra. Era um Português...



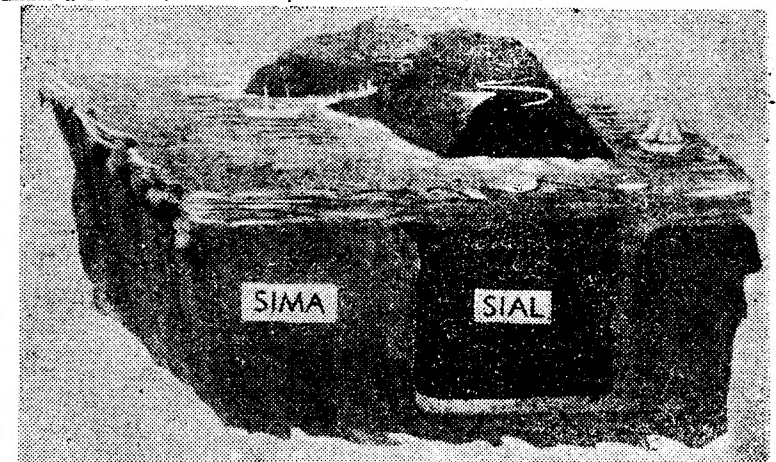
AS MARAVILHAS DO UNIVERSO

QUANDO A TERRA VOMITA FOGO

O homem do século XX, com as poderosas máquinas que construiu, multiplica as descobertas e crê poder triunfar da Natureza. Ele bem lhe grita: «ter-te-ei toda, toda inteira», com o poder do meu engenho e a força da minha inteligência... Pois é. Mas o homem, por momentos, esquece que a Terra tem uma vida própria, uma vida misteriosa e estranha que se manifesta por milénios em transformações que mal se vêem: ou em bruscas sacudidas de forças ocultas desencadeadas. Estes paroxismos, que se desencadeiam em poucos segundos, mostram que o seu poder não passa de sonho absurdo. Uma simples sacudida e casas derruem, o mar invade as margens, um rio nasce, outro sumiu-se, o vale foi devorado pela montanha hante, o planalto ergueu para o céu um protesto surdo de trovão... E onde está esse domínio do Homem? E certo que para vencer o rio ele construiu um dique; para dominar o mar, fez-lhe frente com a barragem e captou a força das águas destruidoras para dominar a distancia, criou a máquina voa-

a deslocação dos continentes. O interior da Terra é um artifice eterno e lucrativo, pondo aqui, tirando dali subindo, descendo. A alta temperatura do seu interior, capaz de fundir seja que rocha for, origina a lava dos vulcões, massas líquidas de rochas a uma temperatura que atinge os 1.200 graus! O facto de isto se não verificar continuamente reside na pressão que outras superiores exercem sobre as camadas rochosas mais internas. Se por uma razão qualquer esta pressão diminui, logo as rochas entram em fusão, produzem-se misturas de líquidos e gases, magmas, que tendem a subir pela sua mais fraca densidade. A massa fundida pode elevar-se até à superfície da crusta terrestre e atarregar, por ela, em forma de lava; ou contida na própria crusta e formar as montanhas, uma vez consolidada. Com requintes de artista modelador, a natureza ergue-se do fundo dos mares, para lá das nuvens...

Obra de artista que, apresenta, a um tempo, a beleza e grandiosidade e a tragédia de campos devastados, sementais desfeitas, lares destruídos, vidas



dora; venceu o deserto escaldante, fazendo brotar dele petróleo e água; e levado por um romantismo bem antigo, não se contenta já com a luz do luar — quer a própria Lua. Pois é. Mas estas vitórias tornam o sábio modesto; modesto, e circunspecto perante aquilo que ainda não pôde explicar, prever ou evitar: os tremores de terra e os vulcões.

O Homem sabe que a Terra é coberta por continentes e mares — já viu. Mas o sábio sabe mais: sabe que a Terra tem uma constituição interna, por camadas, cada uma constituída de matéria diversa. De fora para dentro, já lhes deu nome: a atmosfera, o sial, o sima, os silicatos, depois óxidos e sulfuretos e finalmente, o ferro e o níquel. Sabe também que a temperatura aumenta de um grau por cada trinta metros que avança para o interior — chamam-lhe o grau geotérmico; sabendo fazer as contas, o sábio conta que o «mago da Terra está a uma temperatura enorme, capaz de fundir a rocha mais tenaz... A propósito da tragédia dos Capelinhos falou-se muito em sima e em sial. O que é, pois, isto? Os continentes são constituídos, na sua maior parte, por compostos de sílica e alumínio — forma o sial, massas que fluem em semivictória definitiva, reserva-se o único «enterradas numa outra camada formada de sílica e magnésio — sima».

Os blocos continentais aparecem, pois, como blocos quase inteiramente submersos num mar de sima. Este sima afiora os fundos oceanicos a 5.500 metros de profundidade e com uma plasticidade que permite o enterramento e

cutadas. Inferno de beleza e tragédia... Destruição e construção.

Perante a força da Natureza, o Homem sente-se pequeno; longe de gritar orgulho, não de dominar, mas de participar de um imenso poder criador que pode explorar e fazer agir ao serviço de um bem comum.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS
Uma bela novidade!

Aos nossos Amigos, maiores de 17 anos, temos a satisfação de lhes comunicar que acaba de sair a primeira edição portuguesa (as anteriores foram brasileiras, claro) do grande romance de José Lins do Rego: «O Molque Ricardo».

Já nos temos referido bastantes vezes no «Juvenil» ao ilustre escritor brasileiro, morto infelizmente muito cedo.

Foi um grande romancista do seu povo e entre o seu povo se encontram algumas das suas mais belas personagens. Ricardo, o molque, é uma delas. É uma figura inesquecível.

Já também aqui fizemos notar o extraordinário dom de narrador que Lins do Rego possuía. Os nossos leitores terão agora mais uma oportunidade de verificar isso mesmo.

É uma edição de «Livros do Brasil, Lda.», que já publicou os seguintes romances de Lins do Rego: «Eurídice», «Pureza», «Fogo Morto», «Cangaceiros», «Banguê», «Pedra Bonita» e «Menino do Engenho».

Os 5 cavalos de ouro

POR: MARIA WANDA MENDES NUNES * 11 anos

ERA uma vez cinco cavalinhos de ouro que andavam sózinhos, mas nas terras mais lindas do Mundo. Moravam numa cavalariça muito bonita, toda doirada e muito grande. Esses cavalinhos eram muito bravos e não queriam ter dono...

O pai, um dia, disse ao filho que fosse à terra dele e lhe trouxesse um remédio para ele se curar.

O filho disse: — Está bem, pai, eu vou...

O menino foi então e quando lá chegou perto, muito cansado

de... e ajudou-o a passar. Chegaram lá, entraram numa loja e trouxeram o remédio e levaram-no para casa do pai.

— Meu pai, aqui tem o remédio!

— Obrigado, meu filho. O pai curou-se e ficou bom.



Um dia resolveram desatar a correr como uns doidos e foram parar à terra de um senhor muito doente que tinha um filho de oito anos. Toda a gente gostou muito deles mas eles não se deixaram apanhar...

O pai do menino tinha uma doença muito perigosa e não vivia na sua terra mas sim numa casa no campo, sózinho com o seu filho.

e muito fraco, viu um lago enorme que não podia passar.

Lembrou-se de chamar o Príncipe Verde, o sapo, e o Príncipe Verde apareceu e disse: — O que é que tu queres?

— Eu quero ir à terra do meu pai, para lá ir buscar um remédio para ele se curar.

— Está bem. Vamos os dois então lá buscar o remédio para o teu pai — disse o Príncipe Ver-

O filho teve os cinco cavalinhos de ouro como prémio, pois tinham gostado dele porque fez uma boa acção e já não se importavam de ter dono.

Primeiro foi para a sua casa com eles e casou com uma princesa muitos anos depois... Fez-se um grande rei, com um grande castelo e os seus cinco cavalinhos de ouro!

(AMIGO N.º 1379)



2 MINUTOS DE INTERVALO



Teste de inteligência

para os teus irmãos mais velhos

Não acabará nunca talvez a controvérsia entre os «velhos» e os «novos», entre os que realizam as coisas que querem realizar, entre os que dão provas de bom senso e os que vão animados de espírito de aventura renovadora.

Dessa luta nasce o progresso, nasce a caminhada para a frente... Mas concordas com ela? Essa «caminhada» para a frente não seria mais impetuosa se os velhos e os novos substituísem a luta pela cooperação? Se cada qual pusesse o monte quanto tem de melhor — incluindo a vontade e a compreensão? Que dizes? E na tua opinião quais as qualidades da velhice da juventude que podem aliar-se para benefício do progresso?

Es bom observador, eu sei. Já deves, portanto, ter reparado que um indivíduo que possua e que um automóvel, ganha quase sempre o complexo de superioridade. Quereres tu dar uma explicação para este fenómeno?

Como explicas a seguinte quadra do poeta António Aleixo:

Quem trabalha e mata a fome não come o pão de ninguém. Mas quem não trabalha e come como sempre o pão de alguém...

Quem pesca

Estamos no parque do manicópio... Um internado, sentado à beira do lago, pesca.

— Então — pergunta-lhe uma visita — que tal vai isso? Já pescou muitos?

— Contando com você, já são quinze! — responde o pescador.

Pensamentos que fazem pensar

O prémio desta semana — um livro — será entregue ao nosso amigo Afonso dos Santos Coroador, que os mandou uma boa coleção de pensamentos, como todos já vão ter ocasião de verificar. Para o meu anjinho reservo especialmente os pensamentos de Cervantes e Jacques Decour.

Atenção aos pensamentos enviados pelo Afonso:

«O que distingue o homem do animal, é isto: a vida representa para

cie um problema que, só pensando e trabalhando, poderá resolver como convém».

(SULLY)

«Acrece que cada um é filho das suas obras...»

(CERVANTES)

«O isolamento é bom. Quem não teme a sua consciência não receia estar só».

(PASCAL)

«Considero-me, pouco mais ou menos, como folha que tomba da árvore, para fazer estrume. A qualidade do estrume dependerá da qualidade das folhas».

(JACQUES DECOUR)

Hieroglifos comprimidos

er 5 Creta

1000 eu oceano 1 nota

nota azul 500 acto

Antologia

«A cadela de que te falo, Platero, é a do Lobato, o caçador. Sabes quem é, pois a encontramos várias vezes no caminho de Llanos. Lembra-te? Aquela doirada e branca como um poente de Maio... Teve quatro cãeszinhos, e Sande, a leiteira, levou-os à sua cabana, longe daqui, porque tinha o seu menino doente e o sr. Luís lhe dissera que se punha bem com um caldo de cães recém-nascidos. Tu sabes bem como a casa da leiteira fica longe da casa do Lobato...»

Platero, dizem que a cadela andou como louca todo aquele dia, fora e dentro, espreitando aos cuinhos, metendo-se pelos valados. Viram-na ao crepusculo, junto à cabana do ferrador, latindo tristemente em cima de uns fardos de carvão.

Tu sabes como a leiteira mora longe... Quatro vezes a cadela foi e voltou e de cada vez trouxe um

cãozito na boca, Platero. E ao amanhecer, quando Lobato abriu a porta, deu com a cadela deitada no umbral, de olhos postos suavemente no dono, com todos os cãeszinhos agarrados às tetas rosadas e cheias...»

(Do livro «Platero y yo», de Juan Ramon Jimenez).

Soluções

Do numero 77:

Passatempo internacional

Galvani, Itália; Chopin, Polónia; Nostradamus, Itália; Alcibiades, Grécia; Disraeli, Inglaterra; Arosto, Itália; Esopo, Grécia; Berlitz, França.

Hieroglifos comprimidos

Londres, Rio de Janeiro, Manaus, Berlim.

Do numero 78:

Frases célebres

Descartes: grito de dor de César quando viu no numero dos seus assassinos, Bruto, que passava por ser seu filho; Filipe II, de Espanha, em 1558; Jesus Cristo (Evangélio, S. João, VIII); Danton.

Perguntas geográficas

1 — Cabo Verde; 2 — Cabo das Agulhas; 3 — O Mar Morto; 4 — A ilha do Fogo; 5 — Genebra; 6 — Granada; 7 — Bengala; 8 — Rio de Janeiro.

Hieroglifos comprimidos

Andaluzia, Escravo, Marmelo, Adão.

Passatempo

Apresentamos a argúcia dos nossos leitores, meia dúzia de lacadas nem todas, porém, dão nó. Se pegarmos nas duas extremidades, uma em cada mão, em qual ou quais destes seis casos formaremos um nó?

Frases célebres

Grande êxito para o nosso passatempo das «Frases célebres!». Hoje vamos oferecer aos nossos amigos algumas frases pronunciadas por Portugueses. E não é preciso ser-se um «barra» em História para saber quem foi a personagem que as pronunciou!

Respondam, pois: Quem pronunciou as frases que seguem:

«Vingar, rapazes! Fartar vilanagem!».

Concurso da semana

Prémios

1 a 3: «3 volumes da Coleção «CONTOS DE ENCANTAR», editada pela Livraria CLASSICA EDITORA.

4 e 5: «ALGUNS ANOS DEPOIS», por Luisa Alcott, edição da PORTUGALIA EDITORA.

6: «AS QUATRO RAPARIGAS», por Luisa Alcott, edição da PORTUGALIA EDITORA.

7: «A ILHA DOS NAVIOS PERDIDOS», por C. Marriot — Livraria CLASSICA EDITORA.

8: «O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA», por Ramalho Ortigão — LIVRARIA CLASSICA EDITORA.

9: «CONTOS», por Ramalho Ortigão — Livraria CLASSICA EDITORA.

10: «ANTAR, O CAVALEIRO-MOR», por Eduardo Dias — Livraria CLASSICA EDITORA.

11: «AS QUATRO RAPARIGAS», por Luisa Alcott — PORTUGALIA EDITORA.

12 a 15: «O MOLEQUE RICARDO», por José Lins do Rego — Coleção «Livros do Brasil», editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE WAGNER

16: «Amigo N.º 962 — Maria Alzira Semão Seixo (Lisboa).

16: «CLARISSA» e «MUSICA AO LONGE», por Erico Veríssimo — LIVROS DO BRASIL, LDA.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 77: I CONCURSO «GENTE NOSSA»: Coimbra. II — CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Ricardo Wagner.

Vencedores

1. — Amigo N.º 702 — Maria de Fátima de Oliveira Lourenço (Lisboa).

2. — Amigo N.º 894 — José António Fradinho Calado Torres (Lisboa).

3. — Amigo N.º 1232 — Maria Antonieta Sousa Cabrita (Lisboa).

4. — Amigo N.º 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa).

5. — Amigo N.º 416 — Maria Helena Lima Malha Coelho (Lisboa).

6. — Amigo N.º 1346 — Maria do Natal Nunes Pinheiro Grito (Faro).

7. — Amigo N.º 727 — Luis Manuel Alves Santos Silva (Paredes).

8. — Amigo N.º 14 — António José Coelho Peça (Lisboa).

9. — Amigo N.º 1150 — Mário F. H. Pereira (Lisboa).

10. — Amigo N.º 1299 — Carlos Manuel da Silva Duarte (Porto).

11. — Amigo N.º 939 — Ana Maria Canhão (Lisboa).

12. — Amigo N.º 583 — José Manuel Amado Lopes (Mira de Aire).

13. — Amigo N.º 763 — José Joaquim Tavares Madeira (Lisboa).

14. — Amigo N.º 796 — José António Freire Leitão (Coimbra).

15. — Amigo N.º 907 — Manuel Augusto dos Santos Costa (Coimbra).



Gente Nossa



Já pela encosta já desce o dia com a alegria que o vinho gosta

O vinhateiro aos ombros traz o cesto cheio de saúde e paz.

E as canções sobem e a dúvida erra se canta o homem se canta a terra.

O vinho corre do monte e bebe (e quem o colhe jamais o bebe...).

Corre profundo ninguém o impeça — Dá volta ao Mundo, volta à cabeça...

Deus Baco aos litros bebe milhões. — Sai do Olimpo, vai para Leixões...

Já pelo outeiro o dia cresce — Nos ombros desce do vinhateiro...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, à seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 17 de Novembro.

Dois concursos para o Natal

Mais uma iniciativa do «JUVENIL»

1 — JOVENS ATÉ AOS 16 ANOS

Eis um agradável concurso destinado aos nossos amigos mais novos: Trata-se de colorir com inteira liberdade o livro «Qual é coisa qual é ela?» — editado pela Portugalia Editora. Eis os prémios:

1.º — Duzentos escudos em livros editados pela Portugalia;

2.º — Cento e cinquenta escudos em livros, nas mesmas condições;

3.º — Cem escudos em livros, nas mesmas condições;

4.º a 10.º — Cinquenta escudos em livros nas mesmas condições.

Prazo de entrega dos livros coloridos: até ao dia 20 de Dezembro.

2 — PRÉMIO AUGUSTO GIL

Para jovens entre 17 e 20 anos

Trata-se de apresentar um trabalho sobre este grande poeta. Não há limite de espaço. Eis os prémios:

1.º — Quinhentos escudos;

2.º — Trezentos escudos;

3.º — Obra completa de Gil Vicente (publicada à data).

Prazo de entrega: até ao dia 31 de Dezembro.

Falando sobre matemática

(Continuação da 1.ª página)

experimentalmente por um físico alemão cujo nome já deve ser vosso conhecido, Hertz. O cérebro genial de Maxwell soube desvendar o segredo das suas equações matemáticas; e sem esquecer a persistência e a técnica de Hertz, podemos afirmar que é graças à Matemática que hoje temos a nossa disposição, tão aperfeiçoadas, a T. S. F. e a Televisão.

E todos conhecem outro exemplo, não propriamente de descoberta, mas de ajuda indispensável, que a Matemática, através de um dos seus ramos mais interessantes, presta à Medicina: a elaboração de «gráficos» das temperaturas dos doentes, que permitem rápida e perfeitamente observar as «subidas» e «descidas» no decurso da doença.

Vede que maravilha está oculta nos compêndios de Matemática! São inspidos, por mais bem elaborados que estejam? Não, não são. É o sinal de que algo de novo tens pela frente. Algo diferente de tudo o mais que vos possam ensinar. É difícil, contudo? Mas isso é um convite ao espírito! O que é difícil é que nos deve entusiasmar e fazer-nos mover a vontade. E depois até gostamos das dificuldades. (Que prazer, aqui para nós, em transpor as dificuldades que o espírito encontra!)

A Matemática requer bastante tempo e vontade firme para nos adaptarmos a ela e a sentirmos em toda a sua beleza e utilidade. Olhai: beleza e utilidade. Que coisas no Mundo desfrutam destas qualidades? Poucas. E a Matemática é uma destas. Contemplai uma página de texto de alto a baixo: é frio e triste. Mas apreciai uma página característica de um livro de Matemática, com os números e letras e sinais em expressões belas que nos convidam a ler as linhas de texto que as separam, para descobrirmos o seu mistério.

Um conselho de Amigo dou aos que já começaram a sentir as dificuldades e desanimaram: lutai; esforçai-vos por compreender a beleza estranha da Matemática. Começai por ver nela um trabalho magnífico para o espírito. Depois procurai nos livros de problemas que vos indicaram, aqueles que gostariam mais de resolver, aque-

les que mais directamente se referem ao quotidiano. Não desanimem, pegam ajudas, se sózinhos não forem capazes. E depois... pensai um pouco: a princípio estuda-se com certa abstracção, sem querer saber se o x ou o v se referem a fulano ou cicrano, a isto ou aquilo; mas mais tarde, depois de bem sabida a matéria respectiva e após se ter trabalhado só com símbolos vamos resolver problemas que tratam de automóveis, de tanques, de barris, enfim, de tudo aquilo que nos cerca e que é bem palpável — ao contrário dos símbolos com que tínhamos lidado no estudo e que vamos mesmo utilizar na resolução das questões. Estão a perceber a maravilha? Com símbolos e ideias que foram concebidos sem pensar em automóveis, por exemplo, resolvem-se problemas em que entram automóveis. «Isto» é de entusiasmar e de fazer prever outras maravilhas!...

E que dizer do bem que o estudo da Matemática faz à inteligência? E como se habituia a raciocinar um homem que emprega as horas de ócio a estudar a Matemática? Espíritos preciosos, habilidosos, fecundos — são quase sempre o resultado do interesse pela Matemática.

E por hoje ponto final. Estamos em férias e é preciso divertirmo-nos.

NOTA — A propósito de diversão: chegai junto de um amigo mais ou menos da mesma idade e dizei-lhe, sucessivamente:

— Pensa: num número; junta-lhe outro tanto; multiplica agora por dois; subtrai do produto o número em que pensaste; quanto deu?

Ele responde. Fazeis uma pequena conta e — zás! — «pensastes no número tal».

E até podem obter algumas variantes.

Mas vamos lá a saber: que conta faziam há pouco para responder ao amigo que o número em que ele tinha pensado era o número tantos? (Então? É muito simples: suponhamos que ele pensou num certo número x; juntando outro tanto ficou 2x e...)

FERNANDO TAVARES RODRIGUES

Por

manuelagra

ESTOU A CONHECER-TE

Vá. Venham comigo. De mãos dadas. Assim. Como quando fomos para a escola oficial. Lembra-se?

Deixaremos as avenidas vertiginosas à beira do cais.

Com os seus automóveis indiferentes.

Sua gente apressada. Suas arvorezinhas raquíticas fechadas na gaxeia redonda...

Deixaremos, por alguns instantes, a cidade estrebuchando, como o leão apanhado na rede.

Subiremos uma das sete colinas. Qualquer. Em todas elas há jardins suspensos...

Em cada uma delas há um sonho que ainda não acordou.

Menina alfacinha de olhos no mar à espera do noivinho que partiu na nau S. Gabriel, para a Índia...

Poisemos aqui os nossos passos. Nesta clareira do Jardim da Rocha.

Com o seu caramanchão a peneirar o azul do céu...

E os velhinhos sentados.

A' espera...

De quê? Nada mais acontece...

De quem? Ninguém mais aparece...

As mãos muito quietinhas, em cima uma da outra como se se amparassem mutuamente...

Sentemo-nos aqui, ao pé deste companheiro mais idoso. Velhinho Benito! Dá vontade logo de lhe lançar os braços ao pescoço... Perguntamos-lhe como se chama. Dirá que se chama Julio Teixeira.

Bom dia, senhor Teixeira.

Bom dia, meus meninos.

Como ele conversa bem! E com que prazer o faz... Com sofreguidão. Cai-mos que nem sopa no mel, adivinhase...

De repente o senhor Teixeira f'ta um de nós:

—Tu aí, estou a conhecer-te... Tu foste meu aluno... Tu, tu aí, o de remoinho no cabelo...

O de remoinho, o Daniel, fica-lhe um sorriso a meio do caminho.

—Tu, sim... Não te recordas daquela vez que entornaste o tinteiro por cima do caderno? Não te recordas da-

queixa redacção que fizeste sobre os barcos moliceiros da Costa Nova?

—Eu não fui — volta o Daniel.

—Houve uma pausa, um desequilíbrio. O velho pestaneja:

—O teu pai também tem um remoinho?

—Também, sim, senhor.

—É isso... O teu pai é um bom rapazinho... Endiabrado... Como tu, se calhar, hem? Olha..., uma vez...

Era uma vez...

Um conto de fadas.

Adeus, senhor Teixeira.

Adeus, meus meninos.

Meninos que foram dele.

E continuam dele...



TEIXEIRA GOMES

MESTRE DA BELEZA

perder a consciência de si próprio, a sua autonomia. O vulgar nos grandes amores — isso vem nos romances, não é assim? — consiste em o amador abrir inesgotavelmente as comportas do sentimentalismo e aceitar, arrebatado e cego, que o ser amado é o melhor e o mais belo e o mais perfeito dos seres criados ou por criar. Depois, vêm as destituições — sorte de quedas de água onde sentimentalmente se faz muito bramido e muita espuma de retórica...

Pois nada disto, amigos, se encontra em Teixeira Gomes! O caso é tanto mais importante quanto dele se pode dizer que poucos, nas letras portuguesas, alimentaram tão largo, tão profundo culto de beleza.

Nos volumes já saídos das suas Obras Completas — «Cartas a Columbano», «Inventário de Junho», «Cartas sem moral nenhuma» e «Sabina Freire» (peça de teatro) — os nossos leitores maiores de 17 anos podem assimilar o exemplo desse culto de beleza expresso num estilo sugestivíssimo, ágil, cheio de nobre elegância por onde circula um poderoso espírito crítico sempre alerta ante os preconceitos e os lugares comuns.

Éis justamente uma das caracte-

risticas de Teixeira Gomes que mais importa acentuar quando se fala da juventude: a inesgotável lucidez do seu espírito, o gosto de olhar, estudar, compreender o que nos cerca com olhos novos, sem comodismos ou conformismos.

A geografia — e atrás da geografia os homens — tem-nos condenando por demasiado tempo a um extílio a que se chama «extremo-ocidente» da Europa, longe dos grandes centros culturais. O que de grande e criador muitas vezes ocorre lá fora só tarde ou nunca soa às nossas orelhas. Acontece então que vivemos desactualizados e acabamos por cair no extremo de supor que nada valemos.

Valemos, sim! Quando derrubamos a estreiteza dos nossos horizontes e procuramos livremente o «nosso caminho», surgem-nos Teixeira Gomes.

Ora é isso que os nossos jovens amigos devem ter sempre presente ao procurarem o necessário convívio tão grandes exemplos.

As «OBRAS COMPLETAS» de Teixeira Gomes, em publicação, devem-se à iniciativa da «Portugália Editora».

Curso elementar de estenografia

Ainda não foi desta vez que a recapitulação saiu perfeita. Paciência. Vamos repetir (esperando que os leitores nos perdoem) o som *dade-tade* que faltou à chamada na gravura do ultimo numero do *Juvenil*:

assim aproveitaremos ao máximo a sua utilidade.

Abreviatura *simples* é a que representa uma só palavra.

Quanto à sua constituição, as abreviaturas podem classificar-se em abreviaturas base e abreviaturas derivadas.

Abreviatura-base é a que dá origem a outras mais derivadas; a que provém de uma abreviatura-base.

Coom se obtém uma abreviatura-derivada? Com a abreviatura-base mais outro ou outros sons, geralmente o ultimo som da palavra cuja abreviatura se pretende. Nos exemplos que damos os estenogramas rodeados por um círculo são as abreviaturas-base.

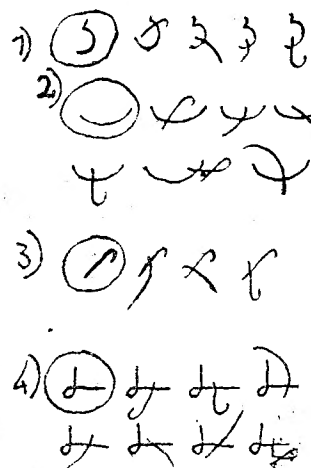
Por. Vade. a do. conseco.

vadas cons + r, constituir, cons + ado, constituido, cons + aro, constituirá; cons + amo, constituimos; cons + ão, constituição, cons + abo-avo, constitutivo.

No terceiro exemplo: *recebe*, recebido, recebera, recebemos.

Quarto exemplo: *comunica*, comunicar, comunicamos; *comunicava* ou *comunicativo*, comunicado, comunicando, comunicação.

Mais algumas abreviaturas para serem aprendidas hoje. Estas são abreviaturas simples:



→ *dade-tade*
depois
desde
fácil
difícil
duplo
entre
alguém
ambas
como
pois

No primeiro caso, a abreviatura é *ag-agradece*. E as derivadas desse grupo: *ag + r*, agradecer; *ag + aro*, agradecerá; *ag + amo*, agradecemos; *ag + ado*, agradecido; *ag + amo*, agradecemos.

No segundo caso, a abreviatura-base é *cons-constitui*. E as deri-

“O Mistério da Estrada de Sintra”

Um dia dois grandes amigos e dois grandes escritores (Viriam a ser grandes escritores, pois então apenas iniciavam a sua vida literária) resolveram meter-se numa grande aventura: Isto, nada mais e nada menos: escrever um romance em folhetins. Até aqui, dirão os nossos jovens leitores, não há maravilha nenhuma. De acordo.

A maravilha começa, com efeito, quando lhes contar o seguinte: cada folhetinista só escrevia o folhetim respectivo depois de ler no jornal o anterior que o colega tinha escrito. Estão a ver o problema, hem? Calculem as ansias em que

ficava aquele que tinha de aguardar que o jornal chegasse às suas mãos, a fim de saber os sarilhos em que o outro o tinha metido.

Mas saíram-se muito bem da tarefa. O romance já foi escrito há muito e muitos anos e ainda hoje continua a agradar e continuará sempre.

Claro que os seus autores se chamavam Eça de Queirós e Ramalho Ortigão... Ora aqui têm uma boa sugestão para o próximo livro que resolverem comprar: «Mistério da Estrada de Sintra», editado pela Livraria Clássica Editora, na colecção das Obras Completas de Ramalho Ortigão.